

Proletários de todos os países UNI-VOS!

Avante!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 8 de Setembro de 1994 • Preço: 150\$00 (IVA incluído) • N.º 1083 • Director: Carlos Brito

A Festa já acabou,
mas a medalha
ainda está à
venda

festa
Avante!
QUINTA DA ATALAIA
2, 3, 4 DE SETEMBRO DE 1994

Festa de luta

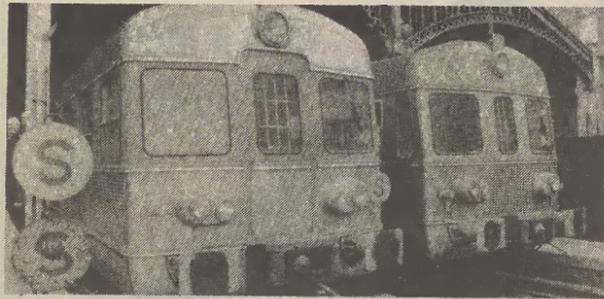


esperança



e solidariedade

Editorial Próximas grandes tarefas



Os maquinistas da CP estão em greve por tempo indeterminado

RESUMO

31 Quarta-feira

Ambientalistas apelam à desobediência civil «sem violências» na Ponte 25 de Abril, como forma de protesto. O Ira declara um cessar-fogo unilateral e por tempo indeterminado. Boris Ieltsin, numa cerimónia de despedida das tropas russas em Berlim, pronuncia uma vibrante homenagem ao papel do antigo Exército Vermelho na Alemanha. A UNITA desiste da governação do Huambo, em troca da vice-presidência de Angola para Savimbi. A França expulsa 20 indivíduos presumivelmente ligados à FIS, em sequência do assassinio de cinco franceses em Argel. O líder da Renamo, Afonso Dhlakama, apresenta a sua candidatura à Presidência de Moçambique. O primeiro-ministro japonês anuncia que tenciona dispendir mil milhões de dólares como indemnização dos estragos causados na II Guerra Mundial pelo Japão contra diversos países asiáticos. A primeira-ministra do Sri Lanka anuncia um levantamento parcial do embargo económico às zonas sob controlo dos separatistas tamíles.

1 Quinta-feira

As portagens da Ponte 25 de Abril começam a funcionar com novas tabelas. Os utentes dificultam o pagamento e protestam com o «buziño». O PCP critica as limitações impostas à comunicação social pelo governo e pela JAE na ponte. A Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública promove várias concentrações de trabalhadores não docentes das escolas, em protesto contra o seu «despedimento colectivo». Rocha Vieira anuncia que Li Peng lhe prometeu a possibilidade de formular a proibição da pena de morte no sistema jurídico-penal de Macau. Americanos e cubanos encontram-se, em Nova Iorque, para discutir problemas migratórios. É iniciado às zero horas o cessar-fogo do IRA. François Mitterrand considera «chocante» e «primitivo» o embargo norte-americano a Cuba. Radovan Karadzic anuncia que tenciona impor um bloqueio aos enclaves muçulmanos, «até que a Jugoslávia levante as sanções contra a Sérvia», da Bósnia.

2 Sexta-feira

A XVIII edição da Festa do Avante! começa na Quinta da Atalaia, no Seixal, sob o lema dos 20 anos do 25 de Abril e em campanha contra o bloqueio a Cuba. No discurso de inauguração, Carlos Carvalhas diz que «é o primeiro-ministro e o Governo que merecem um grande buzino». Os protestos populares continuam na Ponte 25 de Abril. A greve parcial dos maquinistas da CP termina. Cerca de 50 agricultores da zona de Coimbra exigem «indenizações justas e pagas por inteiro» antes que as máquinas do gasoduto entrem nos seus terrenos. A Transgás diz estar disposta a discutir os preços dos terrenos da zona de Alcobaça por onde vai passar o gasoduto. Os grupos paramilitares da Irlanda do Norte assassinam um católico, mostrando que não aceitam o cessar-fogo do IRA. A guerra civil na Tchetchénia entra na via dos confrontos armados violentos. Butros Ghali afirma que os EUA têm o direito de intervir a qualquer momento no Haiti, sem precisarem de fazer qualquer ultimatum. O presidente angolano considera «inaceitáveis» as últimas propostas da UNITA sobre a sua participação nos órgãos de poder em Angola. O governo búlgaro demite-se em bloco. O presidente chinês inicia uma visita oficial à Rússia.

3 Sábado

Segundo dia da Festa do Avante! O buzino continua na Ponte 25 de Abril

O «Expresso» revela que o Governo pretende aumentar a função pública entre 2,5 e 3,5 por cento em Janeiro de 95 e dar mais um aumento intercalar de 2 por cento antes das eleições legislativas. Nelson Mandela, numa visita à Indonésia como presidente do ANC, fala no «direito à autodeterminação» de Timor-Leste. É revelado que a FIS está disposta a «uma trégua militar» e a participar no diálogo proposto pelo presidente argelino. O ministro da Fazenda do Brasil demite-se. O papa João Paulo II anuncia a próxima abertura de relações diplomáticas entre a Santa Sé e os «representantes do povo palestino».

4 Domingo

Terceiro e último dia da Festa do Avante! Os protestos populares não cessam na Ponte 25 de Abril. A Cooperativa Agrícola de Vila Verde adere à Agros. No nordeste transmontano, deflagram vários incêndios a um ritmo intenso. É lançado um alerta pelas Associação dos Utentes de Sangue: todos os hospitais públicos de Lisboa, Alentejo e Algarve estão sem sangue suficiente para responder às necessidades. As milícias paramilitares protestantes fazem explodir uma viatura, em Belfast, perto do centro de imprensa do Sinn Féin. É anunciado que cerca de 900 muçulmanos bósnios foram expulsos pelos sérvios da Bósnia e que centenas de outros deverão ter o mesmo destino até à próxima quinta-feira. Jacques Delors diz que a construção da Europa não pode assentar apenas em pressupostos económicos. O governo sudanês acusa o exército egípcio de ter atacado o porto de Challal, na região fronteiriça de Halaib.

5 Segunda-feira

A Associação de Utentes da Ponte 25 de Abril apela ao governo que «renuncie à violação da legalidade e à fuga desesperada para a frente, encetando o diálogo sem mais perdas de tempo». Os protestos continuam na ponte. Os maquinistas da CP iniciam uma greve por tempo indeterminado às horas extraordinárias. A CGTP exige que o Ministério da Educação tome medidas para acabar com a violação da legalidade no despedimento colectivo de mais de 6 mil não docentes. Realiza-se uma reunião do Conselho Permanente de Concertação Social, em Lisboa. Delegações do MPLA e da UNITA voltam a sentar-se frente-a-frente em Lusaca. O governo argelino inicia conversações com os partidos da oposição, procurando um fim para a violência fundamentalista. Um soldado israelita foi assassinado e dois foram feridos num ataque reivindicado pela Jihad Islâmica. Inicia-se uma conferência internacional sobre as perspectivas da energia nuclear, na Áustria. É inaugurada a Conferência Internacional da ONU sobre População e Desenvolvimento, no Cairo.

6 Terça-feira

Os protestos antiportagem prosseguem. O primeiro-ministro irlandês e o presidente do Sinn Féin apelam aos unionistas para que se consiga resolver o problema do Ulster, e afirmam o desejo de um acordo «durável e equitativo». O governo indonésio desmente notícias de que responsáveis militares mantiveram negociações com Xanana Gusmão, em que presumivelmente a possibilidade de um referendo foi abordada. Ocorre uma reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros da União Europeia e dos países da África Austral, em Berlim. O Papa João Paulo II cancela a sua visita a Sarajevo. Três incêndios lavram na região da serra da Estrela.

Próximas grandes tarefas

ções políticas que, subjectiva e objectivamente, prejudicam esta luta.

A tónica política da Festa do «Avante!» foi, no entanto, a que Carlos Carvalhas traduziu expressivamente ao afirmar: «Do que Portugal precisa é de uma nova política que promova o desenvolvimento e o investimento, que estimule e apoie quem trabalha e produz, que defenda os interesses nacionais na Comunidade Europeia e que exija a concretização do princípio da coesão económica e social, que aplique os fundos estruturais segundo critérios de eficácia e transparência e não segundo critérios politiqueros, de clientelismo e favoritismo.»

Foi a partir daqui que o Secretário-Geral do PCP apontou as grandes

Estes factos bastam, porém, para demonstrar que não é possível abordar a necessidade de intensificar a luta contra a política do Governo, tendo em vista a sua derrota e substituição, sem se criticar severamente o PS pelos comportamentos e posições políticas que, subjectiva e objectivamente, prejudicam esta luta.

tarefas que, do ponto de vista dos comunistas, se colocam nos próximos meses, entre as quais se salientam:

- a «questão fundamental e decisiva do reforço do PCP», aí compreendida a Conferência Nacional, que se vai realizar em Novembro, com o objectivo de «Renovar e reforçar a organização, a intervenção do Partido no seio dos trabalhadores»;

- os «Debates com o País para uma Nova Política», que será «um vasto, diversificado e descentralizado conjunto de iniciativas de diálogo e de debate aberto do PCP com a sociedade»;

- «o esclarecimento, a intervenção e a luta» contra a hipocrisia e a chantagem do Governo e do grande patronato na chamada concertação social e, em geral, a dinamização da luta de massas;

- «a batalha pela defesa do carácter progressista da Constituição e contra uma revisão de conteúdo anti-democrático»;

- a solidariedade e apoio firme à justa luta dos utentes da Ponte 25 de Abril contra o pagamento e o aumento da portagem;

- a preparação da «dura e exigente batalha» das legislativas do próximo ano.

Estas é que são as direcções de luta que dominam as atenções dos comunistas, que estarão no centro da sua actividade e que acabam de receber um grande impulso na Festa do «Avante!».

Já depois da Festa, há desenvolvimentos a registar, tanto na questão da Ponte, como na da concertação social.

Em relação à Ponte, Cavaco Silva voltou a reafirmar, na entrevista à SIC, a teoria de que o aumento da portagem tem em vista o financiamento da nova ponte do Montijo, o que só confirma a ilegitimidade do aumento, que tem assim um carácter de imposto (agora reconhecido pelo próprio Primeiro-Ministro) e é aplicado discriminatoriamente a uma parte da população - a que passa na Ponte 25 de Abril. Não pode ser!

Cavaco Silva declarou, também, que não vai recuar, mas isso já dizia o ministro Ferreira do Amaral antes de 24 de Junho. Significa, no entanto, que é preciso aumentar o buzino e toda a luta e para que o Governo recue.

Em relação à concertação social, o Governo apresentou, finalmente, a sua proposta. É, como se previa, um documento genérico, omissivo no que toca às reivindicações dos trabalhadores, mas bastante preciso em relação às grandes orientações do capital: flexibilização das leis do trabalho, moderação salarial, alterações ao regime da segurança social, benesses fiscais ao patronato.

Sabe-se muito bem o que tudo isto quer dizer: menos direitos, maior exploração, degradação dos salários reais e nenhuma garantias contra o desemprego.

A proposta do Governo é, aliás, irmã gémea do projecto de revisão da Constituição do PSD, em matéria de direitos laborais, que os deputados laranja pretendem reduzir drasticamente ou mesmo eliminar.

Não faltará, no entanto, a propaganda hipócrita e demagógica do Governo e do patronato (e vamos ver o comportamento da UGT) para obscurecer estes sinistros objectivos.

Todo o esclarecimento não será de mais para sustentar as justas posições dos trabalhadores e do movimento sindical unitário e mobilizar as solidariedades indispensáveis em apoio de uma luta que terá de ser coesa, firme e determinada.

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português
Rua Socio Pereira Gomes
— 1699 Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:
Rua Socio Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX.
Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90,
7.ª-A, 1100 Lisboa.
Capital social: 15 000 000\$00. CRC matricial: 47058.
NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis, 90, 7.ª-A,
— 1100 Lisboa.
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11
Fax: 815 34 95

Alterações de remessa:
Até às 17 horas de cada sexta-feira.
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTA PRESS

Delegação Lisboa:
Tapada Nova
Capa Rota — Linho — 2710 Sintra
Telef. (01) 924 04 47

Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lt. 227 — 4470 Maia
Telef. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7.ª-A, 1100 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90, 7.ª-A, 1100 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composição e Impressão
Heska Portuguesa, SA
R. Elias Garcia, 27
Venda Nova — 2700 Amadora
Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS *

PORTUGAL (Continente e Regiões Autónomas)
50 números: 6 750\$00
25 números: 3 487\$50

ESPAÑA
50 números: 13 300\$00

EUROPA
50 números: 24 750\$00

GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE E MACAU
50 números: 26 650\$00

EXTRA-EUROPA
50 números: 39 950\$00

* IVA e portes incluídos

Nome _____ Telef. _____

Morada _____

Código Postal _____

Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

O peso da juventude

Foi significativa, desta vez, a repercussão da Festa do «Avante!» na comunicação social.

Com melhor ou pior vontade, concedendo-lhe mais ou menos espaço, com maior ou menor isenção (e até sem qualquer espécie de isenção e com muita deturpação), nenhum órgão importante de comunicação social deixou de falar da nossa Festa.

O mérito é, acima de tudo, da Festa, do prestígio que conquistou e do interesse que desperta em largas camadas da opinião pública!

Não faltam, naturalmente, cronistas, analistas e comentaristas que não conseguem esconder a raiva, ou o incómodo, ou a dor de cotovelo que o sucesso da Festa lhes provoca e procuram todos os pretextos para a denegrir ou inventam «resultados» para a «deitar abaixo».

É, por exemplo, o caso de

Marcelo Rebelo de Sousa que, discreteando na TSF, no Domingo, ao almoço, portanto já depois da avalanche de Sábado à noite que inundou todos os recantos da Atalaia, asseverava: «uma mobilização muito aquém dos velhos tempos».

Este, apesar de tudo, depois de comparar a tal «mobilização muito aquém» com as últimas que tem visto ao PSD e ao PS, ainda reconhecia «o PCP aguentou, continua a aguentar.»

A presença da juventude, numerosa e crescente, na Festa do «Avante!» é, no entanto, o facto que mais mexe com a generalidade dos comentadores adversos.

Já vão longe os tempos em que se pretendeu inculcar a imagem dos cabelos brancos ou dos rostos marcados pelos anos para a apresentar como uma festa passadista ou «um piquenique de reformados».

A linha de ataque à Festa,

pelo lado da sua composição etária, passou a ser outra: ou o denegrimto da Festa pelo denegrimto da juventude, dos seus gostos e hábitos, no estilo do ataque à «geração rasca» ou o denegrimto da Festa porque «a juventude vai lá mas está-se nas tintas para as suas mensagens e valores políticos e ideológicos».

Foi com esta última tese, que um ensaísta do PSD e anticomunista profissional, Vasco Rato, veio investir contra a Festa e o PCP, num artigo do DN, da passada segunda-feira.

Disse ele: «Ano após ano, os comunistas portugueses iludem-se com a afluência da juventude que, simplesmente, quer ouvir grupos musicais a um preço acessível.» (Que profundidade de análise, basta lê-lo para se perderem as ilusões!...)

Vê-se que este Rato nunca assistiu, ou se assistiu não percebeu, ao vivo diálogo que se estabelece no comício (de todas

as últimas Festas) entre os oradores e a grande massa dos participantes jovens - participantes no pleno sentido do termo pela real influência que tem nas mensagens políticas mais sublinhadas.

Diga-se, também, que o citado «pensador» laranja não está assim tão seguro da sua avaliação do baixo peso da juventude na Festa do «Avante!», pois conclui o seu artigo a advertir que «o PCP poderá vir a ser um partido do futuro próximo».

O perigo viria, segundo Rato, da «convergência de esquerda». Por isso avisa ameaçador: «Essa decisão cabe a António Guterres.»

Ora aqui temos como, a propósito do peso da juventude, se esclarece quem tem medo da «convergência de esquerda» e a quem favorece quem a contraria...

■ Carlos Brito

O regresso do velho truque

Na manhã de segunda-feira, reportando-se aos discursos na Festa do Avante!, o «DN» gritava em manchete que «PCP elege PS inimigo principal».

Está tudo certo: o «DN» limitou-se a levar à primeira página essa edificante tendência para, antes mesmo de os leitores terem acesso aos factos e ao que efectivamente foi dito, serem logo «educados» e influenciados por preconceituosas interpretações jornalísticas.

Na tarde do mesmo dia, em conferência de imprensa, o dirigente do PS, Jorge Lacão, proclamava inovadoramente que «fazer do PS o seu adversário principal é uma velha obsessão do PCP sempre que se aproximam eleições» e acusava o PCP de ser «muleta» do PSD.

Está tudo certo: o dr. Lacão estava talhado para a função e para a ocasião, pois, como se recordará, ganhou na Primavera deste ano as estrelas de general no combate ao PSD graças a um célebre artigo que escreveu contra... Mário Soares a pretexto do Congresso «Portugal: que futuro?».

Não tendo o PCP a «obsessão», nem nova nem velha, de que fala o dr. Lacão, o que é, entretanto, absolutamente evidente é que o PS ressuscitou o velhíssimo truque de, «sempre que se aproximam eleições», se armar caricatamente em vítima e procurar desviar a discussão das suas efectivas responsabilidades, lançando a cortina de fumo de que o PCP faria do PS o seu «inimigo» ou «adversário principal».

O dr. Lacão e outros dirigentes do PS dirão o que quiserem e darão as piruetas que entenderem mas há coisas que não podem mudar.

Por exemplo, não podem mudar a história e vir dizer que foi o PCP, e não o PS, que governou com o CDS e com o PSD; que foi o

PCP, e não o PS, que negociou e aprovou com o PSD três revisões constitucionais que muito favoreceram o avanço da ofensiva do PSD; que foi o PCP, e não o PS, que nas autárquicas de 85, já com Cavaco Silva à frente do PSD, fez mais de 40 coligações com o PSD contra a gestão CDU; etc., etc., etc.

Para além da história e mesmo das justas acusações e críticas do PCP, o dr. Lacão e os outros dirigentes do PS têm ainda um pequeno problema que são as arrasadoras confissões de destacados companheiros de partido.

Entre muitos outros exemplos, basta lembrar que foi Daniel Bessa, porta-voz do PS para a Economia, que disse que o que separa o PS do PSD «é muitíssimo menos que o que os une»; que foi Eurico de Figueiredo, porta-voz do PS para a Saúde, que disse que «o socialismo democrático do PS e a social-democracia do PSD» não diferiam muito, que disse dar «um voto de plena confiança a [Paulo] Mendo» e que essa sua atitude era «fruto do diálogo e do apoio de Guterres», e que disse que PS e PSD «no fundo, entendem-se no fundamental, e isso é muito bom porque os dois partidos farão alternâncias democráticas».

É por isso que ficamos agora a aguardar ansiosamente que o dr. Lacão dê uma de duas conferências de imprensa: ou aquela em que acusará estes responsáveis socialistas de fazerem do PS o seu «adversário principal»; ou então aquela em que os acuse de fazerem do PSD o «amigo principal» do PS.

É só escolher!

■ Vítor Dias

Não há festa como esta

Pois é, ó ilustres comentadores e analistas e etc. e tal do Público e Cia: por muito que vos custe - e custa-vos muito - a Festa foi um êxito. Tenham paciência e bebam mais um copo que isso passa. Vocês não queriam que a Festa fosse o que foi: vocês tinham previamente decidido o que seria a Festa; vocês já tinham constatado o «fracasso» dos espectáculos; vocês já tinham anunciado o vosso enfado quando à «bizarra» exposição Que Viva Abril; vocês já tinham concluído que o Teatro que foi à Festa não devia ser aquele, antes deveria ser outro; vocês já tinham decidido que era «horroroso» dezenas de milhar de pessoas juntarem-se e - vejam bem! - comerem e beberem (pior ainda: comerem o crime horrendo de comerem febras na brasa); vocês já tinham obituado a solidariedade internacionalista; vocês já tinham condenado à morte essa coisa antiquada e «ultrapassada» que é

comemorar a Revolução de Abril; vocês já tinham decretado que a Festa «foi um ritual». Vocês já tinham, antes da festa, decidido tudo sobre a Festa. Vocês pegaram nos textos que vocês próprios ou gémeos vossos escreveram em anos anteriores e reincidiram na sua publicação.

Vocês conceberam uma Festa à imagem dos vossos desejos e interesses, descreveram-na e fecharam os olhos e os ouvidos à realidade que foi, que é, a Festa. Só que, ó ilustres, a Festa mais uma vez trocou-vos as voltas: olhou-vos de frente, soltou uma sonora gargalhada e a alegria, a fraternidade, o convívio, a camaradagem, a cultura, a arte, o desporto, a gastronomia (incluindo as febras na brasa), o artesanato, o debate político, a solidariedade concreta, deram as mãos mais uma vez e, mais uma vez, durante três dias, transformaram a Quinta da Atalaia num espaço

com sementes de Futuro. Da situação do País diz-se, dizendo a verdade, que é pior de ano para ano; da Festa pode dizer-se, dizendo a verdade, que é melhor de ano para ano.

Vocês, ó ilustres, ó pobres coitados, vocês são dignos de dó: entaipados num mesquinho sectarismo político, empurrados de raivas e ódios e dores de cotovelo, vocês são incapazes de ver e de viver a vida e a realidade.

Tenham vergonha, deixem-se disso, deem fora esses complexos patetas, venham à Festa e vejam-na como ela é: se assim fizerem, garanto-vos que sairão da próxima Festa muito mais satisfeitos convosco próprios, com o Mundo, com a Vida; se assim fizerem sairão da próxima Festa com um alegre «até para o ano». Porque, acreditem, «Não há Festa como esta».

■ José Casanova

IRLANDA

Caminhos da Paz

Nos percursos longos e milenares dos Homens, dos povos, nas estradas da vida quantas vezes a pergunta estalou nos momentos mais difíceis, quando tudo parece perdido.

No fundo, as vitórias alcançadas ao longo da história da humanidade à custa de sacrifícios incontados e incontáveis, confirmam que vale a pena lutar por ideais justos e libertadores.

Nem sempre temos, no tempo presente, a ideia da tensão, do sacrifício heróico, do desespero que a realização dos ideais de justiça acarretaram.

É, entretanto, gratificante saber que não seria possível sermos o que somos, nem beneficiarmos das conquistas que defendemos sem esse lastro de milhares de lutas pela liberdade, o progresso social e a democracia.

Neste tempo de Rei Mercado em que os valores se compram na Bolsa de valores, é bom que os que lutam por outros valores se certifiquem que é possível, apesar da nova ordem mundial, alcançar vitórias, desde que lutem e não se resignem.

Valem estes parágrafos como intróito para a corajosa e heróica luta de séculos do povo irlandês contra o colonialismo britânico e os seus aliados locais.

É que, às portas do século XXI, o colonialismo não foi ainda irradicado da própria Europa. Os seis condados que constituem o Ulster, ocupados pelas tropas britânicas, para dividir um país que sempre foi uma ilha única e una e proteger os seus fantoches, são um indelével testemunho desses restos coloniais que teimam em prolongar-se. Essa ocupação acarretou um rol de mortes, perseguições, prisões e negação dos mais elementares direitos cívicos aos republicanos e democratas irlandeses que não aceitaram essa divisão imposta por Londres. O dossier Irlanda não era mais escaldante porque no seio da CEE, NATO, UEO e no Ocidente, a Inglaterra contava com a convivência das várias potências.

Neste tempo de apelo à resignação e ao arrependimento, vale a pena recordar a secular luta do povo irlandês contra a ocupação britânica e suas várias armadilhas (incluindo religiosas) para tentar dividir os irlandeses.

Adizermos isto não nos move nenhuma admiração por métodos de luta utilizados pelo IRA, mas sim pela incansável e pela persistente luta do povo irlandês pela sua libertação e pela democracia. Move-nos a admiração por todos quantos confiando na luta por uma Irlanda reunificada e republicana deram a sua vida, como, na década de oitenta, Bobby Sands e outros heróis irlandeses que realizaram greves de fome até à morte, face à criminosa intransigência de Thatcher.

Ao cabo e ao resto, como sempre na História, para saciar os privilégios dos ocupantes e dos exploradores, milhares e milhares de vidas foram sacrificadas, mas sem esse sacrifício seguramente que não haveria agora as tréguas assinadas.

As tréguas assinadas pelo IRA e pelo governo britânico poderão permitir que a paz regresse à Irlanda unificada, democrática, republicana, livre e independente. Assim sendo, valeu a pena lutar, pois no meio das incertezas quanto à futura paz, ficamos com a certeza que sem a luta do povo irlandês não era possível obter a futura desmilitarização e retirada das tropas inglesas da Irlanda do Norte e a reunificação da Irlanda.

DL

Intervenção de Carlos Carvalhas

Do que Portugal precisa é de uma nova política

Camaradas e amigos,

Esta é a Festa da alegria, da juventude, do convívio e da confraternização, da música e da cultura, do debate e da mensagem política, Festa do «Avante!», Festa dos comunistas e dos democratas, espaço de afirmação dos valores e ideais de Abril, do respeito pelo trabalho, da valorização do papel da classe operária e dos trabalhadores na vida nacional, da solidariedade para com os povos em luta e as forças progressistas, espaço de afirmação do PCP, do seu património, da sua história, da sua identidade, dos seus ideais, propostas e projecto.

O que aqui nos traz, homens, mulheres e jovens das mais diversas profissões e regiões, é esta grande confraternização colectiva, é este grande Partido, é o nosso apego à liberdade e à justiça, a uma elevada e generosa concepção da acção política, a vontade de mudar, de transformar e de construir.

O que aqui nos traz é a firme determinação de prosseguir a luta e com base nela uma grande confiança no futuro, no Partido que somos e que queremos continuar a ser, o Partido Comunista Português.

O que aqui nos traz e nos une é a vontade de mobilizar esforços e energias para defender o regime democrático, pôr fim à política de direita e dar curso a uma política ao serviço dos trabalhadores, de Portugal e da independência nacional.

E para aqueles que, ano após ano, decretaram a nossa morte, o nosso declínio, o nosso apagamento, aqui têm também mais uma resposta nesta magnífica festa, neste forte colectivo, unido sereno, determinado e confiante, homens mulheres e jovens que sabem o que querem e que sabem porque lutam: pelo povo, por Portugal, pela democracia, pelo socialismo.

Camaradas,

A nossa Festa decorre num momento particularmente importante da vida nacional assinalado por um continuado agravamento da situação social, pelo alastramento do descontentamento e das lutas populares e pela redução da base de apoio do PSD confirmado pelos dois últimos actos eleitorais. Decorre também num momento em que vai ter lugar uma revisão constitucional onde se perfilam sérias ameaças ao regime democrático e antecede um calendário eleitoral decisivo (legislativas e presidenciais) que decorrerão no próximo ano e meio.

Importa por isso que, desta tribuna privilegiada, o PCP se dirija aos trabalhadores e ao povo português para deixar bem clara a sua avaliação da presente situação e o fundamental da sua orientação e mensagem.

Que é, em primeiro lugar, de confiança no futuro alicerçada na nossa capacidade, na nossa intervenção, nas perspectivas que se rasgam e na capacidade decisora do povo a que nos orgulhamos de pertencer. E que não subestimando problemas, dificuldades e obstáculos e muito menos caindo no campo oposto do conformismo ou dos que baixam bandeiras perante a dureza das batalhas, nos conduz a sublinhar os factores positivos e o papel decisivo que a acção colectiva, a luta de massas e a perspectiva do seu desenvolvimento são chamadas a desempenhar na transformação das presentes condições da vida nacional.

Que salienta não só a imperativa necessidade, como a real possibilidade e as potencialidades existentes para ser posto fim a quase uma década e meia de domínio político por parte da direita, e em particular ao longo consulado cavaquista dos últimos nove anos.

E, por último, a afirmação solene que aqui queremos deixar ao povo português, a todos os portugueses que se manifestam justamente preocupados com o futuro de Portugal, e de modo muito particular a quantos se vêem confrontados com situações difíceis e penosas carências: que podem contar com o PCP.

Este é o Partido que esteve, está e estará na luta quotidiana em torno dos problemas concretos e imediatos dos trabalhadores e das restantes camadas laboriosas.

Este é o Partido que não vira as costas às dificuldades e que mobiliza a resistência à política da direita e perspectiva a passagem à ofensiva que conduza finalmente ao afastamento do PSD e de Cavaco Silva do poder.

Este é o Partido que, com a firmeza dos seus princípios, com a força das suas convicções, o valor das suas propostas e do seu projecto, as suas raízes populares e nacionais, não abdica da luta, diz a verdade ao povo, apresenta propostas e soluções e cumpre o que promete.

Este é o grande partido da esquerda, partido da alternativa, o partido da mudança, que se assume serena e responsabil-

mente como força indispensável e insubstituível para a abertura de um novo curso democrático no nosso país.

Os comunistas partem desta magnífica Festa do «Avante!» animados e mobilizados para a concretização desta perspectiva.

Levá-la a todas as organizações e membros do Partido, propagá-la a toda a sociedade é tarefa que importa concretizar. É necessário que se multipliquem as lutas e o combate à política deste Governo, com um «reinício» da actividade política dinâmico, ofensivo e de combate.

O falhanço de uma política e a mistificação de uma retoma

Depois de ter tentado tapar o sol com a peneira, negando a crise com a teoria do «oásis», o governo do PSD investe agora noutra miragem, a de que o país entrou numa franca «recuperação económica» e que os resultados são «promissores».

De facto, com o aproximar das eleições legislativas, o Governo, dia sim dia não, pela voz deste ou daquele ministro ou do Primeiro-Ministro, vem declarar que a retoma já está aí, procurando com estas afirmações criar a ideia de que só são precisos mais uns sacrifícios, que o pior já passou, que vem aí a prosperidade e que portanto estamos no bom caminho. É uma perfeita mistificação. Depois dos valores negativos em relação à produção, investimento, exportações, qualquer acréscimo traduz-se estatisticamente numa melhoria. Mas isso não significa uma alteração qualitativa da situação e muito menos uma alteração estrutural, ou a melhoria da situação social.

A verdade é que estamos no terceiro ano em que nos afastamos da média comunitária e, quanto ao bom caminho, o que se vê e o que as previsões apontam é para a continuação do aumento do desemprego e do trabalho precário, para a continuação das falências, para a desertificação e envelhecimento do interior do país e para a acentuação da crise da agricultura, cada vez mais desprotegida e endividada.

O «bom caminho» do PSD é o sim para o grande capital e para o capital estrangeiro que se vai apoderando do nosso mercado interno e de importantes empresas facilitado pelas negociatas, o regabofe e os escândalos das privatizações, com as consequentes reformas antecipadas e o aumento do desemprego. É um «bom caminho», mas para as actividades especulativas e parasitárias e para as clientelas do PSD. Aliás, ficou-se agora a saber que o Governo há muito sabia do caso Totta e que mentiu mais uma vez ao povo português.

Não. Este não é o caminho que tira o País do atoleiro das dificuldades, não é o caminho que serve o desenvolvimento e a melhoria do nível de vida dos trabalhadores, dos agricultores e pescadores, dos pequenos e médios empresários, de quem trabalha e vive do seu trabalho.

É preciso dizer basta às negociatas e à corrupção, ao clientelismo, à submissão do interesse nacional ao interesse estrangeiro, ao prolongamento da crise económica, à redução do poder de compra da generalidade dos cidadãos e ao aumento do desemprego, à degradação da situação social e aos dramas vividos por muitos milhares de famílias.

É preciso dizer basta a um governo que procura por todos os meios que sejam os trabalhadores e as suas famílias a pagarem a factura da crise devido à sua política. É preciso dizer basta a um governo que, injusta, arrogante e teimosamente, persiste nos aumentos da Ponte 25 de Abril.

A grande vaia, o grande buzinao de protesto e resistência dos utentes, que daqui saudamos, é a resposta e a expressão da derrota de uma desavergonhada e imoral campanha de propaganda que esbanjou 300 mil contos, paga com o dinheiro de todos nós. É caso para dizer: Basta, Sr. Ministro da Obras Públicas, Basta, Sr. Primeiro-Ministro, tenham respeito pelo dinheiro dos contribuintes! Tenham menos arrogância e mais vergonha!

Do que Portugal precisa é de uma nova política que promova o desenvolvimento e o investimento, que estimule e apoie quem trabalha e quem produz, que defenda os interesses nacionais na Comunidade Europeia e que exija a concretização do princípio da coesão económica e social, que aplique os fundos estruturais segundo critérios de eficácia e transparência e não segundo os critérios politiqueros, de clientelismo e favoritismo. Que não entregue as alavancas fundamentais da economia ao domínio do grande capital e do capital estrangeiro que defenda a produ-

ção nacional (pescas, agricultura, indústria) e que não a esmaque e substitua pela produção estrangeira. Que através da política orçamental cambial e financeira, da melhoria da gestão e organização das empresas modernize o aparelho produtivo e aumente a sua eficácia e competitividade. **Competitividade** que não pode ser alcançada através da redução dos salários e da liquidação de direitos dos trabalhadores. A competitividade de que fala o Primeiro-Ministro é a intensificação da exploração, é a do baixo nível dos salários, baixas qualificações relativas e subinvestimento na área social, que estão a manter o país amarrado a produções de fraco nível tecnológico e baixo valor acrescentado e a travar alterações na especialização produtiva essenciais ao efectivo desenvolvimento económico do país no presente contexto comunitário e internacional.

Por isso, o PCP recusa, com firmeza, uma política que está a condenar às reformas antecipadas e ao desemprego centenas de milhares de trabalhadores, com destaque para as mulheres e para a juventude e por isso a JCP, que daqui saudamos, decidiu emprender uma campanha contra o flagelo do desemprego juvenil, que adquire cada vez mais actualidade e premência, até pelos planos do Governo em acabar com o salário mínimo ou em diminuí-lo para a juventude.

Por isso, o PCP assume o combate à precarização do trabalho e a defesa dos interesses dos trabalhadores que, nessa situação, vêem os seus direitos fundamentais desprotegidos.

Por isso, o PCP proclama que o direito das pessoas idosas à segurança económica e a condições de habitação e de convívio familiar e comunitário, não podem continuar a ser letra morta. Que é justo, indispensável e urgente proceder a uma significativa elevação dos montantes das pensões e reformas, e em particular daquelas que se situam abaixo do valor do salário mínimo nacional, e quando ainda não se calaram os protestos em relação à elevação da idade da reforma das mulheres dos 62 para os 65 anos, não podemos deixar novamente de alertar que o Governo já afirmou ter em estudo planos com vista a **eleva agora a idade de reforma de todos os trabalhadores para os 67 anos.**

Não nos conformamos nem nos conformaremos nunca com uma sociedade dualista em que as desigualdades e a pobreza, nas suas diversas dimensões e os fenómenos de marginalização social, não cessam de alastrar.

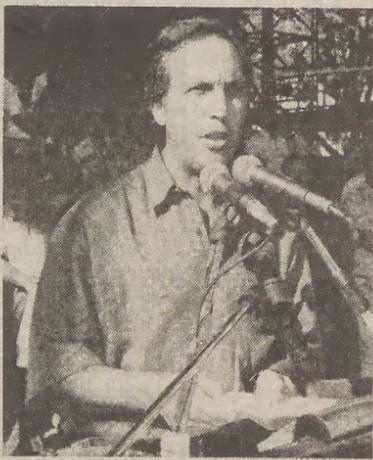
Como partido de trabalhadores, para quem a solidariedade não é apenas uma palavra para ornamentar discursos mas uma atitude quotidiana essencial, assumimos empenhadamente a causa de todos os necessitados e desprotegidos. Fomos pioneiros, na Assembleia da República, na apresentação de um projecto legislativo com vista ao estabelecimento de um rendimento mínimo nacional. É um combate que vamos continuar a travar.

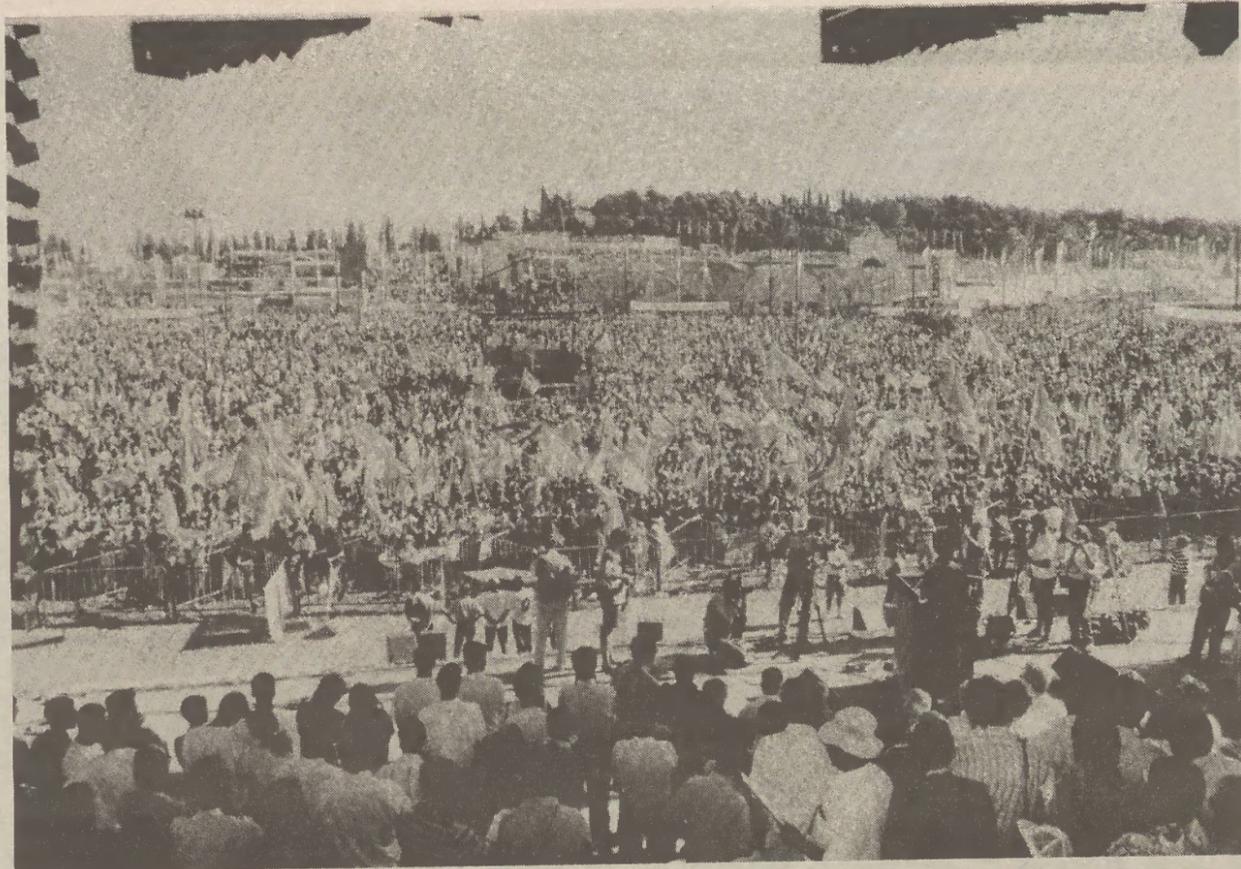
Concertação social ou a intensificação da exploração

Tal como há um ano, o Primeiro-Ministro, em vez de dar resposta aos problemas e de relançar o consumo popular, pela melhoria dos salários e das condições de vida das populações, continua a encenar o teatro da concertação social, em que, a troco de promessas vagas, os trabalhadores cederiam em direitos e regalias concretas e aceitariam medidas de agravamento e de insegurança no emprego.

Tal como há um ano, e dando curso às pretensões da CIP, o Governo pretende lançar duas manobras:

- a intolerável manobra de chantagem que já está em curso, visando as organizações sindicais para que em troca de uma menor redução dos salários reais do que a verificada este ano - em 1995 há eleições -, cedessem em tudo o que é essencial: aumento da precariedade e da insegurança, gravosas alterações à





legislação do trabalho e ao regime da segurança social, maiores facilidades nos despedimentos;

- e simultaneamente, dar a ideia de que há um grande consenso sobre as propostas que estão em cima da mesa, para imputar as responsabilidades das medidas do Governo contra os trabalhadores, às organizações sindicais por estas não cederem às pretensões do Governo.

É o que se chama fazer o mal e a caramunha.

São claros os objectivos do Governo do PSD. O ministro das Finanças mais parece um porta-voz da CIP. Por isso, não pode também deixar de ter significado político o estranho silêncio do PS numa questão tão importante para os trabalhadores, para os seus salários e para os seus direitos.

Estamos confiantes que, com a sua intervenção, protesto, mobilização e luta, os trabalhadores e as suas organizações sindicais, com destaque para a CGTP-IN, derrotarão e condenarão ao insucesso as chantagens e os planos do Governo de fazer pagar aos trabalhadores e de forma «acordada» os custos da sua nefasta política.

O esclarecimento, a intervenção e a luta é o caminho face à hipocrisia, à chantagem e à verdadeira cortina de silêncio à volta dos objectivos do Governo e do verdadeiro conteúdo das propostas do grande capital. Os trabalhadores sabem que é através da luta que se podem derrotar os planos do Governo que visam a penalização de quem trabalha, a redução dos salários reais, a liquidação de direitos e regalias, a inflexível manutenção de uma política conducente ao aumento do desemprego.

É através da luta que se pode derrotar a linha de desresponsabilização do Estado na área social que tem vindo a ser levada à prática pelo Governo nos sectores da saúde, da educação e da segurança social e combater a política de degradação de instituições e serviços públicos, nomeadamente através de restrições de carácter orçamental, que está a ser utilizada para abrir espaço e oportunidades à privatização acelerada de funções e serviços, e a restrições de acesso por razões de natureza económica.

Recusamos a política neoliberal do Governo no sentido de que os portugueses, que já pagam os seus impostos, «paguem a saúde» quando dela necessitam, fiquem dependentes dos seus recursos económicos para que os seus filhos progridam no sistema escolar

ou tenham que recorrer a onerosos seguros pessoais para assegurar uma eficaz protecção na reforma ou na invalidez. E assumimos a defesa de um ensino público e de qualidade, a reforma democrática dos serviços de saúde e a garantia e o aperfeiçoamento da segurança social, direito e património fundamental dos trabalhadores e do povo português.

O reforço do Partido, exigência de uma nova política

A situação nacional impõe aos trabalhadores, aos democratas, aos comunistas, a audaciosa mobilização de todas as forças e recursos. E a sua concentração nas batalhas fundamentais que se perfilam no horizonte durante o próximo ano e meio; as batalhas sociais e de massas, de intensificação da resistência contra a política do PSD, as decisivas batalhas políticas que se avizinham, nomeadamente as eleições para a AR que terão lugar até ao Outono de 1995 e as presidenciais previstas para o início de 1996.

Isto conduz-nos directamente à **questão fundamental e decisiva do reforço do PCP**, como condição essencial para a dinamização do seu papel no desenvolvimento da luta de massas e uma mais eficaz intervenção política, em defesa dos interesses dos trabalhadores e do povo.

Reforço do Partido, de um Partido que não renega, antes afirma e reafirma, a sua identidade comunista, os seus objectivos, o seu compromisso fundamental com a luta pela democracia e pelo socialismo - no presente e no futuro, como no passado - a sua natureza de classe, os seus princípios e ideologia.

Reforço do Partido, de um Partido que assumindo-se como partido da classe operária e de todos os trabalhadores, **simultaneamente considera as alianças sociais básicas com o campesinato e com os intelectuais e outras camadas intermédias, como correspondentes à evolução da sociedade portuguesa e às necessidades da luta pela sua transformação.**

Reforço do Partido em todas as frentes e sectores de intervenção - luta de massas, acção junto e nas instituições, intervenção no seio dos movimentos e organizações unitárias, intervenção política própria, trabalho ideológico. E uma menção especial cabe aqui fazer ao trabalho de reforço, renovação e dinamização da organização, que o Comité Central decidiu recentemente empreender, para o qual são decisivos o envolvimento e a participação do maior número de membros do Partido e o funcionamento democrático e a dinamização das organizações e organismos. É neste contexto que está já a ser preparada e vai ser realizada, em Novembro, a Conferência Nacional do PCP, «Renovar e reforçar a organização, a intervenção do Partido no seio dos trabalhadores», que constitui uma temática crucial para cujo debate importa mobilizar as energias de todo o Partido.

O reforço do Partido e o aumento da sua influência é fundamental para uma verdadeira alternativa democrática.

Mas a concretização de uma verdadeira alternativa não passa apenas pela obtenção de uma nova maioria.

Uma verdadeira alternativa exige uma efectiva ruptura com a política do PSD, exige uma nova maioria e uma nova política.

A **questão da nova política**, o aprofundamento do conteúdo da política democrática alternativa, que corresponda às necessidades e aspirações dos trabalhadores e de sectores muito vastos da população e que sustente com credibilidade junto do povo português o apelo à mobilização e ao voto conducentes ao afastamento da direita do poder e à mudança, constitui, sem dúvida, uma questão muito importante que está colocada a todos os democratas, for-

ças sociais e políticas que apostam num caminho de progresso.

O PCP, em toda a sua actividade própria, tem prestado e continuará a prestar, uma particular contribuição neste domínio.

E assumimos, por decisão do Comité Central, reunido em

14 de Junho último, a «promoção de um grande debate com o País, em que se procurará, com um conjunto diversificado de iniciativas, radiografar a crise económica e social e dar voz e lugar aos problemas e anseios dos trabalhadores e das massas, na procura de soluções e respostas que devem integrar uma nova política».

Os **Debates com o País para uma Nova Política**, cujas características e objectivos serão anunciados mais desenvolvidamente no final do mês, constituem um vasto, diversificado e descentralizado conjunto de iniciativas de diálogo e de debate aberto do PCP com a sociedade, e dirigem-se a **todos os cidadãos** que estão preocupados e insatisfeitos com a situação nacional, que se interrogam a respeito das soluções e dos rumos a adoptar e que aspiram a uma alternativa de mudança real em relação aos governos e à política de direita.

Não partimos obviamente do zero para este conjunto de iniciativas, o PCP colocará naturalmente à reflexão de quem participar o seu próprio património de análises e propostas com vistas a uma profunda viragem na vida política nacional, **o desenvolvimento harmonioso e solidário, a melhoria do nível e qualidade de vida das populações, a consagração da educação e da ciência e tecnologia como vectores estratégicos, a defesa da produção nacional e a modernização do aparelho produtivo, o aprofundamento da democracia política, económica social e cultural, a defesa da soberania e da independência nacional.** Mas é nossa postura fundamental e afirmada vontade, **a de escutar e de reflectir seriamente sobre todas as contribuições, num quadro de assumido estímulo à intervenção dos cidadãos e à democracia participativa e de ampliação de um forte movimento de opinião que contribua para tornar a questão da nova política um eixo central da luta pela alternativa.**

Os perigos da revisão da Constituição

Numa conjuntura da vida nacional marcada pelo agravamento dos problemas do povo e do país e pelo horizonte das próximas eleições legislativas, era essencial que as preocupações e os esforços das forças democráticas e do movimento operário e popular se pudessem concentrar na resistência e no combate à política do Governo, através da dinamização da luta de massas e às exigentes tarefas da luta por uma nova política e por uma alternativa democrática a conquistar pelo voto popular nas próximas eleições.

Infelizmente, com responsabilidades determinantes do PS, que foi quem desencadeou o processo na Assembleia da República, abriu-se mais uma frente de luta: a de uma nova revisão constitucional que comporta gravíssimos perigos para a democracia portuguesa tal como se configurou em resultado da Revolução de Abril.

Desde o primeiro momento que o PCP tornou claro que considera totalmente injustificada e inoportuna a realização de uma revisão da Constituição antes das próximas eleições legislativas:

Primeiro, porque não há nenhuma questão urgente ou inadiável que justifique tanta pressa e precipitação;

Segundo, porque na campanha eleitoral de 1991 nenhum partido apresentou ao eleitorado propostas ou ideias para uma revisão constitucional nesta legislatura;

Terceiro, porque não tendo havido qualquer mudança nas orientações do PS, a abertura de uma nova revisão comporta automaticamente o perigo de repetição dos seus acordos e compromissos com o PSD, tal como aconteceu nas revisões de 1982 e 1989, com a principal consequência de terem facilitado a violenta ofensiva do PSD que hoje sofrem o povo e a democracia.



Intervenção de Carlos Carvalhas



Muitos portugueses não terão nem esta ideia nem esta informação, mas a verdade é que Portugal é certamente o país da Europa, e provavelmente até do Mundo, que no curto espaço de 18 anos depois da sua aprovação, mais vezes reviu a sua Constituição.

E, ficando a saber isto, muitos portugueses perguntarão compreensivelmente qual é a explicação para este facto insólito.

Esta fúria de revisionismo constitucional não resulta de qualquer mania da perfeição, resulta sim de que em Portugal, em 1974 e 75, houve uma revolução democrática que provocou profundas transformações económicas e sociais que a Constituição aprovada em 1976 acolheu e consagrou, resulta sim do empenho do PSD, do CDS e do PS em adaptarem sucessivamente a Constituição à política de direita e em obterem cobertura futura para novas ofensivas.

Ultrapassando, em muitas matérias, o carácter profundamente reaccionário do projecto do CDS, o projecto de revisão do PSD espelha de forma inequívoca um propósito, não apenas de adulteração, mas de profunda subversão e liquidação do regime democrático que ainda está consagrado na Constituição.

São tantas e tão graves as alterações constitucionais que o PSD propõe, que é difícil referi-las em pouco tempo.

Mas é nosso dever alertar para que se trata não tanto de um projecto de revisão da Constituição mas de um projecto de uma outra constituição e de um outro regime, não só completamente esvaziados dos valores e do património de direitos e conquistas democráticas e progressistas do 25 de Abril, mas também completamente subordinados à ideologia, às concepções e aos interesses do grande capital e da política de direita que o serve.

É nosso dever alertar para que o projecto do PSD visa explicitamente:

- consagrar alterações antidemocráticas do sistema eleitoral descaradamente concebidas para favorecer a sua eternização no poder, para favorecer a «bipolarização» PS-PSD, para prejudicar gravemente os outros partidos, através da afectação de proporcionalidade (designadamente nas eleições legislativas, reduzindo o número global de deputados e dividindo os grandes círculos em círculos com um máximo de 10 deputados e, nas autárquicas, atribuindo administrativamente ao partido vencedor a maioria absoluta dos vereadores ainda que só tenha tido uma maioria relativa de votos);

- restringir e limitar drasticamente os direitos dos trabalhadores e designadamente o direito à greve, acabar com as comissões de trabalhadores substituindo-os por uma coisa significativamente baptizada de «conselhos de concertação na empresa» esvaziados de poderes e direitos;

- consagrar uma avassaladora desresponsabilização do Estado nos domínios da saúde, do ensino e da segurança social e obter cobertura constitucional para a política em curso e para os planos futuros que visam descarregar acrescidos e mais gravosos encargos para os cidadãos e fazer da satisfação das suas necessidades básicas um terreno fértil para os negócios privados e uma fonte fácil para os seus chorudos lucros;

- extinguir da Constituição a criação das regiões administrativas do Continente ao abrigo de uma concepção centralizadora e centralista do poder e de defesa do vasto aparelho burocrático, da numerosa «classe política» e das extensas clientelas que o PSD já

hoje controla e serve através das CCR's, numa operação que é acompanhada de argumentos descabidos e terroristas, com destaque para afirmações de Cavaco Silva sobre os custos da regionalização que, de tão desonestas e grotescas mostram bem que não só não respeita o povo português como nem sequer respeita a dignidade mínima que um Primeiro-Ministro devia salvaguardar para si próprio;

- a acentuação da governamentalização do Estado, aumentando ainda mais o peso e o controlo do governo sobre numerosas instâncias e instituições democráticas, como são exemplo significativamente as propostas do PSD em relação ao poder judicial e designadamente ao Conselho Superior de Magistratura;

- suprimir ou reescrever, segundo a cartilha do grande capital e os dogmas do capitalismo selvagem, dezenas de disposições progressistas da Constituição em matéria de organização económica e social, porque para o PSD é intolerável que a Constituição ainda fale de «eliminação dos latifúndios», na legitimidade e possibilidade de «apropriação colectiva de meios de produção e de solos de acordo com o interesse público», de «classes mais desfavorecidas», de eliminação e impedimento da «formação de monopólios privados», de «protecção das pequenas e médias empresas», de «intervenção dos trabalhadores», etc., etc.

Mas as responsabilidades do PS não estão apenas no seu papel de desencadeamento deste processo e no empenho e urgência que nele coloca.

Na verdade, o projecto de revisão apresentado pelo PS propõe-se promover o que chama pomposamente de uma «reforma profunda do sistema político» mas que, no essencial, só agravaria os problemas que o PS, demagogicamente, diz querer resolver.

E, sobretudo, para além de soluções visando assegurar a formação e eternização de governos minoritários, o PS também investe contra o sistema eleitoral vigente, propondo soluções - como a criação de círculos eleitorais em que só se eleja um deputado - que se inserem numa lógica de engenharia eleitoral, de mutilação da proporcionalidade, com a correspondente consequência de alguns partidos passarem a ter deputados que deviam caber a outros partidos - se o voto dos seus eleitores não tivesse sido antidemocraticamente impedido de eleger deputados.

E quanto às eleições autárquicas, é bom que os democratas fiquem a saber que a proposta do PS ainda é mais escandalosamente antidemocrática que a do PSD. Na verdade, o PS propõe-se **acabar com a eleição directa das Câmaras Municipais** passando a ser o Presidente da Câmara o 1º candidato da lista mais votada para

a Assembleia Municipal e criando um sistema cujo resultado prático é que o partido vencedor poderá designar todos os vereadores, liquidando assim totalmente qualquer representação pluralista na Câmara Municipal, o que só favoreceria a impunidade da incompetência, da corrupção e das negociatas, pela ausência de qualquer acompanhamento directo e fiscalização da gestão municipal pelas outras forças políticas!

As mais recentes declarações do secretário-geral do PS só aumentam as preocupações com o que se prepara com esta revisão constitucional.

Com efeito, apesar do Presidente do PS ter declarado há pouco tempo que seria um acto patriótico adiar os trabalhos da revisão para depois das legislativas, o secretário-geral do PS volta a insistir não só na necessidade mas também na possibilidade de concluir a revisão até ao final do ano. Por outro lado, volta a mostrar a maior disponibilidade para os «consensos possíveis» com o PSD e nem sequer foi capaz da elementar coragem de afastar a suspeita de que até pode aceitar a retirada da regionalização da Constituição a troco do apoio do PSD às propostas do PS quanto ao sistema eleitoral, pelo que há todas as razões para se afirmar que **as negociações entre o PSD e o PS já começaram, pelo menos através da comunicação social.**

É fácil de compreender a principal razão da pressa do PS.

O PS quer distanciar o termo da revisão da campanha para as legislativas, porque quer que, quando chegarem as legislativas, os eleitores já tenham esquecido os seus acordos e compromissos com o PSD.

Mas algo mais tem de ser dito sobre esta obsessão do PS em conseguir concluir a revisão até final do ano.

É que este objectivo só seria possível de concretizar, primeiro, através de uma intensa negociação bilateral entre o PS e o PSD fora do normal funcionamento da Assembleia da República; e segundo, desprezando a habitual metodologia parlamentar da revisão e espezinhando os direitos e prerrogativas dos outros partidos.

Que ninguém duvide que o PCP dará firme combate a uma e outra coisa.

Em nossa opinião, **o PS só tem um caminho a seguir** e uma decisão a tomar se ainda quiser fazer marcha atrás nas graves responsabilidades que lhe cabem neste processo e se quiser pôr termo ao triste espectáculo que, semana após semana, está a dar nesta matéria.

É o caminho e a decisão de anunciar que abandonará e adiará este processo e que não negociará nem aprovará com o PSD nenhuma revisão constitucional.

Este não é nem um repto, nem um apelo, nem um conselho do PCP ao PS.

É sim **uma exigência democrática** que corresponde certamente ao sentimento e aspirações de amplos sectores democráticos e corresponde comprovadamente à própria opinião de destacados responsáveis do PS.

E não se preocupe o PS com o facto de isto ser uma sua mudança de opinião.

Um Partido que muda tanto de opinião - normalmente para pior - bem pode, por uma vez, mudar de opinião para **melhor**.

A urgência na revisão da Constituição e na chamada reforma do sistema político aparecem justificadas pelo PS, CDS e pelo PSD com uma grande orquestração ideológica sobre o divórcio dos cidadãos em relação à vida política sobre o desprestígio crescente dos partidos e das instituições democráticas, a desconfiança perante a «classe política», ao mesmo tempo que invocam uma grande preocupação em promover a aproximação entre os deputados eleitos e assegurar maior participação aos cidadãos na vida pública.

Mas que ninguém se deixe enganar com estas palavras hipócritas e fingidas preocupações, porque afinal os partidos que as dizem e enunciam são os mesmos que sempre tiveram medo da intervenção das massas na vida nacional que sempre hostilizaram, caluniaram ou menosprezaram a luta social, que sempre se opuseram aos principais mecanismos de democratização participativa, que transformaram as campanhas eleitorais em campanhas para Primeiro-Ministro apagando completamente os candidatos a deputados e que são também grandes responsáveis por um estilo e uma prática politiqueria e pela atribuição, com oposição do PCP, de chocantes privilégios e mordomias aos titulares de



cargos políticos, que causam compreensível náusea e indignação entre os cidadãos.

Nesta matéria, o que o PS, o CDS e o PSD querem é falar muito dos efeitos para que o povo português não consiga chegar às causas, é sacudir para cima da Constituição e do sistema político as suas próprias culpas e responsabilidades.

Pela nossa parte, insistimos em que o que faz falta não é a crítica e a condenação abstracta de uma «classe política» (a que, aliás, não pertencemos nem queremos pertencer) mas a crítica e a condenação de uma política de classe, contra o povo e ao serviço do grande capital, das forças partidárias e dos políticos que a executam e a servem, como é o caso nomeadamente do PSD e do CDS.

O que faz falta não é o desprezo e a condenação da «política» em geral mas o desprezo e a condenação da política de direita, do PSD e do seu governo.

O que faz falta para fortalecer a participação popular e impedir o divórcio entre os cidadãos e a vida política, não é a montagem de esquemas para alguns partidos que com menos votos tenham mais deputados enquanto outros mesmo com mais votos tenham menos deputados, não é a mistificação da política e da politiquice, não é o estímulo a novas formas de caciquismo, mas o respeito pelos partidos dos seus compromissos, uma política que responda às preocupações e anseios dos cidadãos, o respeito pelos direitos dos trabalhadores e pela opinião e papel das organizações sociais.

O que faz falta não são truques e manobras de diversão para através de meras mudanças de caras, da criação de bodes expiatórios, de golpes de demagogia e de hipocrisia, assegurar a impunidade e a continuação de uma política injusta e incapaz de dar respostas aos problemas nacionais.

O que faz falta é o respeito pelas regras democráticas, é a garantia do pluralismo e do debate democrático sobre os problemas reais, é impedir que nas campanhas eleitorais pese cada vez mais a força do dinheiro e a política-espectáculo, é a informação isenta sobre o que cada partido defende e faz, para que o povo português possa, em liberdade com real conhecimento de causa, saber quem o defende e quem o agride, saber quem é sério e quem o não é, saber quem tem ideias e propostas válidas, saber quem cumpre o que promete e quem sempre promete o bom que não cumpre e sempre cumpre o mal que não promete.

De acordo com as decisões do seu Comité Central, o PCP apresentará proximamente o seu próprio projecto de revisão, não porque esteja de acordo com este processo de revisão, não porque haja alguma questão que tenha especial urgência, mas para que estejam em cima da mesa propostas de real aperfeiçoamento democrático da Constituição e para que o PCP possa ganhar maior capacidade de intervenção no debate e no combate às negativas propostas de outros partidos.

Apelamos aos trabalhadores e a todos os democratas para que compreendam que a revisão da Constituição não é uma guerra de palavras complicadas em torno de um papel mas sim uma batalha política em torno da lei fundamental do país e com grandes repercussões sobre a evolução da vida nacional e com sérias consequências sobre os direitos, interesses e aspirações dos cidadãos.

A todos apelamos para que compreendam que a batalha pela defesa do carácter progressista da Constituição e contra uma revisão de conteúdo antidemocrático não se pode limitar à Assembleia da República, antes exige, como condição essencial para o seu sucesso, que se desenvolva um amplo movimento de opinião que mostre ao PSD, ao CDS e também ao PS, que, como se viu nas importantes comemorações populares do 20º aniversário do 25 de

Abril, os portugueses não estão dispostos a consentir em mais retrocessos em relação a tudo quanto conquistaram com a revolução democrática.

PCP - o Partido de alternativa nas legislativas de 1995

Há um ano, aqui neste mesmo local, tivemos ocasião de deixar bem claras duas ideias fundamentais sobre a posição do PCP quanto à perspectiva política.



Em primeiro lugar, deixámos bem claro que o PCP não se resignava a esperar que o PSD desenvolvesse e adiantasse tranquilamente a sua ofensiva destruidora.

Em segundo lugar, deixámos bem claro que o PCP e os comunistas portugueses lutariam para que, tão cedo quanto possível, fosse colocada na ordem do dia a demissão do Governo e a sua substituição, na base da vontade popular, por um governo democrático com uma nova política.

Um ano depois, podemos dizer que, sem dúvida, o nosso Partido deu uma grande contribuição para que a luta dos trabalhadores e de amplas camadas sociais atingidas pela política do Governo contivesse muitos aspectos da ofensiva do Governo, impedindo-o de realizar todos os seus perigosos planos.

E ninguém poderá negar que o nosso Partido fez tudo o que estava ao alcance das suas forças para que, o mais breve possível, a política de direita fosse interrompida e uma viragem democrática pudesse ser alcançada. E é uma verdade que o Governo está hoje mais desmascarado e desacreditado.

Mas também afirmámos o ano passado que a criação de condições para um mais breve afastamento do PSD do Governo dependia

da complexa conjugação de diversos factores, na evolução dos quais é justo dizer, que acabou por pesar de forma muito importante, a negativa orientação do PS.

Na verdade, ao longo deste último ano, e designadamente em todos os momentos que poderiam favorecer o avanço deste novo processo voltado para a substituição do Governo do PSD, o PS só mostrou três grandes preocupações:

1ª - a preocupação de proclamar que o PSD devia governar até 1995 e de hostilizar qualquer outra evolução no quadro do funcionamento das instituições democráticas;

2ª - a preocupação de hostilizar o crescente movimento de opinião favorável à convergência de comunistas e socialistas com vista a uma alternativa que alastrou até em áreas de influência que lhe são próximas, e combater todas as iniciativas que, não afinando pelos critérios de discriminação anticomunista do PS, exprimiam formas de diálogo aberto e pluralista entre sectores democráticos numa base de reflexão e potencial acção contra a política do PSD;

3ª - a preocupação de tudo subordinar à lógica doentia das suas pretensões e ambições de hegemonia, a uma tática de luta do poder pelo poder em que as dificuldades, carências e sofrimentos do povo são vistos apenas como terreno propício a uma futura capitalização de votos enquanto ao mesmo tempo vão pensando que

não é mau de todo que o PSD vá adiantando serviço em relação a decisões e medidas que o PS, se chegasse ao governo, também adoptaria e tomaria.

Trata-se de responsabilidades passadas do PS que não podem ser esquecidas, mas trata-se sobretudo de orientações de fundo do PS que mostram que a esperança de uma nova política e de uma alternativa à direita não podem vir de um partido que está sempre mais voltado para compromissos com a direita do que com as outras forças democráticas, de um partido que, nas questões decisivas e cruciais, não se distingue do PSD, de um partido que abandonou os grandes valores da esquerda, de um partido cujo grande sonho estratégico não é tanto a derrota do PSD mas o enfraquecimento do PCP para que depois se pudesse finalmente instaurar uma ensonsa «alternância» entre o PS e o PSD em torno da mesma política, de um partido que anda há uma década a proclamar que sozinho pode ter a maioria absoluta quando sabe, tão bem como nós, que uma vez colocado o PSD (e o CDS) em minoria, só haverá maioria democrática contando com o PCP e a sua representação parlamentar.



Intervenção de Carlos Carvalhas

A permanente oposição do PS a soluções de convergência democrática contra a direita foi no passado e é no presente motivo de desgosto, de preocupação e até de desânimo por muitos sectores democráticos e para muitos eleitores que desejariam a criação de uma reforçada dinâmica de mobilização, de esperança e de confiança na batalha eleitoral para derrotar o PSD.

Mas assim como muitas vezes dissemos e reafirmámos que, na luta pela alternativa, o PCP não está dependente nem das respostas, nem dos humores, nem das orientações do PS porque conta sim com o valor das suas propostas e do seu projecto e com o indispensável papel que desempenha na vida nacional, também agora está na hora de dizer a todos os portugueses e portuguesas que aspiram a uma real mudança política que também não devem ficar dependentes nem suspensos de ninguém porque é a sua vontade e são os seus votos que podem decidir efectivamente da conquista de uma alternativa democrática: reforçando o seu apoio ao PCP - o grande partido de esquerda; - o partido de uma nova política; - o partido da alternativa democrática.

As eleições legislativas do próximo ano serão uma dura e exigente batalha.

Devemos contar com a inexcedível falta de vergonha de um partido - o PSD que está há 9 anos seguidos em governos exclusivamente seus, e que detém 15 anos de permanência ininterrupta no Governo e que, entretanto, com ou sem mudança de líder, sempre falou como se tivessem chegado ao Governo há oito dias e como se as culpas e responsabilidades fossem sempre de outros.

Devemos contar com as avalanches de demagogia eleitoralista, seja ela a demagogia das palavras, seja ela a demagogia das migalhas, seja a demagogia das auto-estradas e dos milhões comunitários.

Devemos contar com o terrorismo verbal sobre as infundáveis desgraças e cataclismos que caíram sobre Portugal em caso de derrota do PSD como forma de fazer esquecer as reais desgraças que a política do PSD trouxe ao País.

Devemos contar com o regresso da estafada cantilena da «estabilidade», sempre na esperança de que os portugueses se esqueçam de que a «estabilidade» cavaquista tem sido sobretudo a «estabilidade» para os ricos e poderosos, «estabilidade» para as negociatas das suas clientelas a estabilidade para o saque dos bens do Estado e para o vendaval da corrupção e tem sido sobretudo a instabilidade e a desestabilização da economia, das condições de vida e dos direitos de quem trabalha.

Devemos contar com tudo isto e com tudo o mais que imaginar se possa.

Mas, sobretudo, é preciso que os trabalhadores, os democratas e a maioria do povo português, vencendo manobras demagógicas ou de desmotivação, contem com a sua própria vontade, contem com a necessidade de afirmar a sua própria dignidade, de defender os seus interesses, e tenham plena confiança de que é possível derrotar o PSD e dar outro rumo à política nacional, para bem do povo e do País.



O profundo descontentamento existente com a política do Governo e o grande e diversificado movimento de lutas que marcou o último ano - com destaque para as lutas da classe operária e dos trabalhadores, dos agricultores, dos pescadores, da juventude, dos utentes da Ponte 25 de Abril; o excepcional significado, da participação massiva nas comemorações populares dos 20 anos do 25 de Abril; e os resultados das eleições autárquicas e europeias confirmando a indispensabilidade do PCP para uma verdadeira alternativa à direita testemunham a redução da base de apoio do PSD e do seu Governo, e a força da aspiração a uma nova política, e revelam indiscutíveis potencialidades para uma vitória democrática nas eleições legislativas de Outubro de 1995.

É com este pensamento e com esta disposição que o PCP honrará as suas responsabilidades e ocupará o seu lugar na decisiva batalha política das próximas legislativas.

Camaradas,

Esta nossa Festa do «Avante!», que desde sempre é também uma grande Festa da solidariedade internacionalista, conta com a participação, intervenção e a presença amiga de dezenas de delegações de partidos comunistas e de outras forças democráticas, progressistas e revolucionárias de todos os continentes e que aqui fraternalmente saudamos e a quem transmitimos a solidariedade dos comunistas portugueses.

E quando se verifica uma ofensiva global contra os salários, os direitos e a segurança social dos trabalhadores, o aumento do desemprego, a intensificação da actividade de grupos fascistas e neonazis e de manifestações de racismo e xenofobia; à multiplicação de ingerências e de pressões neocolonialistas, a agudização dos dramas e flagelos dos povos do Terceiro Mundo, tornando a cooperação dos Partidos Comunistas, das forças democráticas, progressistas e revolucionárias, cada vez mais necessária a vossa presença na nossa Festa, tem também, por isso, um particular significado.

A todos queremos reafirmar que o PCP é um Partido que nunca esquece que a grande causa a que consagra a sua luta é também uma grande causa universal, que o PCP é um Partido que nunca esquece a contribuição que decorre para a sua própria luta, das experiências, das lutas, dos êxitos, e dos avanços das forças progressistas dos outros países.

A todos queremos dizer que o PCP é um partido que, sem qualquer hesitação, afirma que, neste final de século ensombrado pelo perigo de intoleráveis retrocessos de civilização, o mundo e a humanidade não precisam menos, antes precisam mais, dos partidos comunistas e de todas as forças progressistas e revolucionárias que, na diversidade das suas orientações e condições de intervenção, prosseguem, com firmeza, tenacidade e empenho renovado, o combate pelos interesses dos trabalhadores, pela libertação da opressão social e nacional, pelo desenvolvimento, bem-estar, progresso social e independência dos seus povos, por transformações progressistas nas suas sociedades.

A gravidade acumulada dos problemas nacionais e a urgência de novas respostas que abram numa perspectiva segura de renovação e de esperança para a vida nacional, mostra também que Portugal não precisa menos antes precisa mais de um Partido como o PCP cuja razão de ser, de viver e de lutar é a defesa dos interesses dos trabalhadores e do povo português, do desenvolvimento, do progresso, da independência da nossa pátria.

Portugal precisa de um PCP mais forte e influente porque, como mais ninguém, o PCP dá garantias seguras de que a sua força e influência acrescidas serão sempre usadas para o aprofundamento dos direitos e liberdades dos cidadãos, da democracia, para melhor responder às dificuldades, problemas e preocupações dos portugueses, para construir uma vida melhor para todos.

Portugal precisa de um Partido como o PCP que mantém viva a confiança na decisão dos homens e mulheres sobre o seu futuro, que mantém viva a sua confiança no generoso projecto de uma sociedade democrática e socialista, que mantém viva a confiança no seu ideal comunista de emancipação humana.

Viva a luta dos trabalhadores e do povo!
Viva a Festa do «Avante!»!
Viva a Juventude e a JCP!
Viva o Partido Comunista Português!



Intervenção de Álvaro Cunhal

Alarga-se e avança
uma vastíssima
frente social

Camaradas e amigos,

O camarada Carlos Carvalhas, secretário-geral do nosso Partido, desenvolverá os mais importantes problemas da situação política actual e das nossas orientações e tarefas.

Nesta minha intervenção, apenas dedicarei curtas palavras a essas temáticas e mais algumas a questões centrais relativas ao nosso Partido - ao que é no presente e ao que é necessário e todos queremos que seja no futuro.

A substituição de Cavaco
e do Governo PSD
entra na ordem do dia

Não é exagero afirmar que está em curso a execução de um calculado plano de destruição do regime democrático nascido com a revolução de Abril.

Já vêm de longe, a partir de sucessivos governos do PS, PSD e CDS, as ofensivas contra as conquistas da revolução democrática. O objectivo central de todas elas foi sempre a restauração do capitalismo monopolista. E, se avançaram passo a passo, não foi porque não quisessem andar mais depressa, mas porque encontraram pela frente a luta dos trabalhadores, do povo, dos democratas mais conscientes e sempre e sempre a luta do nosso Partido, do Partido Comunista Português.

Agora concretiza-se um perigo ainda maior. Cavaco e o PSD, com o colaboracionismo do PS e do CDS, **querem levar a contra-revolução ainda mais longe.**

A revisão da Constituição que estes partidos associados pretendem realizar (e só associados PSD e PS podem realizá-la) nos seus múltiplos aspectos e designadamente através da mudança do sistema eleitoral, seria, se fosse aprovada como eles querem, a completa subversão do regime.

Um tal plano será irreversível? Não. Apesar das grandes dificuldades, **é necessário e possível resistir com êxito à política da direita e ao golpe antidemocrático que pretende realizar.**

A política do Governo fere interesses vitais da maioria da população. Ao mesmo tempo que diminui a base de apoio a Cavaco, e à política de direita, **alarga-se a base social e política de apoio para uma alternativa democrática.**

O recurso pelo Governo à intimidação e à repressão não é sinal de força, mas de fraqueza, de insegurança, de inquietação, de nervosismo e precipitação, de que Cavaco, cada vez mais desacreditado, dá cada dia novos exemplos.

A situação não se resolve com a demissão (que entretanto há muito se impõe) de tais ou tais ministros. **O Primeiro-Ministro é o primeiro responsável da política e das actuações de cada um dos seus Ministros. A situação só se pode e deve resolver com a demissão de Cavaco Silva e do seu Governo. A substituição de Cavaco Silva e do Governo PSD e a formação de um Governo democrático entram na ordem do dia.**

A grande frente social
em movimento

Contra a política de direita alarga-se e avança uma vastíssima frente social, abrangendo sectores que têm constituído a maior parte do eleitorado do PSD.

Trata-se de uma alteração real da arrumação de forças e de **uma grandiosa movimentação social que abala os alicerces do poder laranja.**

Tal como a avestruz, que esconde a cabeça na areia, o Governo entra em pânico, recusa-se a reconhecer as realidades, coloca-se fora do país real.

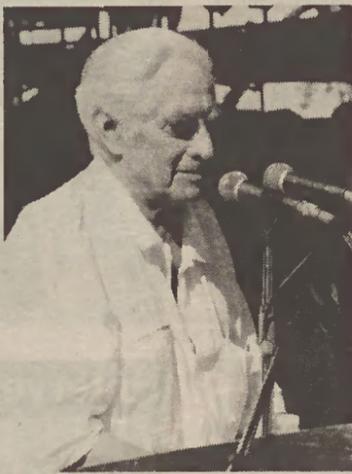
Esta gente só de ouvir falar em «massas populares» fica doente. À vaga de protestos e lutas responde o Governo retomando os velhos chavões de Salazar, de Caetano, da PIDE. Afirma que se trata de «agitadores comunistas» a provocarem a desestabilização e a desordem.

E todas essas afirmações provocatórias para justificar a repressão, para assustar, para intimidar, para cortar o passo às legítimas reclamações das massas populares.

A força bruta não resolve porém questões sociais e políticas. A luta continua, camaradas. E nós, comunistas, a quem nunca intimidou a feroz repressão da ditadura fascista, da qual muitos dos governantes de

hoje são directos descendentes, não são agora as calúnias, as ameaças e a repressão no Portugal democrático conquistado com a revolução de Abril que nos poderão intimidar. Disso pode a reacção estar certa.

Temos lutado e continuaremos lutando no respeito pela legalidade constitucional e democrática. Travaremos a luta através da acção competente e construtiva dos nossos eleitos na Assembleia da República, nos órgãos autárquicos e em todas as instituições da democracia representativa. Também no Parlamento Europeu.



Mas - estando atentos a fim de evitar que o oportunismo se desenvolva por falta de confiança no futuro e em nós próprios, e que o esquerdismo se desenvolva como expiação dos pecados oportunistas - não limitamos nem limitaremos a nossa intervenção a essas formas de intervenção institucional. Exercemos e exerceremos todos os direitos e liberdades que a democracia confere aos cidadãos. Utilizamos e utilizaremos todas as formas de democracia participativa que o PSD despreza e odeia, mas que a democracia reconhece.

A par da luta institucional, **atribuímos papel determinante, à luta popular, às movimentações sociais, às organizações e movimentos unitários.**

À classe operária, a todos os trabalhadores, e à CGTP pela sua luta consequente e recusa firme a integrar-se em operações de concertação social em proveito do grande capital e da política de direita.

Aos agricultores que lutam unidos, ultrapassam preconceitos e fazem corajosamente frente ao Governo.

Aos pescadores que reaparecem com vigor na grande frente social democrática.

Aos intelectuais, que se unem na luta em oposição ao Governo e comprovam que o saber e a cultura são incompatíveis com uma política reaccionária.

Aos militares que se não conformam com uma política que despreza o primado da defesa do território e da independência nacionais e tende a transformar as Forças Armadas Portuguesa num instrumento da estratégia agressiva do imperialismo.

Às populações unidas por vezes em movimentos espontâneos na luta por interesses comuns.

Aos reformados aos quais, além de reclamações imediatas, cabe importante intervenção política que urge desenvolver.

Aos deficientes a quem tem sido recusado o reconhecimento e solução de problemas fundamentais.

E ainda.

Às mulheres, cujos direitos e capacidades, combatividade e coragem o PCP inteiramente reconhece e valoriza, que nos dão a alegria de



contarmos com cerca de 40 mil mulheres nas fileiras do Partido, e que com a grandiosa participação nesta festa e neste comício confirmam que há razões de sobra para confiar em que as mulheres terão activa participação na luta que levará à derrota da direita e à vitória da democracia.

E finalmente, para fechar com chave de ouro, **à juventude, força social que a direita procura comandar e instrumentalizar, mas que toma consciência da capacidade da sua própria intervenção. Juventude que tem o direito a viver com liberdade e alegria tudo quanto a vida lhe pode proporcionar: a natureza, o desporto, a música, a arte, o espectáculo, a dança, a investigação, a defesa do património e do ambiente, e esses dons maravilhosos do ser humano que são o convívio, a confraternização, a amizade e o amor. Juventude que com a imensa participação nesta Festa e neste comício atesta que, entre muitos partidos, existe um partido que é o seu e que esse partido é o Partido Comunista Português.**

E com o Partido, a JCP - a «juventude do PC».

Por muito que a direita feche os olhos à vida, a luta popular é uma força capaz de determinar uma viragem na política portuguesa.

O verdadeiro
partido da alternativa

Assiste-se actualmente a uma propaganda curiosa. Precisamente aqueles políticos mais politiqueros e aqueles partidos, nomeadamente o PSD e o PS, que têm objectivos fortemente centralizadores e pretendem dominar partidariamente a vida nacional, precisamente esses políticos e esses partidos proclamam que são contra os partidos, contra os políticos, pela intervenção directa dos cidadãos, da «sociedade civil».

Hipocrisia e falsidade. **O PSD quer ser o único partido no poder. O PS, com política semelhante, sonha ser alternância mas não é alternativa.**

Com a sua orientação actual de bipolarização e hegemonia, o PS no Governo seria, em aspectos fundamentais, a continuação da política do PSD.

Ninguém se deve deixar enganar pelo palavrório eleitoralista. Precisamente no momento em que Cavaco, o Governo e o PSD sofrem vastíssima contestação, o PS corre em seu socorro, junta-se ao PSD para com a revisão da Constituição e das lei eleitorais, fazer aquilo a que chamam «a reforma do sistema político», ou seja, **a instauração de um regime antidemocrático autoritário.**

A verdade é esta, camaradas. **O único partido que conduz com verdade, frontalidade e coerência a oposição ao Governo, o único que propõe medidas concretas e viáveis para resolver os gravíssimos problemas nacionais; o único que propõe uma nova política, uma política democrática de alternativa à direita, esse partido é o Partido Comunista Português.**

Que fique uma vez mais claro: o PCP nunca será uma mula do PS. E preferimos dizer «mula» a dizer «bengala», porque o PS em política está coxo e uma bengala já não é suficiente para se apoiar.

Pode afirmar-se com segurança que **sem o PCP não é possível uma viragem democrática na política nacional.**

A derrota da direita e da sua política e uma viragem democrática na política nacional depende directamente da força, da influência e da luta do nosso Partido.

A política pela qual luta o nosso Partido está expressa no Programa, em numerosos documentos e projectos de lei, nos objectivos da nossa acção de todos os dias e está em novo desenvolvimento tendo também em vista as eleições legislativas do ano próximo.

Temos de trabalhar para **transformar a oposição social e política de massas já existente em oposição eleitoral ao Governo e à política de direita com uma votação massiva na força democrática mais coerente, naquela sem a qual não é possível uma verdadeira alternativa democrática: o nosso Partido, o PCP, e os outros democratas que lutam ao nosso lado.**

Os comunistas
patriotas e internacionalistas

Tal como não temos que receber lições de ninguém na luta de ontem, de hoje, de sempre, pela liberdade e a democracia, assim também o PCP não tem que receber lições de ninguém na luta, de



Intervenção de Álvaro Cunhal

ontem, de hoje, de sempre, em defesa dos interesses do povo português e de Portugal.

Reparai, amigos. Ao longo de dezenas de anos, os fascistas e reaccionários de todas as espécies, que se afirmavam nacionalistas mas atraíam os interesses nacionais, proclamavam que nós, comunistas, estávamos «ao serviço do estrangeiro». Eis que agora, nos acusam de sermos nacionalistas e de defendermos a independência e soberania de Portugal que eles consideram inadequadas na «nova ordem internacional» imposta pelo imperialismo.

PSD e PS estão unidos numa política de submissão dos interesses e da política de Portugal tanto aos ditames dos Estados Unidos como às decisões de órgãos supranacionais da União Europeia comandados pelos países mais ricos e poderosos ao serviço do grande capital. E, quanto ao CDS, por detrás das palhaçadas demagógicas que misturam um pretenso nacionalismo a um populismo fascizante, o que determina as suas posições são os interesses dos grandes grupos económicos - o que de forma alguma coincide com os interesses de Portugal.

Há um direito que nenhum português e nenhuma força social ou política tem legitimidade para contestar, contrariar e pôr em causa: o direito do povo português defender os seus interesses específicos e decidir da sua política e do seu destino segundo a sua própria vontade.

Somos e sempre fomos patriotas. Mas não somos nacionalistas. Nem partidários de obsoletas soluções de isolamento internacional e autarcia. Respeitamos os interesses dos outros povos e países e defendemos o desenvolvimento da cooperação internacional entre Estados iguais e soberanos.

Mais ainda. Consideramos que a solidariedade recíproca, a amizade e formas de acção comum ou convergente dos trabalhadores e dos povos de todos os países são mais necessárias que nunca. **Somos simultaneamente patriotas e internacionalistas.**

Uma vez mais a Festa do «Avante!» é disso testemunho. Pela sua mensagem, os debates, o espaço internacional, e a **participação de tantas delegações de partidos comunistas e outras forças progressistas aos quais aqui asseguramos neste grandioso comício a indefectível amizade e solidariedade do Partido Comunista Português.**

Neste findar do século o mundo defronta uma ofensiva geral do imperialismo com vista a restabelecer o seu domínio mundial. A actualidade não desmente e pelo contrário confirma o valor e o significado histórico imorredouro da luta dos comunistas e das conquistas revolucionárias alcançadas ao longo do século XX, o valor e o significado histórico da amizade, cooperação e solidariedade internacionalista dos comunistas, das forças revolucionárias, dos trabalhadores e dos povos.

Neste findar do século, continua válida e responde também às novas realidades, a consigna de Marx, Engels e Lênine: «**Proletários de todos os países e povos oprimidos de todo o mundo, univos!**»

O sistema capitalista atravessa uma profunda crise geral que atinge inclusivamente os países mais desenvolvidos e está mergulhando milhões e milhões de seres humanos em gigantescos espaços de fome, de miséria, de doença e de morte.

Uma viragem na evolução mundial acabará por ser inevitável. Mesmo em países onde a construção da nova sociedade, a sociedade socialista, conheceu grandes derrotas, de que é forçoso tirar os ensinamentos, os processos de restauração do capitalismo não são irreversíveis.

O capitalismo é um sistema historicamente condenado. **O futuro não pertence ao capitalismo, mas aos ideais e objectivos fundamentais que ao longo do século XX inspiraram e inspiram hoje os comunistas e outras forças revolucionárias.**

O PCP na luta presente voltado para o futuro

Não, camaradas. O comunismo não morreu e o PCP não está condenado ao «declínio irreversível» e à morte próxima que alguns anunciavam.

Eles bem multiplicaram campanhas e pressões tanto de fora como dentro do Partido para que o Partido deixasse de ser um Partido Comunista e passasse a ser um partido inofensivo, integrado no sistema do capitalismo monopolista restaurado. Para que se tornasse um partido socialista nº 2 talvez integrado na Internacional Socialista e transformado numa mal disfarçada secção do PS nº 1 bipolarizador e hegemonzante.

Isto é: que o PCP fizesse o que estão fazendo alguns que por cá andaram e que, fracassado em boa hora o seu plano de

dividirem e destruírem o PCP, se penduraram e penduram no PS e nos empregos que como paga este lhes oferece.

A verdade é que não conseguiram, não conseguem e não conseguirão que o PCP deixe de ser o Partido Comunista firme e inabalável que é e continuará a ser por vontade dos seus militantes.

Com o seu ideal de uma nova sociedade libertada do capitalismo, uma sociedade que responda à realidade portuguesa e que tenha em conta as experiências positivas e negativas, as vitórias e as derrotas na construção do socialismo no século XX.

Com a sua natureza de classe e com a sua ligação à classe operária, a todos os trabalhadores, às massas populares, fonte da sua inspiração e das suas energias revolucionárias.

Com a sua unidade, elemento vital da sua força, unidade que radica na democracia interna, que determina a intervenção empenhada de todo o grande colectivo partidário na definição das orientações e na sua aplicação.

Com a sua teoria revolucionária, o marxismo-leninismo, avessa à cristalização e à imobilidade das ideias, que, respondendo às mudanças, não só permite explicar o mundo como indica o caminho para transformá-lo.

Não conseguiram o seu objectivo também porque lhes escapam outras características da nossa natureza e da nossa experiência.

Porque **falamos verdade.**

Porque **procuramos responder às novas situações, corrigir quando necessário e melhorar sempre.**

Porque os militantes não deixam nem deixarão que se apague a **grande virtude autocrítica dos comunistas, não concebida como actos formais de contrição, mas como correcção natural de erros e insuficiências.**

Porque todo o Partido velará para que também dentro do Partido sejam assegurados **mecanismos de controlo democrático** dos organismos de direcção a todos os níveis.

Porque as estruturas partidárias e os militantes não consentirão que, em qualquer momento, o Partido se deixe absorver por problemas internos, se volte para dentro, antes asseguram e assegurarão que o Partido continue com o **grosso das suas energias e recursos, voltado para fora**, para a sociedade e os seus problemas, para as massas, para a luta.

Porque **o passado, o presente e o futuro do PCP são inseparáveis.**

Porque a **renovação do Partido e da sua direcção**, incluindo dos mais altos cargos, não significa de modo algum (como sucede noutros partidos portugueses) o resultado de conflitos e rupturas políticas e ideológicas, mas, ao contrário, são **processos naturais, necessários, conscientes e fraternos**, que completam a reafirmação e afirmação do PCP como um partido comunista.

E falando de renovação e porque a Festa do «Avante!» é festa da juventude, dirigimos ainda algumas palavras aos muitos milhares de jovens que participam neste comício.

O PCP está certo de que encontrará na juventude a fonte de novas energias, de novos militantes, de novos quadros. Este partido, o PCP, é o vosso partido, é o partido da juventude e por isso apela à juventude para intervir, para lutar, para com os trabalhadores e as massas populares, transformar a sociedade.

Por tudo isso - camaradas e amigos -, aqui estamos conscientes, sem arrogância mas com profunda satisfação revolucionária, de que o nosso Partido é um partido necessário, indispensável e insubstituível na sociedade portuguesa - para defesa dos interesses dos trabalhadores, do povo, da liberdade, da democracia, da independência nacional.

Por isso, aqui estamos de novo nesta grande festa comunista, festa do povo, festa de Abril, festa onde se respira a liberdade, festa de firme afirmação política e de tolerância e abertura, festa da cultura, do desporto, do espectáculo, da diversão e da alegria, festa da solidariedade, do convívio, da confraternização, festa que retrata o presente de luta e aponta com confiança a perspectiva de um futuro melhor.

Viva a Festa do «Avante!»!

Viva a Juventude Comunista Portuguesa!

Viva o Partido Comunista Português!

Viva Portugal



Intervenção de Nuno Costa

Vamos à luta! Porque lutar vale a pena!

Camaradas e amigos,
Estamos na mais bonita Festa de Portugal.

Estamos na Festa da Liberdade, da Amizade, da solidariedade, da dedicação, do trabalho colectivo, na grande Festa do Partido Comunista Português que é também a Festa da Juventude.

Para que esta Festa, mais uma vez, esteja a ser um êxito foram precisos muitos dias e muitas horas de esforço e dedicação dos comunistas e muitos outros amigos da Festa, dos quais se destacaram muitos jovens, nomeadamente, na construção da Cidade da Juventude. Para eles uma calorosa saudação.

Camaradas e amigos,

O que cada um de nós sente e vive na Festa é uma pequena amostra do que desejamos da sociedade que queremos construir. Uma sociedade que queremos jovem, com os jovens e para os jovens!

Uma sociedade livre, humana, democrática e socialista.

Para isso, contamos com a adesão de cada vez mais jovens à Juventude Comunista, aos nossos ideais e ao nosso projecto.

Para isso, queremos e trabalhamos para uma JCP mais forte e actual.

Camaradas e amigos,

O Governo PSD/Cavaco Silva tem-nos dado presentes envenenados. Aos jovens trabalhadores impõe o desemprego. Aos estudantes, as propinas e uma reforma do sistema educativo sem condições.

Aos jovens, em geral, compromete-lhes o futuro.

Perante isto, não ficámos parados. Lutámos e temos de lutar.

Nas empresas, nos concelhos, vamos levar por diante a Campanha Nacional pelo Emprego que lançámos aqui durante a Festa.

Porque «Sem Emprego Nada Feito!», porque as saídas profissionais, o emprego e a realização profissional são essenciais para os jovens e para o futuro do País.

Nas escolas, nas associações de estudantes, com todos os nossos colegas, temos de continuar a lutar contra aqueles que entendem o ensino como um privilégio só para alguns.



Intervenção de Carlos Brito

Atalaia na nossa visão e sonho do futuro

Camaradas e amigos,

Em nome do jornal «Avante!», órgão Central do PCP e patrono desta grandiosa e maravilhosa Festa, uma breve mensagem, em torno de três palavras: saudações, agradecimentos e apelo.

Saudações para todos que estiveram connosco nestes dias.

Saudações para os jovens e os menos jovens; para os membros, simpatizantes e amigos do Partido; para os simpatizantes e amigos da Festa; para os visitantes, em geral, sem qualquer distinção, incluindo naturalmente os que nela participaram pela primeira vez.

A presença de todos e os modos diferentes de vivê-la, de fruí-la e (porque não) de «curti-la» foram fundamentais para o sucesso desta 18ª edição da Festa do «Avante!».

Saudações especiais ser-me-á permitido dirigir aos nossos convidados das 40 delegações estrangeiras, vindos de 36 países, que nomeamos: Alemanha, Angola, Bélgica, Bolívia, Brasil, Bulgária, Cabo Verde, República Checa, China, Colômbia, RPD da Coreia, Cuba, Espanha, França, Grã-Bretanha, Grécia, Holanda, Hungria, Índia, Irlanda, Itália, Japão, Jugoslávia, Curdistão, Líbano, Líbia, Marrocos, Moçambique, Nicarágua, Palestina, Paraguai, Peru, Rússia, Sahara Ocidental, Timor-Leste e Vietname. A sua presença fraternal e as diversas formas da sua participação foram uma ajuda preciosa para erguer o edifício de solidariedade internacionalista que aqui voltou a morar durante três dias e que tem especial expressão na campanha «Cuba sim, bloqueio não!».

Os agradecimentos vão, em primeiro lugar, para os construtores da Festa, os que para ela trabalham todo o ano, para os que lhe dedicam muitas horas de trabalho voluntário, incluindo retiradas às férias, para os quadros das Direcções Regionais do Partido, que somam a muitas outras a tarefa de levantar aqui os seus «stands», não só com gosto e funcionalidade, mas com o toque característico das regiões que representam.

A Festa voltou a estar mais bonita e a quinta mais adaptada às exigências desta grande iniciativa político-cultural, como uma verdadeira Atalaia da nossa visão e sonho do futuro.

Os agradecimentos vão igualmente para Autarquias de diferentes cores, Associações de Bombeiros, Associações Recreati-

vas, Federações e Colectividades Desportivas, Forças de Segurança, empresas de diversos ramos, especialmente de transportes, para todas as entidades colectivas ou individuais que concederam apoios e facilidades ou manifestaram boa vontade e compreensão para os trabalhos de edificação da nossa Festa.

Numa excepção compreensível, distinguimos, entre todos, a Câmara Municipal do Seixal, a Junta de Freguesia da Amora e o Amora Futebol Clube.

A Festa pôde assim cumprir cabal e plenamente o seu Programa.

Fê-lo de modo particularmente brilhante na concretização do tema central - «Os vinte anos da Revolução de Abril».

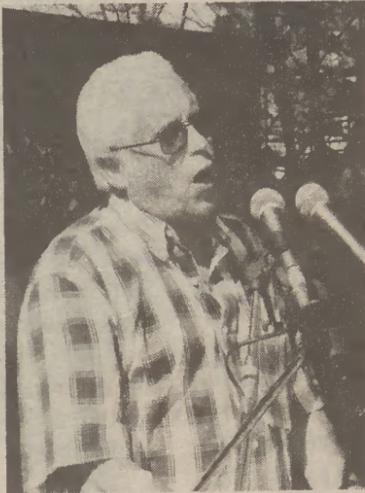
Através de múltiplas e qualificadas realizações políticas e culturais, o espírito de Abril reviveu na nossa Festa e veio enriquecer esta atmosfera generosa e combativa, que se dá, confiando firmemente, às grandes causas da humanidade - a liberdade, a justiça social, o socialismo e a paz.

O apelo é para que no regresso às nossas casas, à vida e às tarefas de todos os dias preservemos o incentivo desta atmosfera e nos esforcemos por o transmitir às grandes batalhas próximas do nosso povo e do nosso Partido: contra uma revisão da Constituição

que adultera e golpeia a Lei Fundamental do país e traz novas ameaças ao regime democrático; pelos interesses e direitos dos trabalhadores e contra os sinistros planos do Governo e do grande patronato na chamada concertação social; contra a portagem na Ponte 25 de Abril e contra todas as portagens com que pretendem travar-nos o passo; pelo reforço da acção política e orgânica do PCP - o caminho seguro para a construção de uma alternativa à política e ao Governo do PSD.

O apelo é para que neste esforço esteja presente a preocupação de ampliar a difusão e a influência da imprensa do Partido - o «Avante!» e o «Militante» - que é a forma de levar sempre mais longe a nossa voz, as nossas razões e o projecto de mudança que defendemos para Portugal.

Viva a imprensa do PCP - o «Avante!» e o «Militante!»
Viva a Festa do «Avante!»
Viva o Partido Comunista Português!



Contra aqueles que nos tentam impor regras e normas arbitrárias.
Contra o Governo PSD, contra Cavaco Silva.

Camaradas e amigos,

Vamos intervir diariamente no processo de tomada de decisão sobre o que nos diz respeito.

Vamos, todos os dias, deixar bem clara a nossa opinião sobre o que queremos, como queremos e quando queremos.

Vamos à luta!

Porque lutar vale a pena!

Não entregamos o nosso futuro numa bandeja. O nosso futuro será o que nós formos capazes de conquistar hoje, será o que nós formos capazes de construir hoje!

Camaradas e amigos,

A JCP, organização dos Jovens Comunistas, a JCP, juventude do PC, está empenhada neste processo de construção e transformação social. Encaramos o presente e o futuro com imensa confiança.

Confiança que retiramos da vida, da luta coerente e heróica que travaram gerações de comunistas, da crescente capacidade que a juventude portuguesa tem demonstrado, intervindo, criando, transformando, lutando.

Viva a Festa do «Avante!»!

Viva o PCP!

Viva a JCP!

Espaço Internacional

Espaço
de
solidariedade

A peça de artesanato, o Che estampado na "T-shirt", a prova do petisco, o cartaz antinazi, compreensível para todos ainda que em língua alemã, a escola de samba e as danças do Sahara, o debate, o comentário e a pergunta nas múltiplas bancas de diferentes partidos e jornais de comunistas e forças de esquerda dos vários continentes - tudo isso é a "rotina" do espaço internacional.

"Rotina" em que se cruzam convívio, curiosidade - e de onde sempre se pode sair mais rico de conhecimento de outros, de realidades diferentes.

Um espaço onde a Festa surge ainda mais marcada pela afirmação da solidariedade. Este ano particularmente dirigida a Cuba, contra o bloqueio norte-americano. Mas sem esquecer o povo timorense na luta pelo elementar direito à autodeterminação, ou a guerra que continua a devastar Angola.

No centro deste espaço, foram-se sucedendo o espectáculo, a música, a dança, e o esclarecimento político - a abarcar situações em que a solidariedade se impõe com particular premência, ou realidades socioeconómicas e políticas diversas, troca de experiências em que algo há sempre a aprender.

Ao debate sobre a China, com particular valorização de um processo de reformas que tem levado a um acentuado crescimento da economia do país, sucedeu-se novo alerta para Timor, para a violência que prossegue contra o povo timorense. Duas décadas de difícil luta, solidariedade e uma política de hipocrisia de múltiplos governos, que ignora a verdadeira questão de fundo - o direito à autodeterminação. Um direito cuja conquista poderá também vir a passar pela democratização da própria Indonésia.

A dramática situação de Angola, a nova e ainda mais mortífera guerra imposta ao país pela Unita com a recusa do reconhecimento dos resultados eleitorais - foi tema de outro debate, em que se reafirmou o

apelo do MPLA para que sejam retirados apoios ainda existentes à Unita.

As realidades socioeconómicas e políticas da Alemanha e da Itália, surgiram no espaço de debate como expressões diversas, em quadros políticos e históricos diferentes, de uma mesma lógica, uma mesma direcção de desenvolvimento profundamente penalizadora dos trabalhadores e dos povos - a afirmação dos interesses do capital sob a forma de neoliberalismo.

Para a população da ex-RDA, esta política tem custos particularmente elevados, que se traduzem por exemplo em taxas de desemprego real da ordem dos 35-40%. Custos agravados, fruto de um processo que "não foi de unificação, mas de absorção do Leste pelo Ocidente", como foi denunciado por um representante do PDS no debate. Absorção mesmo no plano político, onde o único partido que não foi fundido com o seu similar da Alemanha ocidental é o Partido do Socialismo Democrático (PDS).

Itália é o mais claro exemplo, no plano socioeconómico como político, da política neo-liberal. Um exemplo também, nesta fase, de incapacidade da esquerda de apresentar propostas alternativas, e mobilizar os trabalhadores na luta pelos seus interesses próprios. Neste momento, vive-se no país "um dos momentos mais difíceis de tensão e viragem reaccionária",

como foi destacado no debate no espaço internacional. Pela primeira vez, desde a segunda guerra mundial, a direita fascista está instalada no poder. Razões de preocupação acrescidas. Mas também de luta. A Refundação Comunista, presente na Festa do "Avante!", surge como uma base de reconstrução do movimento comunista e popular no país, apostando como direcção prioritária na mobilização para a defesa dos direitos imediatos dos trabalhadores, através de uma unidade de acção entre todas as forças políticas e sociais de oposição.



Solidariedade sempre! - uma presença palpável em toda a Festa



Uma palavra de ordem sempre presente



Debate sobre "A política de reforma na China"



Solidariedade com Timor-Leste



Debate - "A situação na Itália - A posição dos comunistas"



Solidariedade com o povo de Angola



Debate - "A unificação da Alemanha e a situação actual"



Bloqueio não Cuba sim

Contra o bloqueio norte-americano - a solidariedade com Cuba esteve presente em toda a Festa. No espaço internacional teve o seu momento alto no acto simbólico de entrega dos fundos recolhidos - três milhões de escudos ao fim da tarde de domingo - no mesmo ponto em que já tinha decorrido um entusiástico debate sobre a difícil realidade cubana de hoje. "Os mais difíceis anos da nossa história", nas palavras de Dennys Guzman, responsável das relações exteriores, para a Europa, do Partido Comunista Cubano.

Esta "polarização de solidariedade com Cuba", referida por Miguel Urbano Rodrigues no encontro-debate, reflecte o alargamento do movimento de solidariedade com o povo de Cuba em Portugal, e que nomeadamente tem vindo a assumir a forma de campanhas concretas de ajuda material, com recolha de leite, medicamentos e donativos.

Com expressão igualmente no plano político. Como foi sublinhado por Octávio Pato, que representou a Direcção do PCP no acto simbólico de solidariedade com Cuba, "por proposta do Grupo parlamentar do PCP, a Assembleia da República foi o

primeiro parlamento da Europa a aprovar uma moção reclamando a suspensão do bloqueio a Cuba. Com o nosso apoio, formou-se recentemente uma ampla Comissão Nacional de solidariedade com Cuba, envolvendo pessoas representativas de todos os quadrantes políticos".

Hoje, a situação que se vive em Cuba é de crise. Uma "crise com dimensão mundial", segundo defendeu Miguel Urbano Rodrigues, que referiu o destaque dado à realidade cubana pela revista norte-americana "Time", em contraposição à pobreza e viciação de análise de factos que em grande medida tem vindo a

caracterizar a informação portuguesa. Crise que está a levar ao reconhecimento, em sectores mais conscientes politicamente da sociedade norte-americana, de que a posição dos EUA é moralmente insustentável, e o único caminho é acabar com o bloqueio.

Na sua intervenção no debate, Dennys Guzman considerou não ser possível traçar um retrato objectivo dos graves problemas socioeconómicos que hoje se vivem em Cuba, sem ter em conta que, na prática, o país está sujeito a um "duplo bloqueio". O bloqueio norte-americano, que se arrasta já há 32 anos. E o outro "bloqueio", como se traduziu, na prática, o desaparecimento do campo socialista e da URSS, com quem se efectuavam 85% das trocas económicas. Um afunilamento de relações económicas determinado por uma evolução também em parte ditada pelo mesmo bloqueio de Washington, que "nos levou a estender a mão a quem estava disposto a cooperar com a revolução nascente".

Estes últimos quatro anos têm



O momento da entrega simbólica de donativos a Cuba



O "Che" na Festa

assim sido vividos em regime de "período especial", embora em tempos de paz. O que significa, por um lado, "sacrifícios e um grande esforço", nomeadamente para "distribuir de forma equitativa o pouco que temos", por outro, "adaptação a novas circunstâncias internacionais".

Com uma preocupação de fundo - "não hipotecar a nossa independência" nem "as grandes conquistas da revolução", com o direito à saúde e à educação para todos.

Das imensas dificuldades que o país vive é nomeadamente testemunho o movimento de cubanos em fuga, em demanda dos Estados Unidos. "Há limites diferentes à disposição de sacrifício", considera o responsável cubano, que defende o diálogo com Washington como solução. "Discutir, sim - afirma - mas não com a faca na garganta."



A bandeira de Cuba, também presente no comício



Espaço Internacional

Encontro
com as delegações
estrangeiras

Domingo de manhã, na Quinta da Atalaia, os representantes de 41 partidos e jornais de 36 países presentes na 18ª Festa do «Avante!» tiveram um encontro com o secretário-geral e o presidente do Conselho Nacional do PCP. Além de Carlos Carvalhas e Álvaro Cunhal, estiveram ainda com as delegações estrangeiras os camaradas Albano Nunes, Jorge Pires, Manuela Bernardino e Fernando Vicente.

O director do «Avante!», Carlos Brito, dirigiu breves palavras de saudação aos convidados da Festa.

De seguida, Carlos Carvalhas falou sobre os principais traços da evolução da situação política nacional no período que decorreu desde a anterior edição da Festa, chamando a atenção para o agravamento dos problemas sociais, económicos e políticos. O dirigente comunista considerou o ano decorrido como um período de intensa luta social e política, de trabalhadores e de diferentes estratos sociais, referindo-se também à luta dos utentes da Ponte 25 de Abril, concluindo que o Gover-

no está agora mais desgastado e mais desmascarado.

Carlos Carvalhas abordou ainda a forte luta ideológica travada em torno das comemorações dos 20 anos da revolução de Abril e das tentativas de branqueamento do fascismo, e realçou a importância dos resultados dos comunistas e seus aliados nas eleições para o PE e, sobretudo, para os órgãos de poder local. Falou ainda sobre o Partido e as questões e tarefas que se colocam aos comunistas portugueses nos próximos meses.

Álvaro Cunhal começou por recordar quatro aspectos que permitem uma melhor compreensão da actual situação do País: a ditadura fascista e o domínio colonialista, com as guerras coloniais desde os anos 60; a revolução militar e popular, e as profundas transformações ocorridas após o 25 de Abril; a ofensiva contra as conquistas democráticas após 1976; a existência de um forte movimento operário e um forte movimento de massas, com importante papel na resistência à ofensiva da direita e do capitalismo.

Neste quadro, o dirigente comunista salientou a importância de combater qualquer revisão constitucional que signifique uma subversão do regime democrático para abrir ainda mais terreno à restauração do capitalismo monopolista. Para tal combate, sublinhou, é fundamental ter com o Partido os trabalhadores e as massas.

O presidente do Conselho Nacional do PCP expôs grandes linhas da reflexão dos comunistas portugueses sobre a situação internacional, afirmando que o século que agora termina é marcado pela tentativa de construção de uma sociedade livre da exploração e que as graves derrotas registadas não alteram o valor das revoluções socialistas e de libertação nacional.

Os dirigentes do PCP responderam depois a algumas questões dos convidados estrangeiros, sobre aspectos da situação nacional e internacional.



No pavilhão da China



Pavilhão da OLP

Delegações na Festa

Alemanha	Irlanda
Partido Comunista Alemão	Partido dos Trabalhadores
Partido do Socialismo Democrático	Itália
Angola	Partido da Refundação Comunista
MPLA	Japão
Bolívia	Partido Comunista Japonês
Partido Comunista da Bolívia	Jugoslávia
Brasil	Partido Socialista da Sérvia
Partido dos Trabalhadores	Líbano
Bulgária	Partido Comunista Libanês
Partido Socialista Búlgaro	Líbia
Cabo Verde	Líbia
PAICV	Marrocos
Checa (Rep.)	União Socialista das Forças Populares
Partido Comunista da Boémia e Morávia	Moçambique
China	Partido Frelimo
Partido Comunista da China	Nicarágua
Colômbia	Frente Sandinista de Libertação Nacional
Partido Comunista Colombiano	Palestina
Coreia (RPD)	Organização de Libertação da Palestina
Partido do Trabalho da Coreia	Paraguai
Cuba	Partido Comunista Paraguai
Partido Comunista de Cuba	Peru
Espanha	Partido Comunista Peruano
Partido Comunista de Espanha	Rússia
Esquerda Unida	PRAVDA
Partido dos Comunistas da Catalunha	Sahara Ocidental
Bloco Nacionalista Galego	Frente Polisário
França	Timor-Leste
Partido Comunista Francês	FRETILIN
Grã-Bretanha	Vietnam
Partido Comunista da Bretanha	Partido Comunista do Vietnã
Grécia	
Partido Comunista da Grécia	Estiveram ainda como observadores:
Holanda	
Novo Partido Comunista da Holanda	Bélgica
Hungria	Partido do Trabalho da Bélgica
Partido dos Trabalhadores	
Índia	Kurdistão
Partido Comunista da Índia (marxista)	Frente Nacional de Libertação do Kurdistão



Pavilhão do Partido Comunista Francês



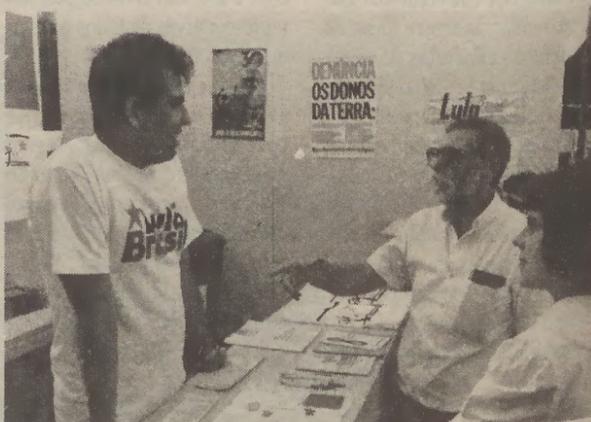
Pavilhão do Partido Comunista da Grécia



Pavilhão do Partido do Socialismo Democrático (PDS), Alemanha



No restaurante do PAICV (Cabo Verde)



No espaço do Brasil, o Partido dos Trabalhadores



Pavilhão do Partido Comunista da Bolívia

Organizações

Era uma vez um País que habitou uma Festa

Já foi dito mil vezes: ir à Festa do "Avante!" é visitar o País inteiro que ali está, semeado e à mão, no espaço dos 25 hectares da Quinta da Atalaia. Reproduzindo monumentos e paisagens, expondo quotidianos e lutas, oferecendo cheiros e sabores, as Organizações Regionais do PCP erguem na Festa uma meticolosa representação de todas as zonas do País. Ao visitante, basta dar uns passos para se encontrar, sucessivamente, com a amostra de todas as realidades nacionais - diáspora inclusa. E num ambiente de festa sem precedentes nem decorrentes. É claro que este ano também. Com as novidades sempre esperadas e correspondidas.

Sendo impossível - tanto ao visitante como ao repórter - encontrar roteiros que tudo abarquem, sigamos, com descontraída arbitrariedade, a "geografia" do acontecimento.

Lisboa

Começando pela região da capital, ela própria lá se encontrava identificada nas suas Sete Colinas sugeridas em painel. Dentro, era o mundo de "muitas e desvairadas gentes" que celebrava o historiador, importando sublinhar o rigor de "desvairadas" ("diversas", "diferentes", no significado original) ali confirmado: lá estavam a celebração do 25 de Abril (tema central da Festa, no seu 20º aniversário), a solidariedade com Cuba (outro tema central), o Espaço das Comunidades Africanas

(um empenho de sempre do PCP), o Palco Lisboa com um programa multidimensional, o café-concerto de já longínquo mérito, os debates e cultura que se esperam da região da capital. Tudo temperado a preceito, com os infinitos engenhos gastronómicos da Região.

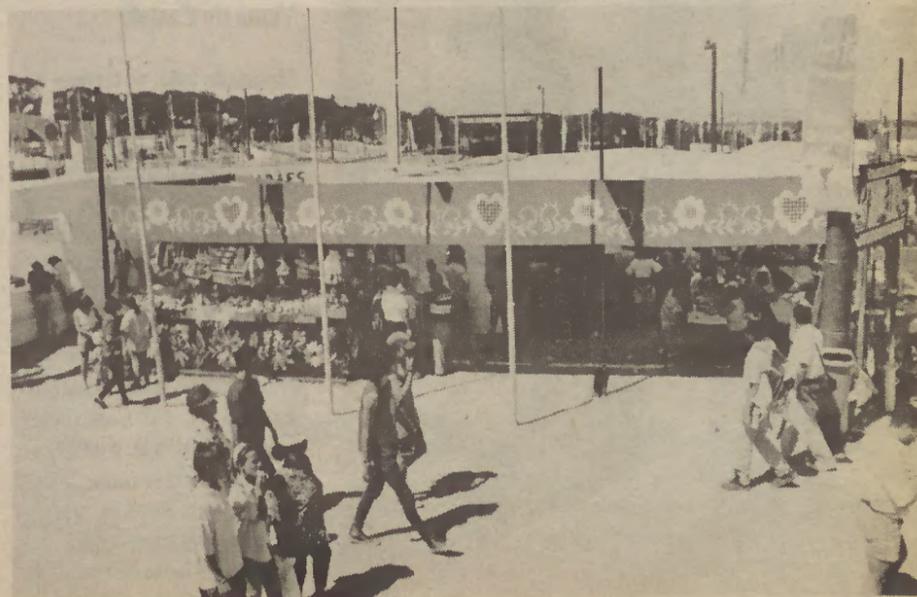
Porto

A Cidade Invicta e respectiva Região estavam exuberantemente identificadas por alguns *ex libris*: aspectos do S. João, Arco das Fontainhas, a Praça

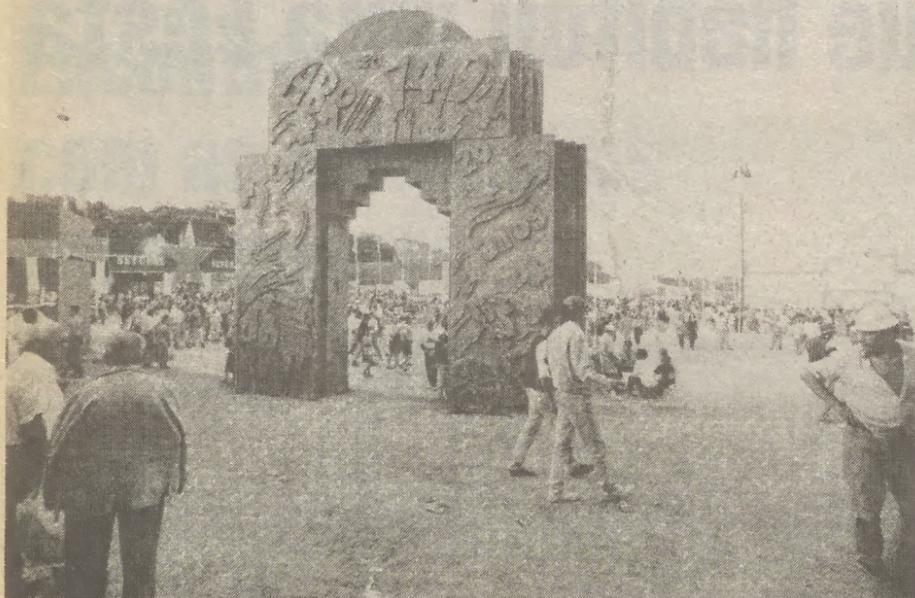
da Ribeira, balões, festões e por aí fora. As questões políticas e sociais do Distrito em destaque e a multifacetada realidade da Região desdobrando-se em ofertas e exposições - barcos rabelos, peças em couro, barros e trabalhos em madeira e a gastronomia, senhores! - vincaram, mais uma vez, a forte presença da Região do Porto na Festa do "Avante!", oferecendo ao visitante a cómoda oportunidade de viajar, ali mesmo, pela múltipla realidade das terras do Douro. Uma realidade feita de problemas e lutas, como de alegria e criatividade. De vida afirmada na primeira pessoa.

Alentejo

Territorialmente um terço de Portugal continental, o Alentejo estava presente na Festa num espaço comum aos seus três Distritos, apresentando, como entrada, um amplo portão a desembocar no característico Largo - um Largo que, este ano, homenageava Manuel da Fonseca, em exposição que crescia em monumentos à luta do povo alentejano e à sua gesta de resistência.



Organizações



“Alentejo, tesouro escondido” era, aliás, a consigna este ano apresentada, numa demonstração acutilante das potencialidades desta Região, tão desprezada por sucessivos governos, com relevo para os de Cavaco Silva. Quanto à qualidade inconfundível dos produtos transtaganos, só vistos... e provados! Ali mesmo, no Alentejo.

Setúbal

A exposição “A Revolução de Abril e suas conseqüências no Distrito de Setúbal. Potencialidades daí resultantes” constituía uma das mais impressionantes amostras regionais da Festa, dando conta das lutas e esperanças duma Região que, na sua história recente, intimamente ligada à Revolução de Abril, tem protagonizado tanto as grandezas da libertação democrática como os custos do restauracionismo de direita. Poderosa, a representação de Setúbal afirmava a sua ligação à vida

e à luta com uma intensa oferta cultural (murais, palcos de música popular e baile, animação com grupos de teatro e de bombos) e os seus famosos restaurantes, onde continuava a imperar o arroz de tamboril.

Algarve

Já que estamos no Alentejo, passemos ao Algarve (por acaso não pegados no terreno da Festa como o estão na geografia, o que não impunha dificuldades substantivas - apenas uns passos a mais). Ali, a exposição “Os problemas e a situação do Algarve. As posições e actividades do PCP” davam, de viva voz, um ponto da complexa situação algarvia, a par de exuberantes “afirmações” regionais: arroz de marisco, espinheta de atum, o universo de bolos de figo, amêndoa e mel, a subtil luxúria, enfim, do Reino dos Algarves...

Braga

Do extremo continental Sul saltamos para o do Norte.

Distrito de Braga “claramente visto” na representação da Torre de Menagem da *Bracara Augusta*, na decoração à base dos tradicionais arraiais minhotos. O Distrito mais jovem do País não deixou (mais uma vez) por mãos alheias o fulgor da sua presença: olarias e louças regionais, artesanato e brinquedos de madeira, mantas, cestas e chapéus, barros bordados e linhos rivalizavam, no entusiasmo do visitante, com o “verde” legítimo e outros tesouros procurados por multidões que, ali, não andavam tolaemente “à caça”, como nos concursos televisivos. Limitavam-se a demandar a qualidade garantida.

Bragança

Bragança, onomástica e geograficamente ao lado, assinalava-se com a fachada do palácio dos Távoras, em Mirandela. Dava para ver e conhecer. E não esquecer a seleccionada oferta apresentada ao visitante: cestaria de Cidões-Vinhais, máscaras de Ousilhão (também de Vinhais), cutelaria de Palaçoulo-Vimioso, trabalhos em madeira de Sedas-Bragança. Uma selecção impressionante das artes e talentos dum interior que é profundo não apenas pelo desprezo a que é votado pelo Poder Central...

Viana do Castelo

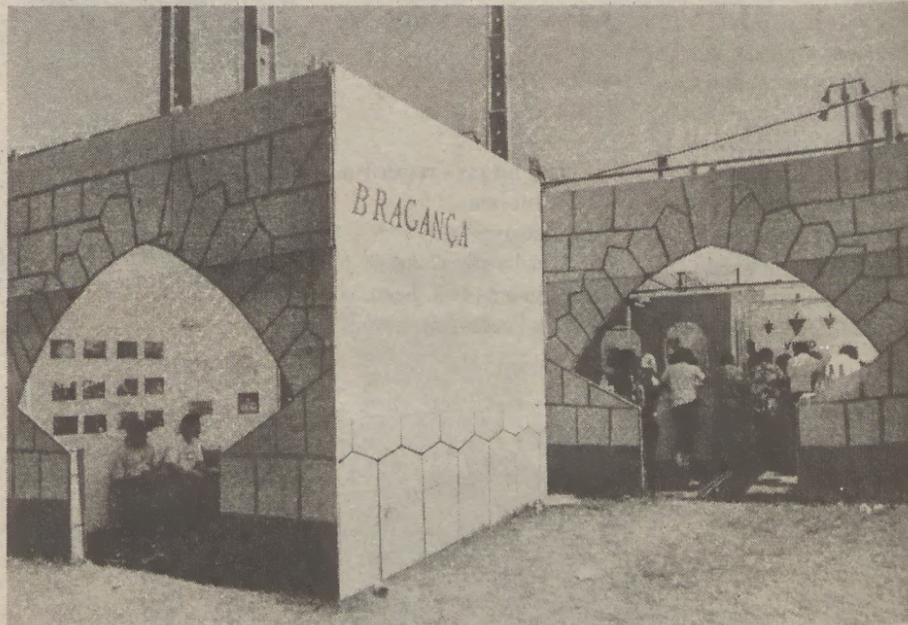
Mesmo ao lado, no terreno da Festa, estava Viana do Castelo, o outro Distrito minhoto que também nunca deixa créditos por mãos alheias: arroz de sarrabulho, rojões à minhota, pataniscas de bacalhau, arroz de feijão vermelho, caldo verde e chouriço de sangue e paio eram apenas “enunciados” de festins a inventar. Com vinhos e doces como só lá, a par, evidentemente (e como acontecia em todos os pavilhões) de exposições circunstanciadas da realidade socioeconómica do Distrito.

Vila Real

Continuando no Norte, lá estava Vila Real com as suas propostas singulares: guizote de javali, canelos, salpicão, sopa de cebola e cristas de galo, acompanhados de preciosidades como o moscatel de Favaio, o vinho fino de Pinhão, a aguardente de Provesende, os vinhos de Alijó, Murça, Mesão Frio, Régua, Favaio, Chaves... De comer e beber mais. De confraternizar como por aquelas terras se sabe.

Viseu

De Viseu veio o “desmanche” ao vivo dum porco à moda da Beira Alta, enquanto a decoração se esmerava com um fontenário de traça característica da região. A presença de um artesão de Molelos/Tondela a trabalhar o barro preto completava a amostra, “ao vivo”, que se fez do Distrito. Entretanto na “Cava do Viriato” era uma



“lusitanidade” lá do fundo dos tempos: febras e barriga de porco, entrecosto, chouriço de javali e morcela beirã, broas, entrecostos e vinhos do Dão, os senhores calculam...

Aveiro

Aveiro estava bem visível com a implantação de alguns

aspectos relevantes da Ria: o moliceiro, a arte xávega, as salinas, o farol da barra, a par duma exposição sobre acções de massas e actividades do PCP no Distrito. Quanto às “provas” propriamente ditas, aguardavam serenamente o visitante: leitão assado e vinho da Bairrada, ovos moles, fogaças e caladinhos.

Um sucesso barulhento. Como sempre.

Castelo Branco e Guarda

Estes dois Distritos do interior beirão apresentavam-se num espaço conjunto onde pontuava uma exposição política com as questões centrais destas regiões, cujas



tradições estavam bem patentes com artesãos trabalhando ao vivo e vendendo directamente as suas peças. Um estrado com animação, na zona do bar, dava uma particular vivacidade a esta representação, que não deixava (nenhuns) créditos por mãos alheias. Que o diga quem experimentou (e esgotou) feijoadas e orelheiras, queijos e presuntos, vinhos e farinheiras...

Coimbra

A reprodução da fachada da Universidade e da vista da cidade, juntamente com a reprodução de murais de "repúblicas", apresentava Coimbra aos mais incautos. É claro que havia música popular e... fado de Coimbra. Com artesãos a trabalhar ao vivo, uma exposição política sobre o Distrito e petiscos que só lá: chanfana à moda da serra da Lousã e rancho, as tapas, os pratinhos, o cozido e os vinhos da Bairrada, Souzelas e Cantanhede...

Leiria

Uma réplica da Praça Rodrigues Lobo, com as arcadas do castelo de Leiria ao fundo, era o convite de entrada deste Distrito, onde os artesãos a trabalhar o vidro ao vivo continuaram, este ano, a maravilhar os visitantes. E em forno continuava a amostra da região, ao lado fabricando um disputadíssimo pão com chouriço, mais uma vez bem emparecido com as fritadas e os pipis, as sopas e as bifanas.

Santarém

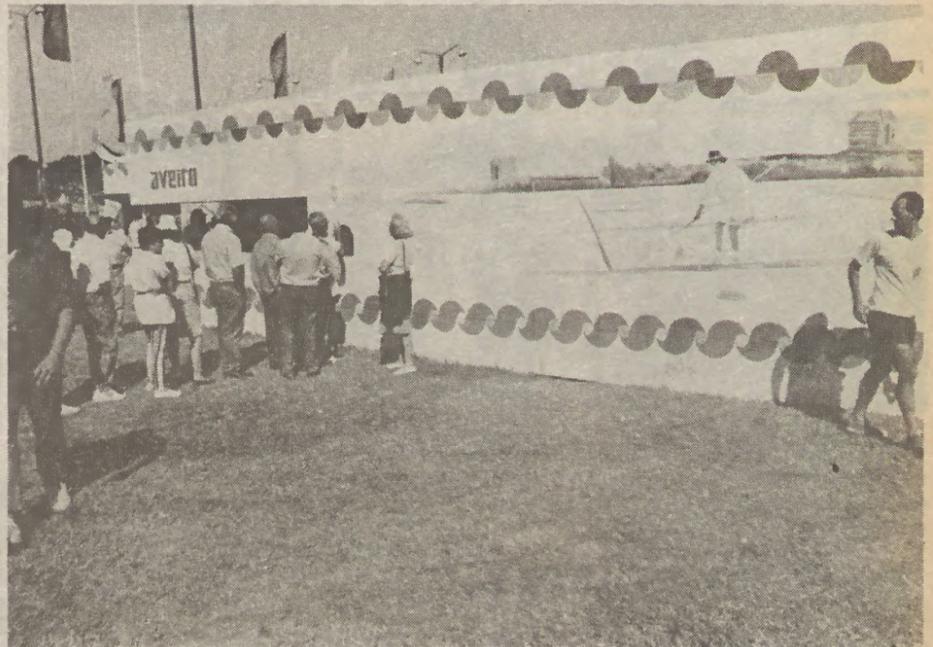
O apeadeiro de comboio da Quinta Grande, há muitos anos desactivado, servia a circulação dos "ratinhos" vindos do Norte do País para as colheitas sazonais nos vales

ribatejanos, num tempo em que a exploração era (ainda) mais gritante. Uma fiel reprodução deste apeadeiro enviada pela organização de Coruche constituía um dos mais originais elementos decorativos da Festa, assinalando, em exposição no próprio local, a rica e variada produção agrícola ribatejana. À volta, o colorido e a vivacidade do Ribatejo multiplicava-se no artesanato e na gastronomia, nos petiscos e nos doces e num jeito de ter memória.

morcela com ananás, linguiça com inhames, tudo "molhado" com original preceito - vinhos verdeiro e de cheiro, licor de maracujá e angelica, chá da açoreana. E os queijos, senhores?!...

Madeira

No "Arraial Madeirense" estava o que era preciso para uma boa "festa atlântica": espetada regional, carne de vinho e alhos, bolo do caco, sopa de



Açores

O V Congresso Regional do PCP na Região Autónoma dos Açores e uma exposição sobre turismo dominavam a presença deste arquipélago na Festa, emparecendo com petiscos únicos: polvo à regional, batata com pimenta,

trigo. Quem quisesse demorar-se melhor (ou levar para consumo sossegado em casa) lá tinha o vinho da Madeira e a poncha, as aguardentes e licores, os bolos, as broas, os rebuçados - a doçura única da "pérola do Atlântico".





PIONEIROS - O "Espaço dos Pioneiros" foi feito a pensar nas crianças e nas suas brincadeiras, onde até havia possibilidade de fazer um ninho para levar para casa! Os mais novos não se fizeram rogados e o "Espaço Criança" transformou-se num sucesso estrondoso

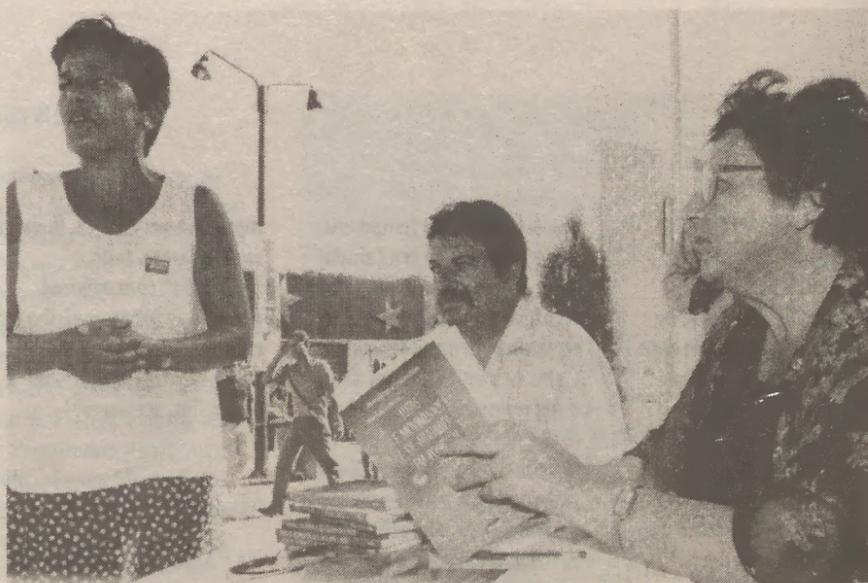


EMIGRAÇÃO - Ponto de encontro certo entre compatriotas que labutam nos sete cantos do mundo, o pavilhão da Emigração foi um convívio em sessão contínua, brindando à volta dum bem fornecido serviço de bar e permitindo a aquisição daquela lembrança que só mesmo ali



REFORMADOS - Uma exposição sobre a organização e as lutas dos reformados era o motivo central deste pavilhão que, mais uma vez, oferecia ao lado um esmerado serviço de bar, mais os seus já afamados petiscos, num permanente convite à cavaqueira

JCP - À semelhança de anos anteriores, a JCP organizou, durante a Festa do "Avante", uma zona voltada para a criatividade e convívio dos jovens. A comemoração dos 20 anos da Revolução de Abril e a mobilização dos jovens para as suas lutas estiveram na primeira linha deste diversificado espaço



A luta das mulheres em livro

Com a assinatura da Organização das Mulheres Comunistas e publicado pelas "Edições Avante", foi apresentado na Festa, em cerimónia que decorreu no Pavilhão das Mulheres, um livro que constitui um trabalho inédito no nosso País. Intitula-se "Subsídios para a História das Lutas e Movimentos de Mulheres em Portugal Sob o Regime Fascista" e, como se diz no prefácio, "trata de uma abordagem pioneira, num oceano de ignorância feito, sobre a destacada intervenção das mulheres portuguesas no processo histórico do País, num tempo de má memória".

O acto de apresentação foi aberto por Conceição Morais, que deu as boas vindas a todos os presentes, tendo usado da palavra Francisco Melo, das "Edições Avante!", e Maria da Piedade Morgadinho, membro do Comité Central, que, após assinalar o papel determinante do PCP na mobilização e organização das mulheres para a luta contra o fascismo, considerando "a luta das mulheres uma das componentes essenciais do movimento revolucionário de massas", frisou

que a luta das mulheres "há muitos anos que vem sendo escrita, mas na vida".

Constituindo uma obra inédita na abordagem do papel da mulher portuguesa na luta antifascista, este livro não cristaliza essa intervenção no tempo e, muito menos, na vida, como destacou Maria da Piedade Morgadinho, recordando que essa luta nunca parou, continua e aprofunda-se hoje mesmo. Ilustrando esse facto, a oradora recordou a participação das mulheres no processo revolucionário desencadeado com o 25 de Abril, as conquistas que alcançaram e as lutas que hoje travam, nomeadamente contra os perigos que despontam na revisão constitucional pretendida pela direita.

Entretanto, no Pavilhão das Mulheres, a luta das últimas décadas estava profusamente documentada, a par da solidariedade com Cuba (com espaço reservado no Pavilhão) e, é claro, as sempre originais propostas gastronómicas desta Organização.

HC



DEFICIENTES - A representação dos Deficientes esteve Inteliramente a cargo do Colégio Ocupacional Luís Rodrigues, uma instituição que se destina a crianças e jovens Deficientes Mentais Profundos, cujos trabalhos - comoventes e extraordinários - estavam em exposição no stand

EXPOSIÇÃO

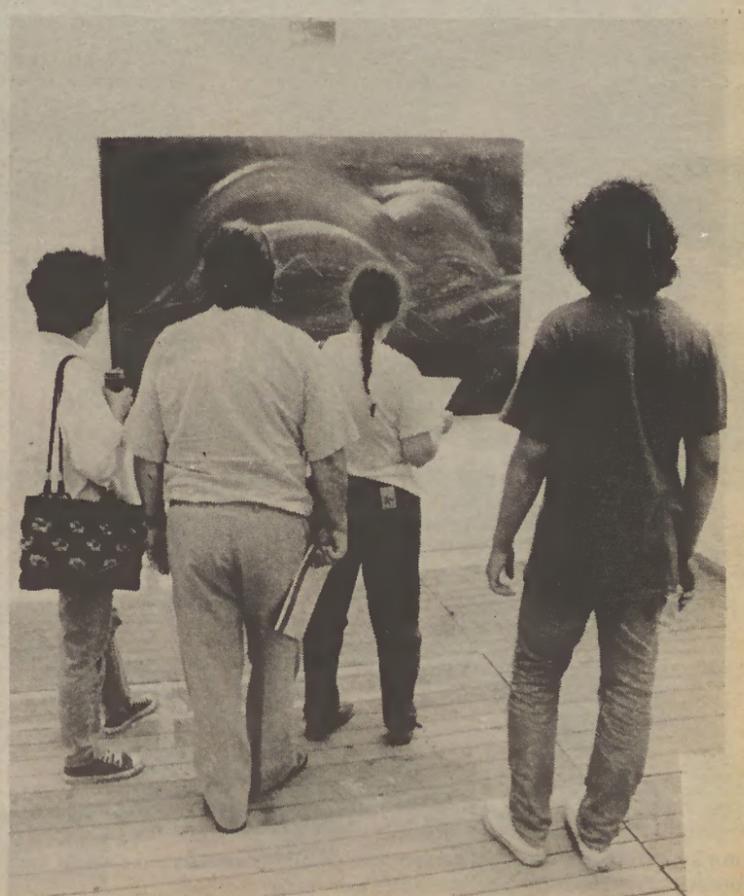
Que
Viva
Abril

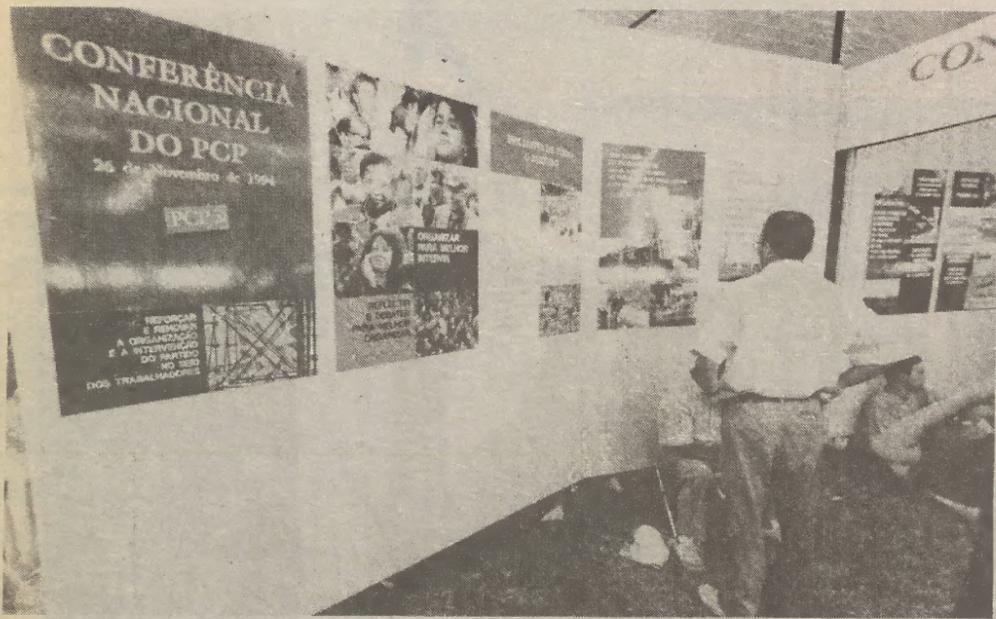
Artes Plásticas

A exposição de artes plásticas, que este ano decorreu sob o lema «Que Viva Abril», homenageando e comemorando o vigésimo aniversário da Revolução de 1974, já era um êxito antes de ser mostrada. Com efeito, a colaboração dos dois críticos de arte, o português Rui Mário Gonçalves e o francês Raoul Jean Moulin, junto da Comissão Organizadora, e os quarenta e cinco artistas escolhidos – apesar de uma escolha sempre polémica, como salutarmente se revelou – emprestaram à iniciativa um prestígio grande e suscitaram vivo interesse.

Como o camarada José Casanova afirmara na abertura da exposição, de que demos conta no número especial publicado e distribuído durante a Festa, nenhum outro partido mostra capacidade de propor, como o faz o PCP na sua Festa do «Avante!», a muitos milhares de pessoas, um tal espaço de cultura, de debate, de diálogo e de solidariedade.

A exposição, que durante três dias foi alvo da visita de tantos portugueses, irá agora ser apresentada em Paris, na Festa do «Humanité» que decorre no próximo fim-de-semana.





20 anos de Abril no coração da Festa

No ano em que a revolução comemora o seu 20º aniversário, o 25 de Abril mereceu destaque na Festa do «Avante!» e preenche por completo o espaço central, onde foram instaladas três importantes exposições, dois auditórios e um monumento.

Além da exposição internacional de artes plásticas «Que Viva Abril», foi preparada especialmente para os milhares de pessoas que nestes três dias foram à Quinta da Atalaia uma mostra intitulada «Sementes de Abril - os prelos da liberdade», dedicada ao papel da imprensa clandestina na luta contra o fascismo.

Vários exemplares (em fac simile ou originais) de publicações do PCP e de movimentos antifascistas deram corpo a uma exposição documental inédita. Foi a partir dessas publicações (onde se destacam o «Avante!» e «O Militante») que foi preparada e apresentada na Festa uma base de dados sobre as lutas sociais

registadas em Portugal no período de 1926 a 1974. Essa informação deu também lugar a uma rica «Síntese de informação» que acompanhava os diferentes painéis das «Sementes de Abril».

O espaço da exposição foi enriquecido com desenhos de jovens artistas plásticos que, sem terem vivido o fascismo, interpretaram figuras e momentos desse período.

No local, foi recriada uma tipografia clandestina, onde os visitantes podiam ver, no exemplo de uma «edição» especial do «Avante!» e d'«O Militante», como era impressa uma publicação proibida e perseguida pelo fascismo, como se mantinha



activa uma voz indispensável à luta dos trabalhadores e dos democratas, como a dedicação e o engenho dos revolucionários conseguiram vencer bufos, polícias e políticos da ditadura.

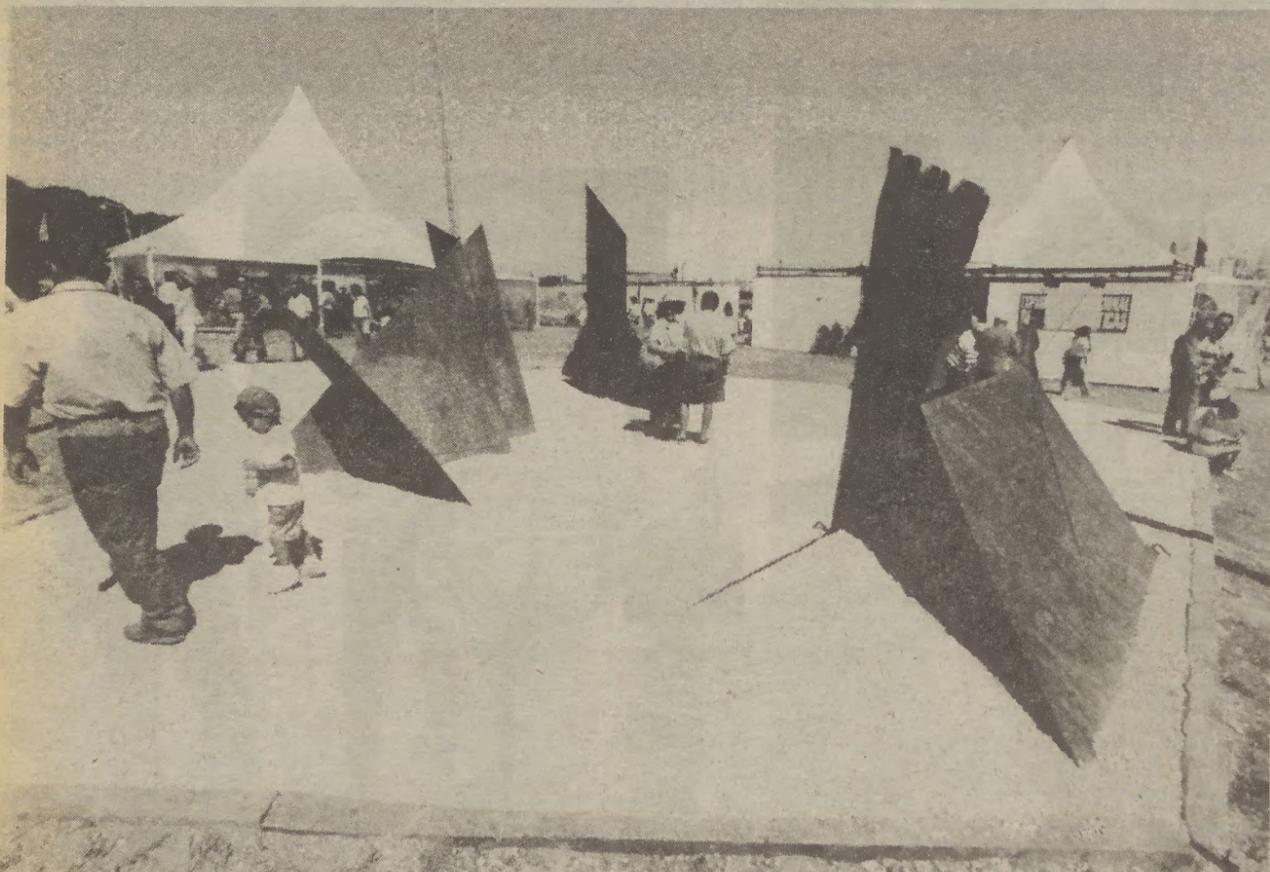
À entrada da exposição dos «Prelos da liberdade» o visi-

tante encontrava uma banca com os números mais recentes do «Avante!» e de «O Militante», órgãos do Partido que ali ganharam mais assinantes (especialmente necessários para que o boletim de organização do PCP possa beneficiar de tarifas postais mais redu-

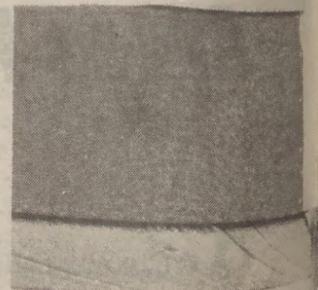
zidas). Aqui estavam também à venda a medalha da Festa e vários materiais de propaganda do Partido e da CDU, o «portageiro-polícia-de-choque» (boneco de Arlindo Fagundes, executado numa série única de 250 exemplares, em solidariedade com os utentes da Ponte 25 de Abril), um filme vídeo sobre o 25 de Abril, discos e outros materiais.

Logo ao lado, com lugar sentado para uma meia centena de pessoas, situava-se um auditório onde tiveram lugar debates sobre o trabalho do Partido nas empresas e locais de trabalho (com a participação de dirigentes comunistas ligados ao trabalho nos principais sectores da indústria, dos serviços e dos transportes) e sobre a imprensa do PCP e o seu papel actual (com a participação dos camaradas Blaquí Teixeira e Leandro Martins).

A exposição política central espalhava-se pela restante área (e, aqui também, com um contributo de jovens artistas), com instalações plásticas originais, um videowall, cartazes e fotografias. Recordando o fascismo e as lutas que contra ele foram desenvolvidas ao longo de 48 anos, a exposição

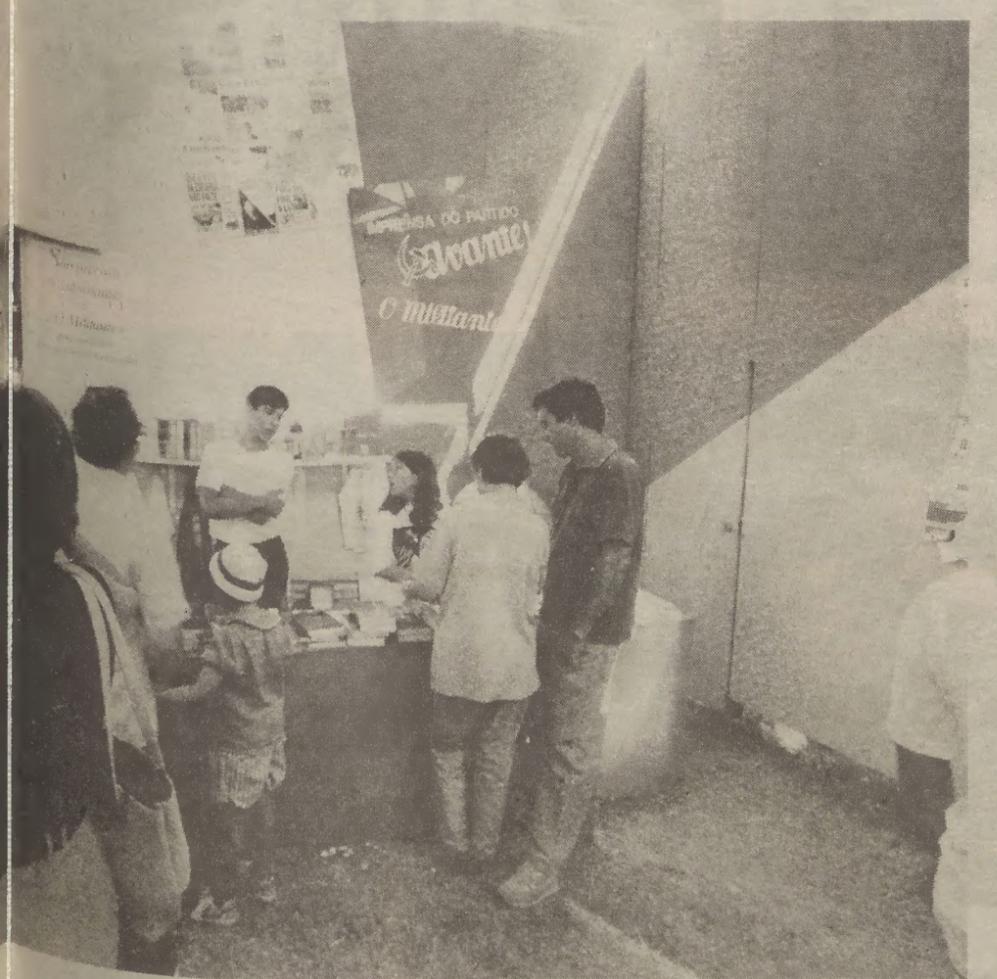


Entre as exposições políticas, a exposição de artes plásticas e o Café da Amizade, numa zona nobre do espaço central, foi erguido o monumento ao 25 de Abril, da autoria de Luís Ralha



contemplava ainda o período posterior ao 25 de Abril, referindo as conquistas alcançadas e a resistência à ofensiva contra-revolucionária.





Edgar Correia, Manuela Esteves, Fernando Marques, Maria do Carmo Tavares e Paulo Fidalgo foram os oradores do primeiro colóquio de sábado, sobre as responsabilidades sociais do Estado nos domínios da Saúde, Educação e Segurança Social.

O problema do desemprego e as propostas do PCP para gerar mais e melhor emprego foram as questões centrais do colóquio de sábado à noite, em que intervieram Agostinho

Lopes, Jerónimo de Sousa, José Ernesto Cartaxo, Vicente Merendas e Francisco Vieira. Albano Nunes, Joaquim Miranda, Sérgio Ribeiro, Ana Serrano, Carlos Amaro e Carlos Carvalho expuseram, no colóquio de domingo à tarde, as opiniões dos comunistas portugueses sobre «A Europa que queremos, a Europa por que lutamos».

Um público interessado acompanhou os debates e colóquios realizados no espaço central e em que participaram dirigentes do Partido envolvidos nas mais diversificadas áreas de intervenção, da Saúde à Informação, do sindicalismo à Comunidade Europeia e à revisão constitucional

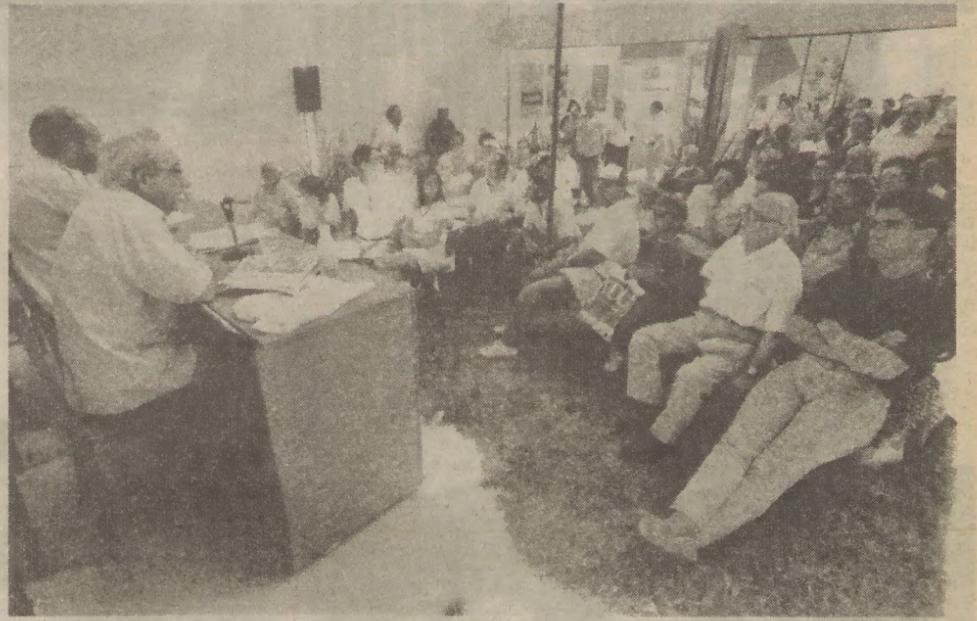
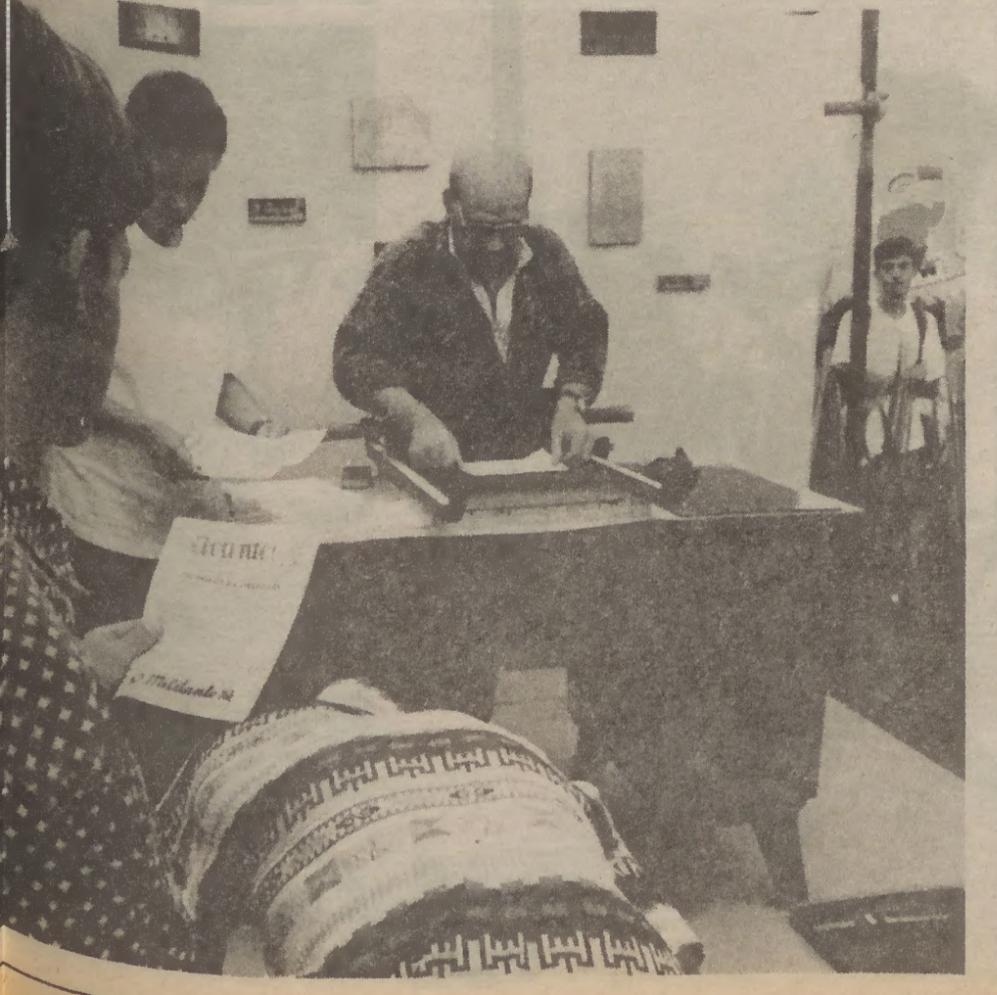


Colóquios no Forum

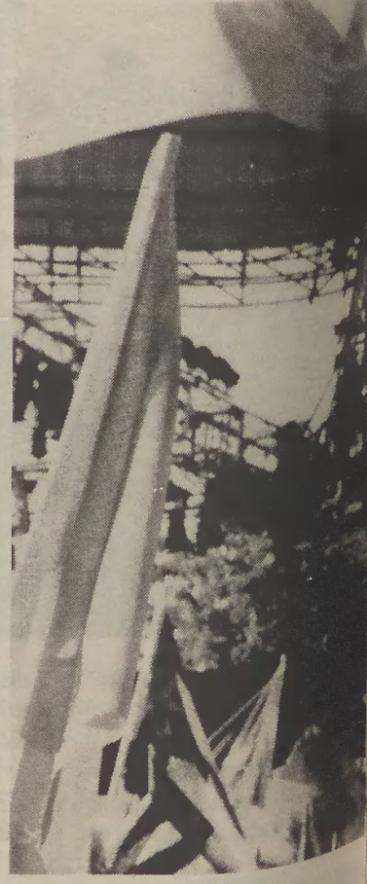
Questões *quentes* da actualidade política foram aprofundadamente tratadas ao longo dos três

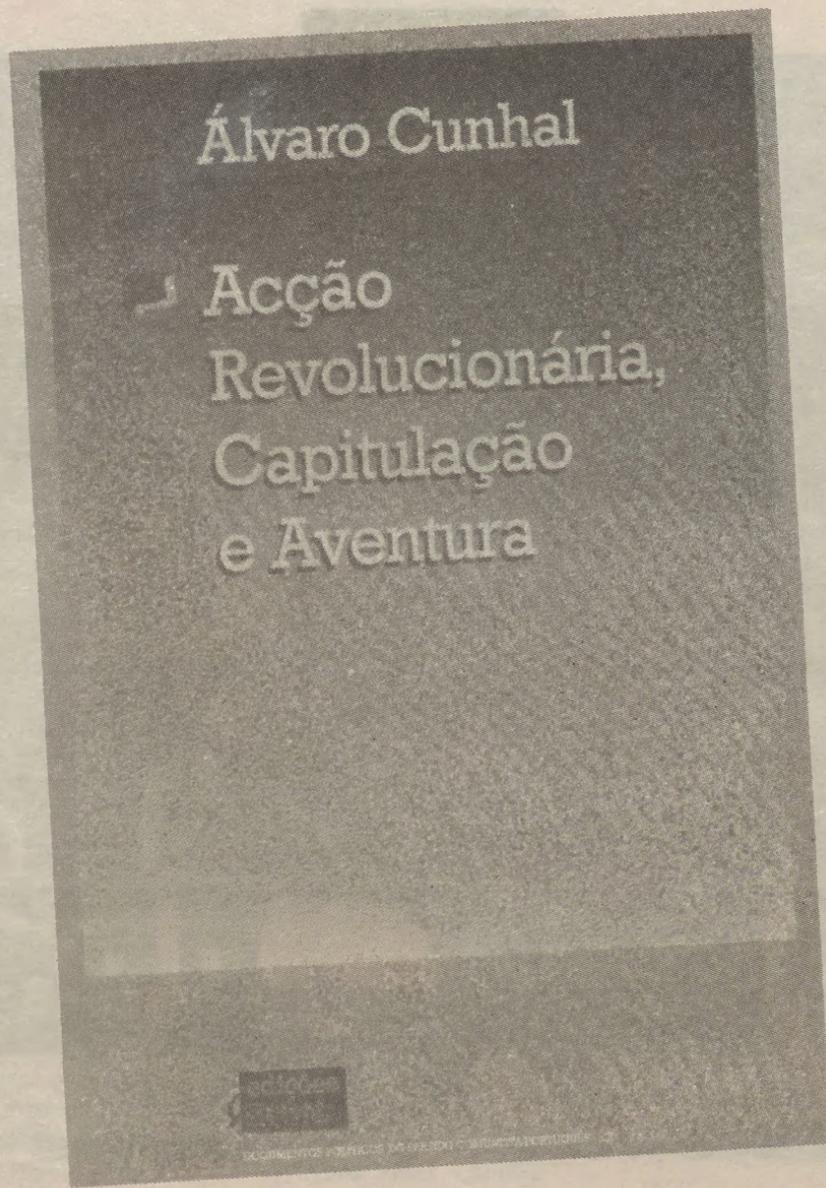
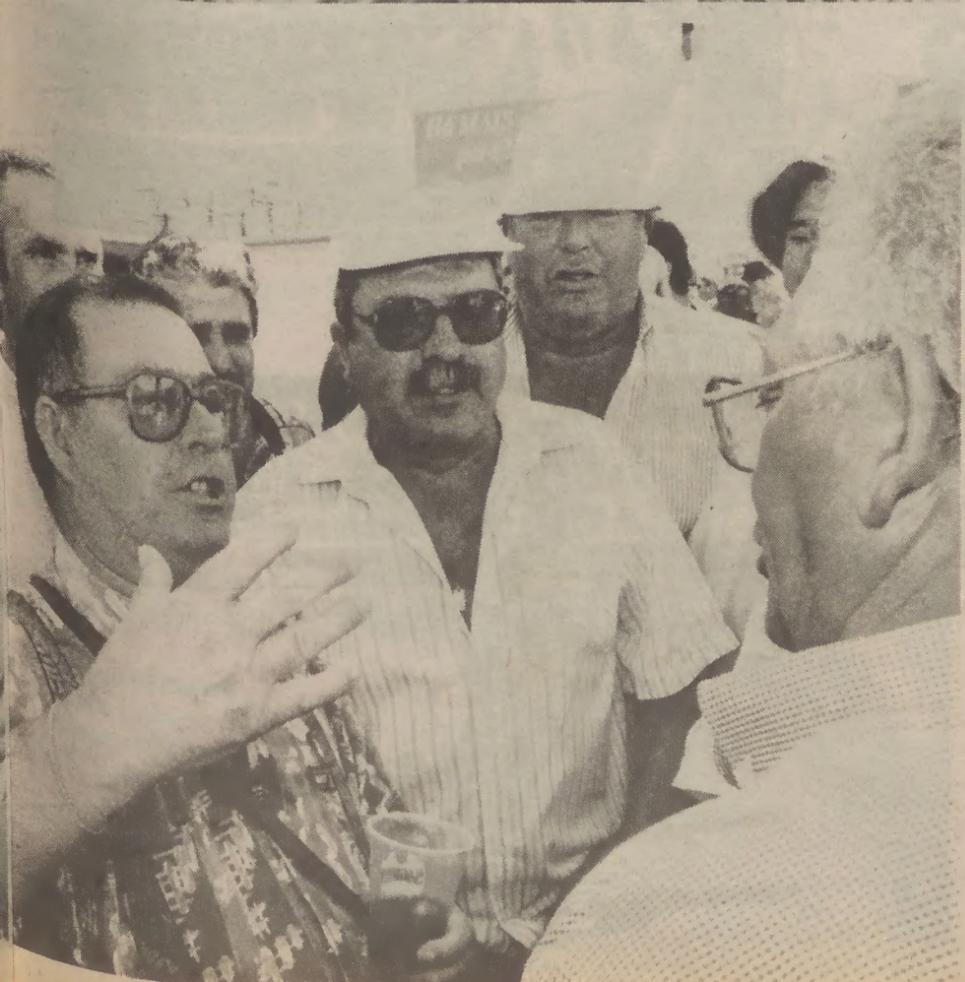
dias de Festa, no Forum, em colóquios com muito público interessado em conhecer os problemas do País e as posições do PCP. Na noite de sexta-feira, Vítor Dias, Aurélio Santos,

Fernando Correia e José Garibaldi falaram sobre «política e comunicação», colocando o enfoque na questão «debate de ideias ou espectáculo».



Fotos





“Acção Revolucionária, Capitulação e Aventura” Livro de Álvaro Cunhal apresentado na Festa

O lançamento do livro “Acção Revolucionária, Capitulação e Aventura”, da autoria de Álvaro Cunhal e com a chancela das “Edições Avante!”, constituiu um dos acontecimentos da Festa deste ano, atraindo de imediato as atenções da generalidade dos órgãos da Comunicação Social e a grande procura do público.

Explica o Prefácio, assinado pelo Autor, que “o ensaio *Acção Revolucionária, Capitulação e Aventura* foi escrito em 1967 e conservado até hoje na «gaveta de originais não publicados». Respeita a uma época em que se aprofundava a crise geral da ditadura fascista prenunciando uma situação revolucionária e confirmando o caminho que o PCP apontara da insurreição militar e popular para a conquista da liberdade e da democracia”.

“O ensaio agora editado - prossegue o Prefácio - aborda com relativo desenvolvimento os objectivos da luta antifascista que na época defendiam o PCP e as outras forças políticas e os problemas cruciais da unidade antifascista. Aborda as ilusões e tendências para o compromisso com a ditadura, nomeadamente com Marcelo Caetano e os «dissidentes do fascismo» por parte da então chamada burguesia liberal e de outros sectores da Oposição. Aborda as concepções e actuações esquerdistas e aventureiristas. Aborda finalmente o programa, os objectivos, as concepções, a actuação e o papel do PCP na luta pelo derrubamento da ditadura e pela conquista da liberdade e a instauração de um regime democrático. O estudo desse período da vida nacional tem sempre naturalmente interesse”.

Aqui, o Autor assinala:

“Mas talvez que o ensaio agora editado não tivesse saído da «gaveta dos originais não publicados» se, com as comemorações do 20º aniversário da Revolução de Abril, se não tivesse desencadea-

do uma gigantesca e orquestrada campanha de falsificações da história cujo eixo central foi, não comemorar a revolução democrática e o seu alto valor histórico e libertador, mas condenar o 25 de Abril e a revolução democrática. Precisamente, os últimos tempos da ditadura fascista, que imediatamente precederam a Revolução de Abril, ou seja, a crise geral da ditadura e o governo de Marcelo Caetano, os objectivos da revolução antifascista, a actuação e as alianças das várias forças políticas constituíram um dos pratos fortes da campanha reaccionária contra a Revolução de Abril com os objectivos acima apontados.”

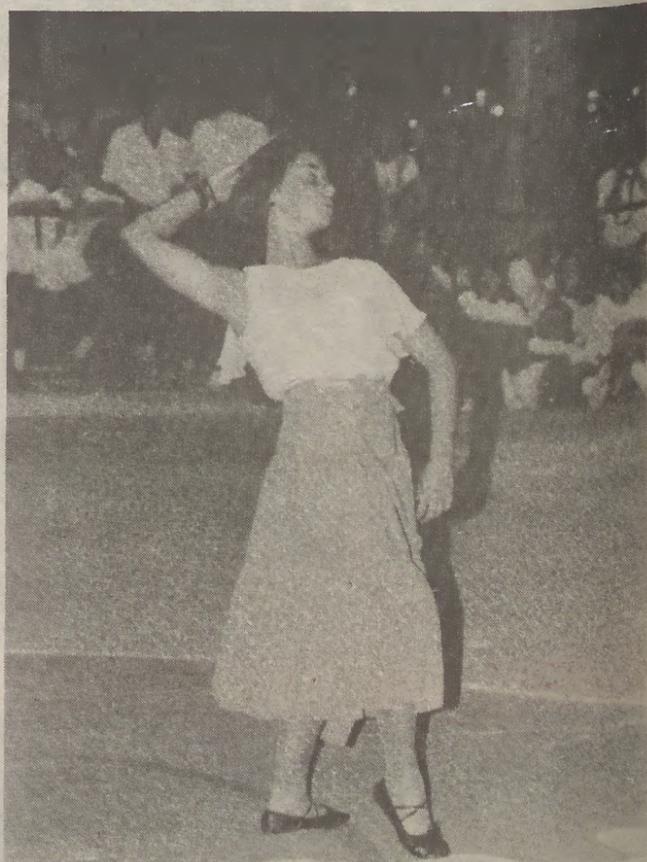
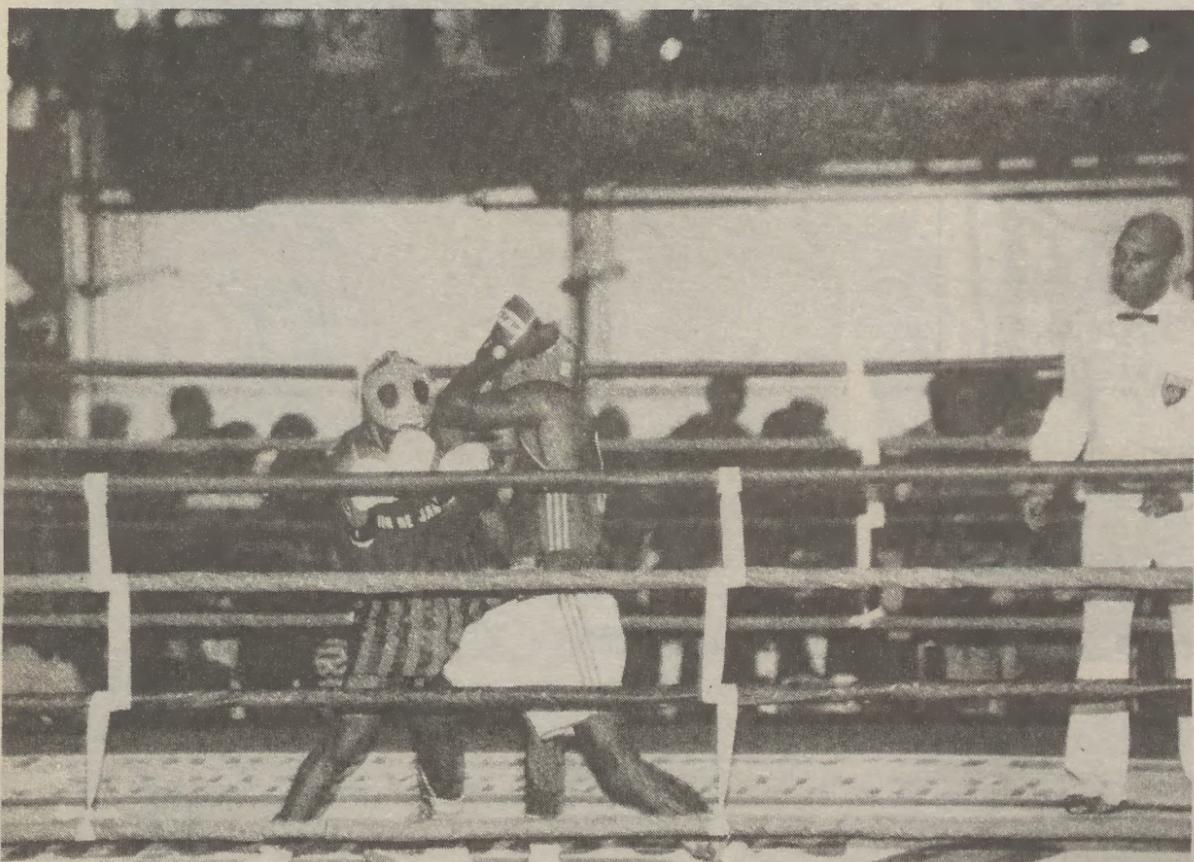
E acrescenta:

“Ora a natureza da ditadura, a época de Marcelo Caetano, os objectivos, posições e actividade das várias forças políticas, constituem matérias do ensaio agora editado, significativas não apenas relativamente à vida nacional nessa época mas também para o conhecimento e a compreensão de tudo quanto se lhe seguiu no quarto de século desde então decorrido - a luta revolucionária para pôr fim à ditadura, o 25 de Abril, a revolução democrática e a contra-revolução até aos dias de hoje”.

O ensaio *Acção Revolucionária, Capitulação e Aventura*, após o Prefácio (breve texto de duas páginas e o único datado de 1994, num livro todo ele elaborado em 1967), apresenta uma Introdução de sete páginas e avança por quatro grandes Capítulos, genericamente intitulados: I - A Actual Etapa da Revolução e a Unidade Antifascista; II - Hesitações, Legalismo e Compromisso; III - Caminho da Insurreição ou Caminho da Aventura?; IV - A Acção Revolucionária que se Impõe.

Desporto

Três dias de desporto



Cerca de 730 atletas participaram em encontros desportivos realizados durante os três dias da Festa. Futebol de salão, basquetebol em cadeiras de rodas, patinagem artística, ginástica, balett, aeróbica, damas, xadrez, tiro, malha corrida, malha pequena, malha grande, triatlo e boxe foram as modalidades que estiveram em foco.

O programa desportivo foi aberto pelas equipas APD/Sintra e APA/Lisboa que realizaram um encontro-exibição de basquetebol em cadeira de rodas, que terminou com a vitória da equipa de Lisboa.

Com o espaço do desporto repleto de visitantes, a Escola de Patinagem do Clube Azeitonense ofereceu uma extraordinária exibição de patinagem artística, modalidade que esteve presente pela primeira vez na Festa.

A encerrar a sexta-feira, realizou-se um sarau de ginástica rítmica desportiva em que participaram o Centro Cultural e Desportivo, o Clube Recreativo da Cruz de Pau e a Casa do Povo de Corroios que apresentou uma classe de duplo trampolim, onde se destacaram atletas que são seleccionados portugueses para o próximo campeonato do mundo.

Entretanto, decorriam a simultânea de damas conduzida pelo mestre José Pereira, exposições de tiro ao alvo, demonstrações de escalada em parede artificial, realizadas pelo CIMO, um prestigiado clube de montanhismo.

Mas os visitantes da Festa não foram apenas meros espectadores. Cerca de 200 pessoas puderam participar numa aula

de aeróbica com o maior especialista português - o professor José Sabro

No sábado, tiveram lugar exposições de futebol juvenil masculino que opuseram as equipas da Quinta Nova-Movelmada ao Clube Recreativo Barroquense. No futebol senior feminino defrontaram-se as equipas do Clube da Alagoa e o SR Estrelas do Feijó.

Enquanto se jogava futebol, decorriam as exposições de malha pequena, corrida e grande, exposições de tiro e de escalada.

O mestre João Leonardo (do Barreiro) defrontou numa simultânea de xadrez 22 adversários que, segundo afirmou, eram de grande nível. Não obstante, conseguiu 20 vitórias e dois empates, estes com Paulo Sousa, de Lisboa, e Vítor Vicente de Almada. Ainda no sábado, integrado no programa desporto para todos, decorreu uma prova de xadrez para invisuais filiados na Associação de Cegos de Portugal, onde participaram José Luís de Carvalho, António Vidinha, Luís Covas e Alberto

Mimoso, que se opuseram aos visuais Mário Correia, Fernando, Sílvio Soares e José Lopes que venceram os seus jogos.

A eliminatórias do torneio nacional de futebol de salão ditaram o afastamento do «Neves da Graça», de Beja, Café Pacheco, da Guarda, Juventude Futebol Clube e J. Pequeno e Pequeno, ambas de Setúbal.

O sábado terminou com uma grande sessão de pugilismo onde participaram André Lopes, Mário Marques, Paulo

Lopes e Pedro Vieira, do Grupo Amigos da Costa e Nuno Semedo e Nuno Mendes, da Escola Preparatória do Monte de Caparica. Estes quatro combates foram disputados por jovens pugilistas da categoria de juvenis.

Na segunda parte da sessão, Pedro Árias, de Cuba, na categoria de 54 quilos (galo), venceu o José Pires por incapacidade física do atleta português ao segundo assalto. Mário Mesa, também de Cuba, venceu, na categoria de 57 quilos (pluma), Walter Peres,

igualmente por incapacidade física ao segundo assalto.

Na categoria de 75 quilos, Jorge Parodi, de Cuba, venceu Nuno Lagarto. Em qualquer dos combates, os atletas portugueses mostraram muita fibra e determinação, mas o elevado nível dos pugilistas cubanos evidenciou-se desde o primeiro momento.

Nesta sessão, foi homenageado João Miguel, mais conhecido por «Paquito», o único pugilista português que participou nos Jogos Olímpicos.

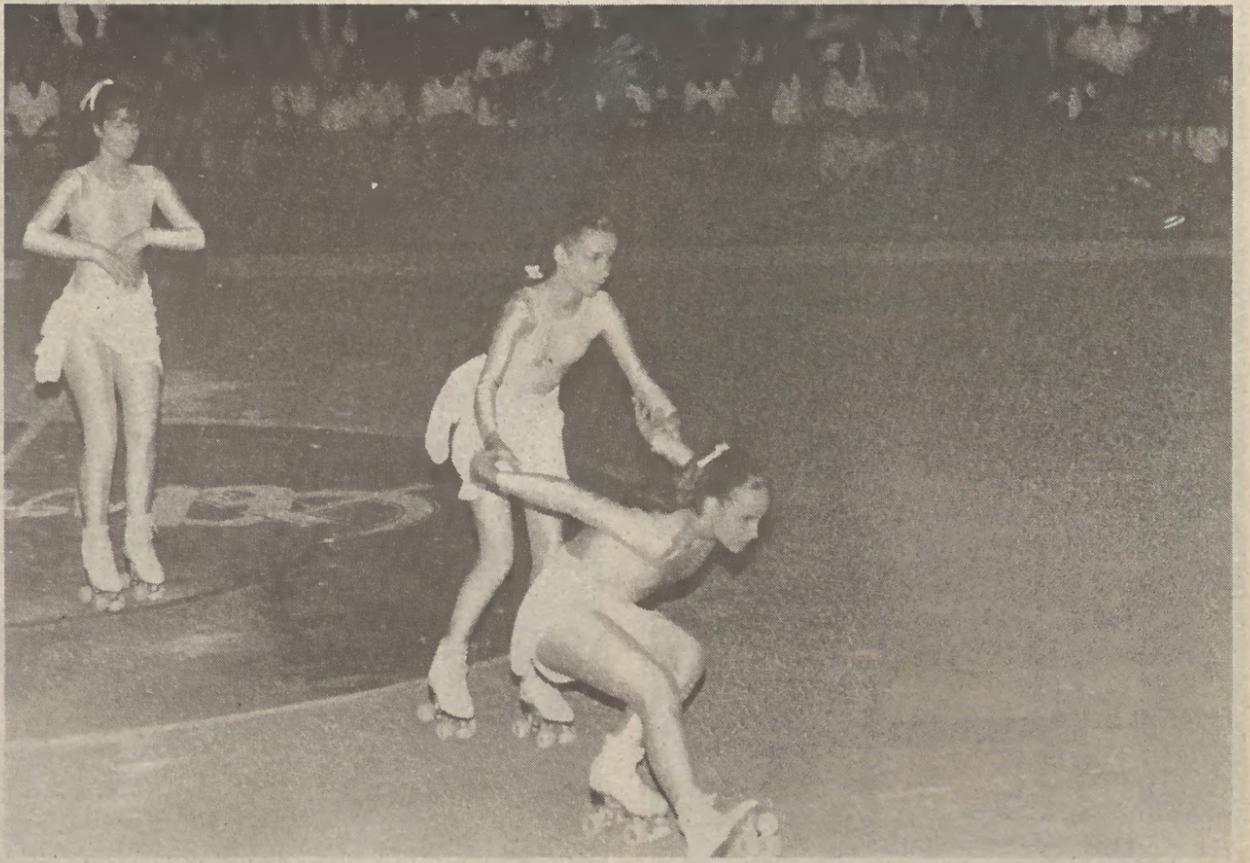
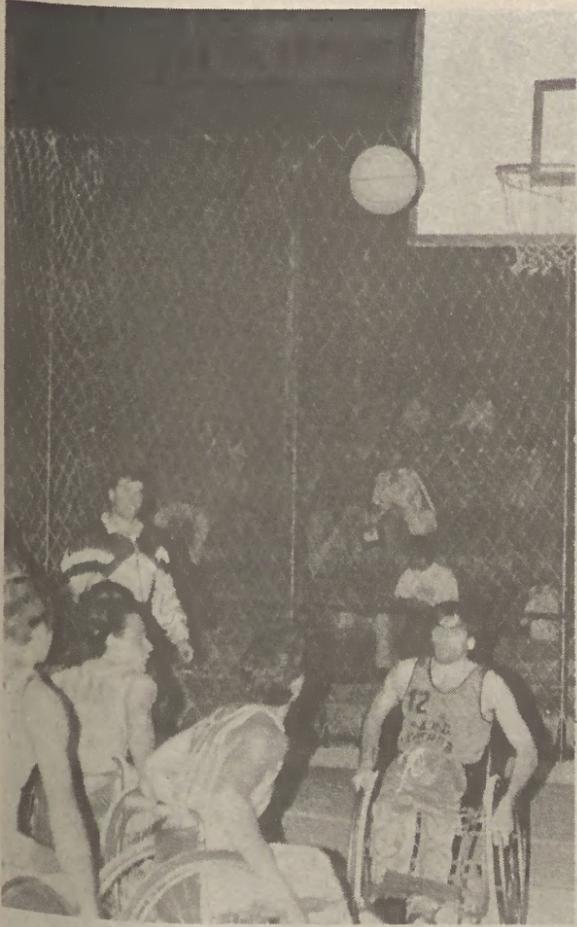
Futebol de Salão

As meias finais do Torneio de Futebol de Salão decorreram no domingo terminando com a seguinte classificação:

- 1.ª Comissão de Moradores da Zona Sul - Baixa da Banheira (Setúbal)
- 2.ª Galitos de S. João (Lisboa)
- 3.ª Restaurante O Pátio (Coimbra)

A taça de disciplina foi atribuída à equipa de Setúbal que também arrecadou o troféu do atleta mais jovem. Antes da aguardada final realizou-se um jogo de exibição entre uma equipa de Viana do Castelo e uma equipa de Almada.





Xadrez



Durante os três dias da Festa, passaram pelo Pavilhão do Xadrez cerca de cem xadrezistas. Os jogos começaram logo na sexta-feira com muitos participantes, embora o torneio de semi-rápidas e a simultânea de xadrez estivessem marcados para sábado. O domingo esteve reservado aos concorrentes do triatlo.

No torneio de **semi-rápidas** (dez minutos) participaram 37 concorrentes. A classificação foi a seguinte:

- 1º Marinus Luyks - Holanda
- 2º Mário Correia - Lisboa
- 3º Marco Santos - Alverca
- 4º Fernando Pena - Almada

Tiro

No domingo, logo pela manhã, realizaram-se as finais de tiro por equipas e individuais. O vencedor absoluto feminino foi o Clube de Praças da Armada.

- Equipas masculinos**
- 1º CR Barroquense
 - 2º «Os Craques»
 - 3º Clube Futebol Trafaria

Individuais masculinos

- 1º Acúrcio Correia
- 2º Joaquim Monteiro
- 3º João Santos

Individuais femininos

- 1ª Teresa Lameirão
- 2ª Sandra Legateaux
- 3ª Ana Santos



Damas

Realizado no sábado, o torneio de Damas terminou com a seguinte classificação dos dez primeiros:

- 1º José Pereira - Almada
- 2º Leopoldo Lopes - Lisboa
- 3º João Sepanas - Évora
- 4º Júlio Viegas Nunes - Faro
- 5º Bonifácio Machado - Guimarães

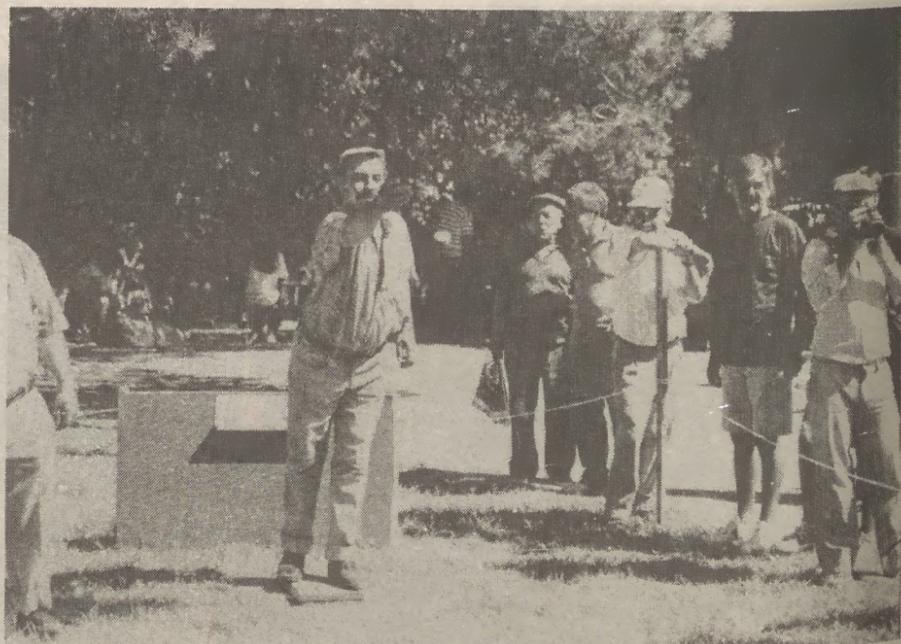
- 6º Luís Sá - Vila do Conde
- 7º José Domingos - Faro
- 8º Sebastião Ferreira - Amadora
- 9º Arnaldo Santos - Charneca Caparica
- 10º João Soares - Moscavide



Desporto**Malha pequena**

Nesta modalidade, ficaram nos três primeiros lugares as seguintes equipas:

- 1º Arrotense - Alhos Vedros
- 2º SV Banheirense - Baixa da Banheira
- 3º Sempre Fixe - Barreiro

**Malha corrida**

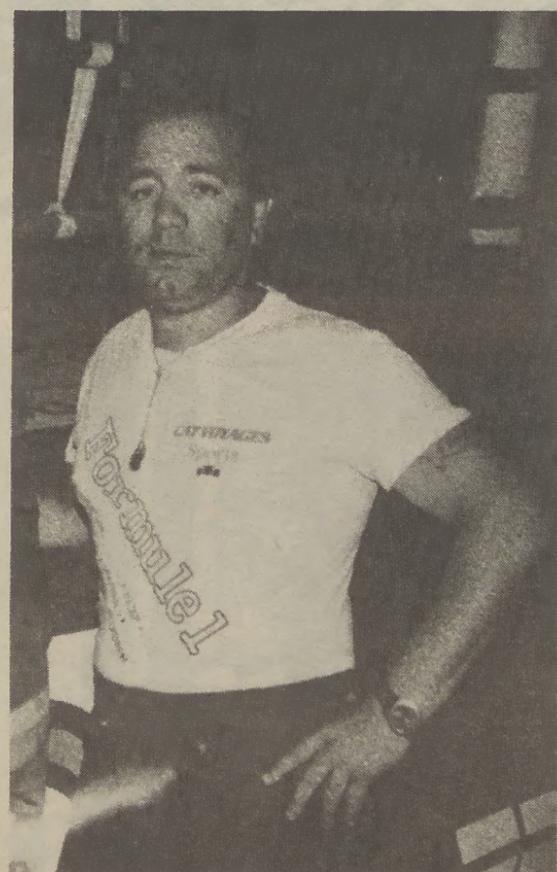
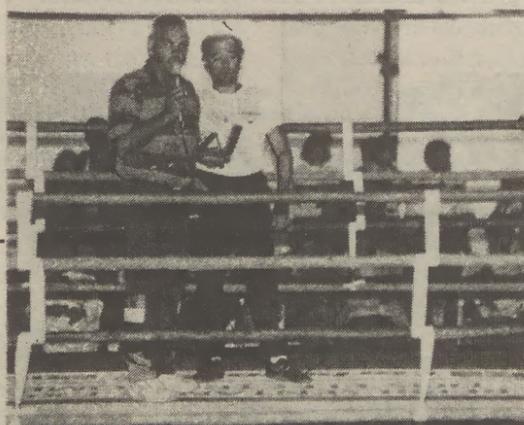
Obtiveram as três primeiras posições seguintes equipas:

- 1º Relvas Verdes - Santiago do Cacém
- 2º Carôto - Sines
- 3º Vasco Gama da Lançada - Santiago do Cacém

**Malha grande**

Na Malha Grande, classificaram-se:

- 1º Ídolos do Chinquillo da Anunciada - Setúbal
- 2º Águias Vale Milhaços - Seixal
- 3º União Futebol Clube Jardense - Montijo

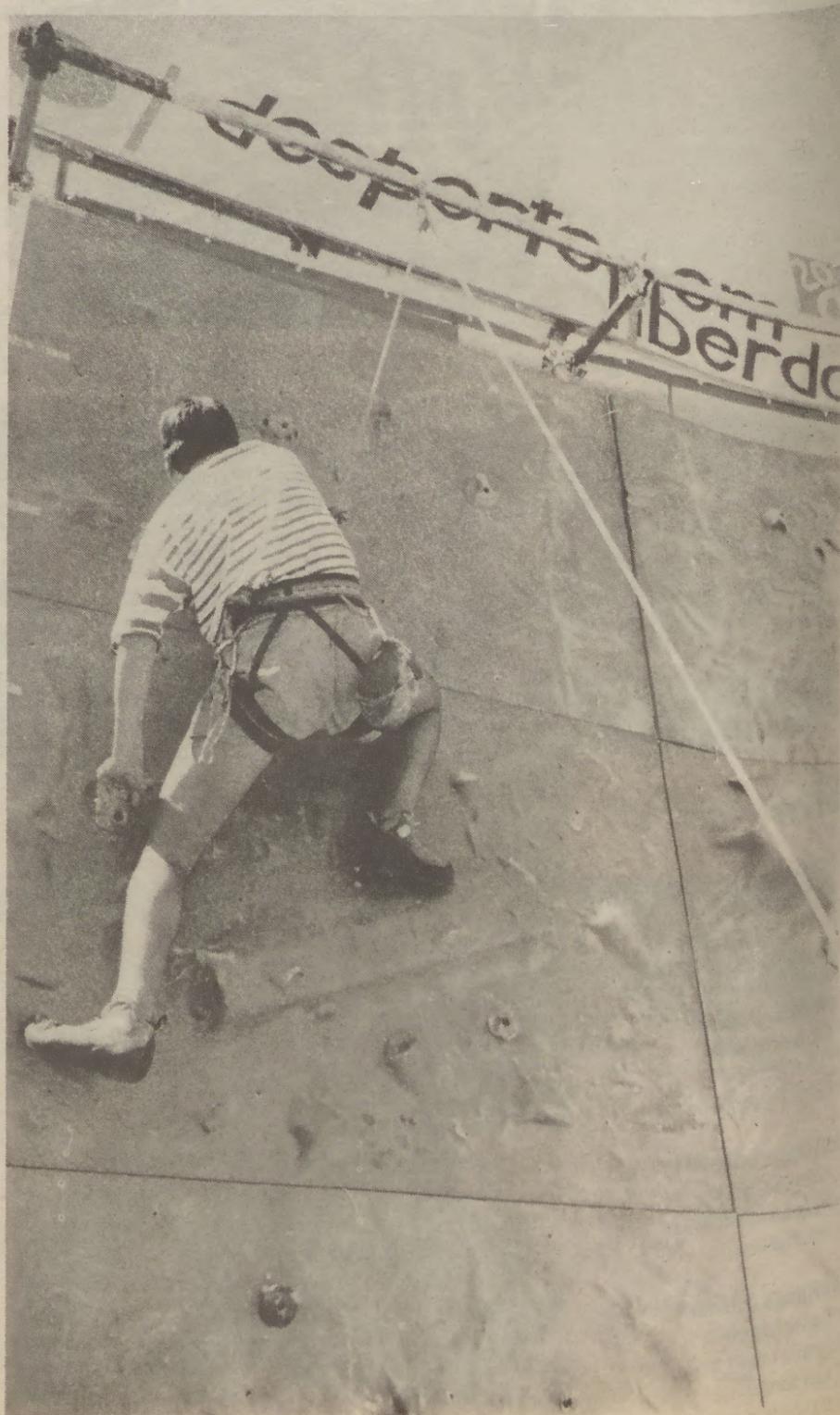


João Miguel («Paquito»), o único pugilista português que participou nos Jogos Olímpicos, foi homenageado na Festa do «Avante!», no decorrer da sessão de boxe que trouxe de Cuba nomes consagrados da modalidade

Triatlo

Participaram 42 concorrentes na prova de Triatlo da Festa do «Avante!», tendo a classificação ficado assim ordenada:

- 1º Humberto Afonso - Almada
- 2º Carlos Viegas - Almada
- 3º Bruno Figueiredo - Almada
- 4º Mário Correia - Lisboa
- 5º Cristiano Viegas - Almada
- 6º Paulo Alexandre Baptista - Seixal
- 7º Luís Santos - Almada
- 8º Nuno Fernando - Coimbra
- 9º Alexandre Viegas - Almada
- 10º Hugo Palma - Barreiro



Perto de mil atletas cortam a meta

José Soldado e Albertina Dias vencem Corrida



Com 1798 atletas e 142 equipas inscritos, a edição deste ano da Corrida da festa do «Avante!» registou a segunda maior participação de sempre, tendo completado o percurso da prova 973 corredores e 75 equipas.

A classificação geral foi ganha por José Soldado, que ajudou a sua equipa (SUC) a conseguir também a vitória. Nos diferentes escalões, venceram os seguintes atletas:

• Deficientes - João Carlos Rodrigues, do APD;

• Juniores masculinos - Arménio Felismino, do A. D. Juventude Valverde;

• Juniores femininos - Anabela Mesquita, do A A Charneca da Caparica;

• Seniores masculinos - José Soldado SUC (vencedor da prova)

• Seniores femininos - Albertina Dias, do Maratona Clube da Maia;

• Veteranos I - Joaquim Pereira, do GDR Reboleira;

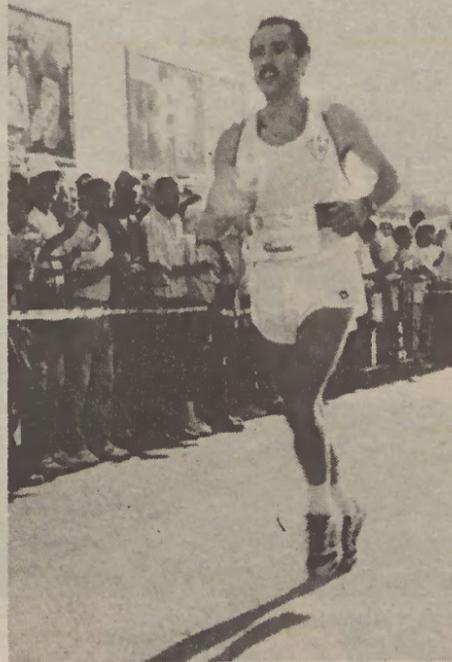
• Veteranos II - João Martins, do CR Cruz de Pau;

• Veteranos III - José Martins, do CCD Central Cervejas;

• Veteranos IV - Armando Aldegalaga, do SCP;

• Veteranas - Umbelina Nunes, do Casal Privilégio.

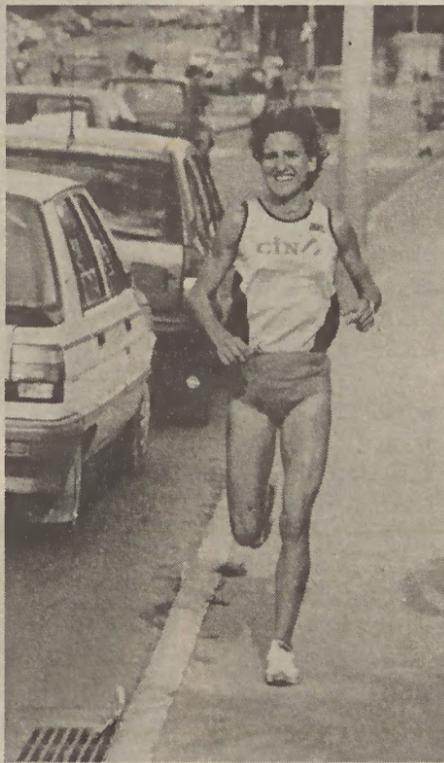
Na cerimónia de entrega dos prémios, usou da palavra o professor António Vilela, director da prova, que sublinhou a importância da Corrida da festa do Avante! no panorama desportivo nacional, onde «é já



José Soldado chega à meta

considerada uma das mais significativas, pois reúne um conjunto de valores de primeiro plano e os chamados atletas de pelotão ao longo do trajecto, tornando-a numa das mais belas provas deste Portugal de Abril».

António Vilela, em nome da Comissão de Organização, agradeceu a todas as «entidades públicas, privadas, dirigentes, clubes e atletas» a colaboração prestada, e em particular à Câmara Municipal do Seixal, ao Amora Futebol Clube, Junta de Freguesia da Amora, Bombeiros Voluntários do Seixal, GNR de Paio Pires, PSD da Cruz de Pau e do Seixal, ao Xistarca, Casa dos Atletas, Caparica CB, Junta de Freguesia da Pontinha, Rádio Baía e à Sumol, que patrocinou a prova.



Albertina Dias, vencedora do seu escalão



Armando Aldegalaga vence no escalão de veteranos

Os cem primeiros

NOME	ESCALÃO	EQUIPA
1 José Soldado	SN	SUC
2 Eduardo Fernandes	SN	CTH
3 Humberto Alves	SN	SUC
4 Carlos Oliveira	SN	Polícia Mun. Lisboa
5 José Inácio	SN	SUC
6 Alberto Chaica	SN	SUC
7 Luís Martins	SN	Desp. Op. Rangel
8 António Araújo	SN	Individual
9 Luís Serrano	SN	SUC
10 Eugénio Nelo	SN	GDC Galamares
11 Luís Coelho	SN	G. Atletismo Valejas
12 Daniel Antunes	SN	Câmara Lisboa Clube
13 João Pereira	SN	GDC Galamares
14 Óscar Santos	SN	GDR Reboleira
15 Fernando Tavares	SN	CR Cruz de Pau
16 Delfim Pimentel	SN	Polícia Mun. Lisboa
17 Eusébio Rosa	SN	Sport Lisboa e Benfica
18 Fernando Fernandes	SN	Xistarca
19 Osvaldo Nascimento	SN	GDC Galamares
20 Sérgio Oliveira	SN	Águias V. Fanqueira
21 Jorge Lobo	SN	CCD Loures
22 Hélder Mateus	SN	GDC Galamares
23 Joaquim Pereira	V1	GDR Reboleira
24 Rui Lopes	SN	GDR Reboleira
25 João Rodrigues	SN	Lisboa Futebol Clube
26 Edgar Rodrigues	SN	Estrela FCV Novas
27 Gabriel Rodrigues	SN	ADCR Painho
28 Manuel Rocha	SN	Polícia Mun. Lisboa
29 Amílcar Duarte	SN	SCP
30 Albertina Dias	SF	Maratona Clube da Maia
31 Mariano Cabrita	SN	Academia Almadense
32 Francisco Aragones	SN	SFUAP
33 Mário Marques	SN	Individual
34 Pedro Pereira	SN	Manuel Simão Filhos
35 Joaquim Antunes	SN	SFUAP
36 José Miguel Santos	SN	Individual
37 José Amigo	V1	Zambujalense
38 Álvaro Costa	SN	SUC
39 Artur Pereira	SN	Linda Pastora S. Clube
40 Francisco Gravito	V1	GDR Reboleira
41 José Amador	V1	ARCD Bairro Santiago
42 Sérgio Balão	SN	Maratona Clube Montijo
43 Paulo Ramos	SN	Polícia Mun. Lisboa
44 Arménio Felismino	JN	AD Juv. Valverde
45 Jacinto Barroso	V1	G. Atletismo Valegas
46 José Raimundo	SN	Águias V. Fanqueira
47 José Afonso	SN	Manuel Simão Filhos
48 Manuel Figueiredo	SN	GDR Reboleira
49 Joaquim Delgado	SN	Águias V. Fanqueira
50 José Pereira	V1	CCD Loures
51 Nuno Alves	JN	Manuel Simão Filhos
52 Paulo Dias	SN	GD Os Patrícios
53 Armando Aldegalaga	V4	SCP
54 Mário Lopes	V1	Individual
55 António Pereira	V1	SFO Amorense
56 Carlos Vilaça	SN	Academia R. Ajuda
57 João Martins	V2	CR Cruz de Pau
58 José Silva	SN	ASC Almancil
59 José Morais	V1	Grafodinâmica
60 Vasco Timóteo	SN	Papa-Léguas
61 Pedro Salvador	JN	Maratona Clube Montijo
62 Mário António	SN	GDO Independente
63 Luís Alceu	SN	GDR Reboleira
64 José Monteiro	V1	Grafodinâmica
65 Nelson Figueira	V2	Lisboa Futebol Clube
66 João Neves	SN	Maratona Clube Montijo
67 José Martins	V3	CCD Central Cervejas
68 José Gil	SN	GDR Reboleira
69 Paulo Santos	SN	GR Quinta da Lomba
70 Manuel Moreira	V2	GA Super Estrelas
71 Pedro Monteiro	SN	Past. Ritinha
72 António Carrasco	SN	Individual
73 Rosa Oliveira	SF	Maratona Clube da Maia
74 Paulo Pires	SN	UBP
75 Armando Fitas	SN	AMAL
76 Orlando Lopes	V2	Lissa Transitários
77 Mário Pinela	SN	Ídolos Praça Setúbal
78 José Prazeres	SN	ND Juvenil Laranjeir.
79 António Seromenho	SN	Individual
80 José Conceição	V2	A. Moradores 18 de Maio
81 Rui Silva	V1	SFUAP
82 José Fernandes	V1	Lissa Transitários
83 Manuel Félix	V2	União Desp. Fetais
84 Bernardino Pereira	V2	Maratona Clube da Maia
85 Fernando Lemos	V1	BPA
86 Francisco Ramalhete	V1	BPA
87 Carlos Silva	V3	SRC Lavradio
88 Carlos Nunes	SN	AMAL
89 Justino Figueirinha	JN	Individual
90 António Lopes	SN	GDC Galamares
91 António Pinto	SN	FC Fonte Santa
92 Domingos Penedo	SN	GDR Reboleira
93 António Soberano	V1	AD EFACEC
94 Ramiro Damas	V2	Manuel Simão Filhos
95 Joaquim Guerreiro	SN	Lissa Transitários
96 José Gomes	SN	FC Fonte Santa
97 Luís Silveira	SN	GD Os Patrícios
98 Jorge Gomes	SN	Desp. Op. Rangel
99 Carlos Antunes	SN	Individual
100 Alexandre Monteiro	SN	SUC

Espectáculos

A Música



Carlos do Carmo: ser português

da solidez

Definições tantas vezes misteriosas, confusas, ou absolutamente inequívocas misturam-se para designar estilos, géneros, correntes, origens, modelos ou receitas musicais que muitas vezes os ouvidos mais cultos, disciplinados e treinados, pura e simplesmente não diferenciam. É que nos dias que correm, e sem falarmos na música clássica (ou erudita? ou culta? ou séria?...), a música pode ser *rock*, *folclore*, *ligeira*, *étnica*, *blues*, *soul*, *country*, *folk*, *canção*, *music-hall*, *salsa*, *merengue*, *coladera*, *world music*, *negra*, *branca*, *rap*, *punk*, *neo-punk*, (e muitos outros «neo»), *pop*, *portuguesa*, *brasileira*, *cubana*, *mexicana*, *jazz*, *improvisada*, *de vanguarda*, *free*, *funky*, *samba*, *mambo*, *new age*, *grunje*, *afro*, *de fusão*, *latina*, *reggae*, *habanera*, ou ainda algumas centenas (milhares?) de outras formulações jornalísticas, promocionais ou estritamente musicais, que, no entanto, cabem todas debaixo desse enorme «chapéu» chamado «música popular». Porquê? Os conceitos e as suas definições formam muitas vezes charadas a cuja resolução se dedicam ingloriamente milhares de páginas impressas, escritas pelos mais brilhantes estudiosos. Porém a vida, a experiência, - talvez mesmo uma simples Festa do «Avante!» - acabam por, utilmente, oferecer-nos um suporte para sustentar, senão uma certeza, pelo menos uma impressão, capaz de nos libertar da angústia de pisarmos constantemente um lodaçal de dúvida.

«Popular» é uma palavra mal-dita, pelo duplo sentido de algo que é «do povo» ou «simpático ao povo». Será música popular aquela que o povo cria ou aquela que o povo gosta?

Afinal, o que é que define a música popular? A origem da sua criação? O ser expressão de uma herança ancestral? A capacidade de evidenciar o essencial estético, cultural e social de uma comunidade? A utilização de determinados esquemas de composição e rigorosos padrões melódicos, rítmicos, harmónicos, instrumentais ou tímbricos? O nível técnico dos seus executantes e criadores? A capacidade de ser assimilada e escutada por

uma largo número de pessoas? A ligação ao quotidiano das populações que a criam e usufruem? A comercialização em larga escala?

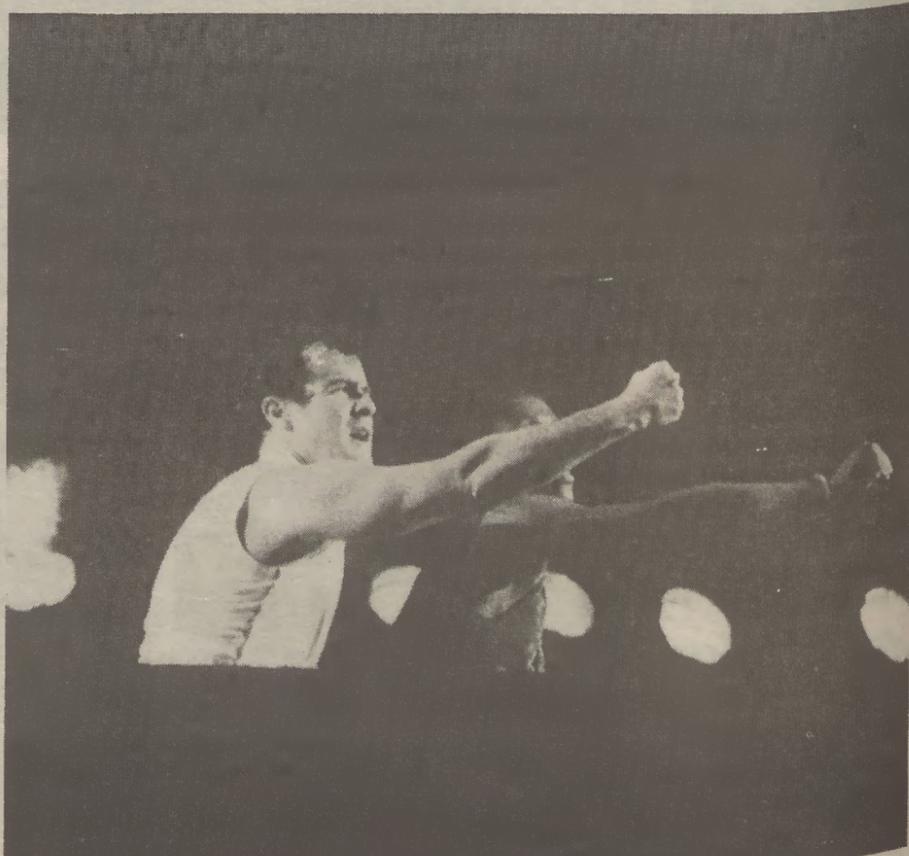
Johnny Clegg e o grupo Savuka produzem uma música popular. O espectáculo brilhantemente meticuloso da Festa provou-o. A fusão, culturalmente honesta, entre os ritmos zulus, de que o grupo multi-racial sul-africano se reivindica porta-voz, e a influência anglo-saxónica, demonstra-se legítima.

O próprio Clegg contou uma história sobre troças de influências culturais. É conhecida a acção decisiva da música africana na formação de algumas

das músicas mais importantes do nosso século mas o contrário também aconteceu: quando os colonizadores europeus chegaram à África do Sul levaram com eles a concertina, que faz parte hoje da instrumentação essencial da música zulu. «Esta concertina que aqui trago», disse Clegg, «comprei-a em Itália. Depois foi-lhe modificado o teclado direito, para se poder tocar música zulu».

Clegg tem a arte de produzir canções de fácil universalização, ao mesmo tempo que transmite e divulga a herança cultural do povo que adoptou. Os comentários, as explicações são constantes, rigorosas e habilmente doseadas pelo inteligente ritmo do espectáculo. A música contagiante acrescentou-se a reprodução da coreografia zulu. As palavras das canções falaram de justiça, solidariedade, luta. Um grande momento na Festa do «Avante!».

Definitivamente popular é o *gospel*, as canções evangélicas dos negros norte-americanos, já definitivamente influenciadas pelos *blues* desde que a sua divulgação em todo o mundo passou nos anos 50 por intérpretes tão excepcionais como Sister Rosetta Tharpe e Mahalia Jackson. Uma fusão levada ao nível do paradoxo (onde se encontra o *gospel* e está o *blues*? onde começa o profano e termina o sagrado?) pelos **Holmes Brothers** num dos momentos mais altos de sempre da programação do Auditório 1º de Maio. Três possantes vozes negras, sentimentalmente excessivas, interpretam *Amazing Grace* ou *Will the Circle Be Unbroken* com a autenticidade exigida pelo género. Vozes de simultaneamente três músicos (guitarra eléctrica, bateria e baixo) capazes de em *All Night, All Day* reproduzirem toda a elevada qualidade dos executantes de eleição. Fica a regra demonstrada: a música popular sabe sempre renovar-se.



Johnny Clegg: cultura e espectáculo

e da razão



Omara Portuondo: Cuba é uma razão



Band of Hope: a chama da folk



Holmes Brothers: sentimentalmente excessivos



Mísia: novidade e autenticidade



Grupo de Guitarras de Antigos Estudantes de Coimbra: saber



Maria Alice: sodadi da Ilha di Sal

Fica também o desencanto para os que perderam - a lotação do Auditório tem limites - uma oportunidade única de ver um grande grupo norte-americano.

Ninguém em Portugal tem dúvidas sobre o estatuto popular do fado. Carlos do Carmo, Mísia, e o Grupo de Guitarras de Antigos Estudantes de Coimbra protagonizaram momentos de fado na Festa. O primeiro cantou Ary dos Santos, explicou a importância do poeta para as canções do nosso país e demonstrou ser a melhor voz masculina do género. Carlos do Carmo é um caso de cultura (não só fadista) e um impulsor das mutações mais importantes feitas nesta música nos últimos anos. Mísia mostrou-nos um repertório de cuidada selecção (nomes como António Lobo Antunes, António Vitorino de Almeida, José Saramago e Vitorino Salomé surgem entre os autores e compositores escolhidos) e uma autenticidade vocal exemplar. De Coimbra veio gente sábia.

Omara Portuondo chegou à Festa vinda de Cuba e com o seu espectáculo explicou-se o facto de ali estar um dos maiores nomes femininos da música do seu país, cantou-se a solidarie-

dade com a ilha e a razão de esta ser nascente de alguns dos ritmos mais divulgados em todo o mundo.

A folk britânica revelou-nos a Band of Hope e o facto de esta música popular continuar a empenhar-se em canções como a que conta a história do «bravo soldado» que se recusou a lutar numa guerra que achou injusta: a recente Guerra do Golfo.

O grupo Amal trouxe ao auditório o som árabe e os sentimentos de um povo em luta: o povo do Sahara Ocidental. De Cabo Verde, Maria Alice trouxe-nos as canções di sodadi de Ilha di Sal.

«Estar aqui, representa cantar na Festa do único partido em

Portugal que pode um dia acabar com a exploração do homem pelo... bem, vocês sabem!». As palavras são de General D, o anfitrião da tarde de Rap no Auditório. Uma série de grupos e cantores disse palavras contra o racismo, a injustiça, a discriminação. Se a música popular tem de ter ligação com o quotidiano, então chama-se Rap.

Estas são músicas da solidez das ideias e da razão dos povos. Estiveram na festa e são exemplos distintos, irrefutáveis, do que é música popular. Para que precisamos então de académicas definições?

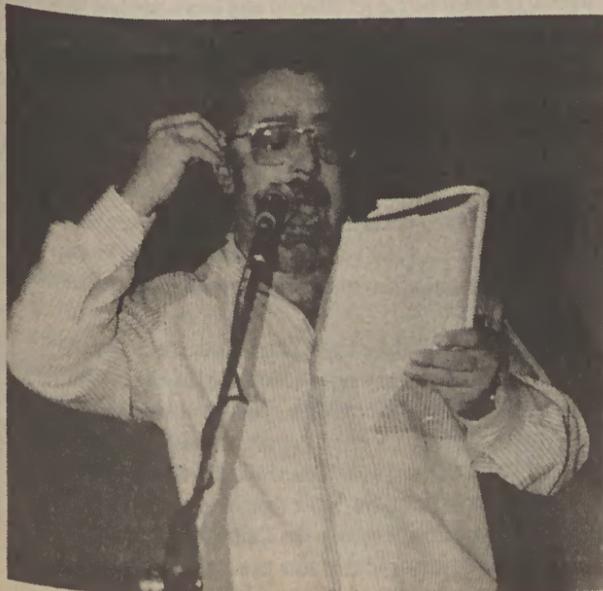
■ Pedro Tadeu



Amal: não esquecer o Sahara Ocidental



Rap: os dias de hoje

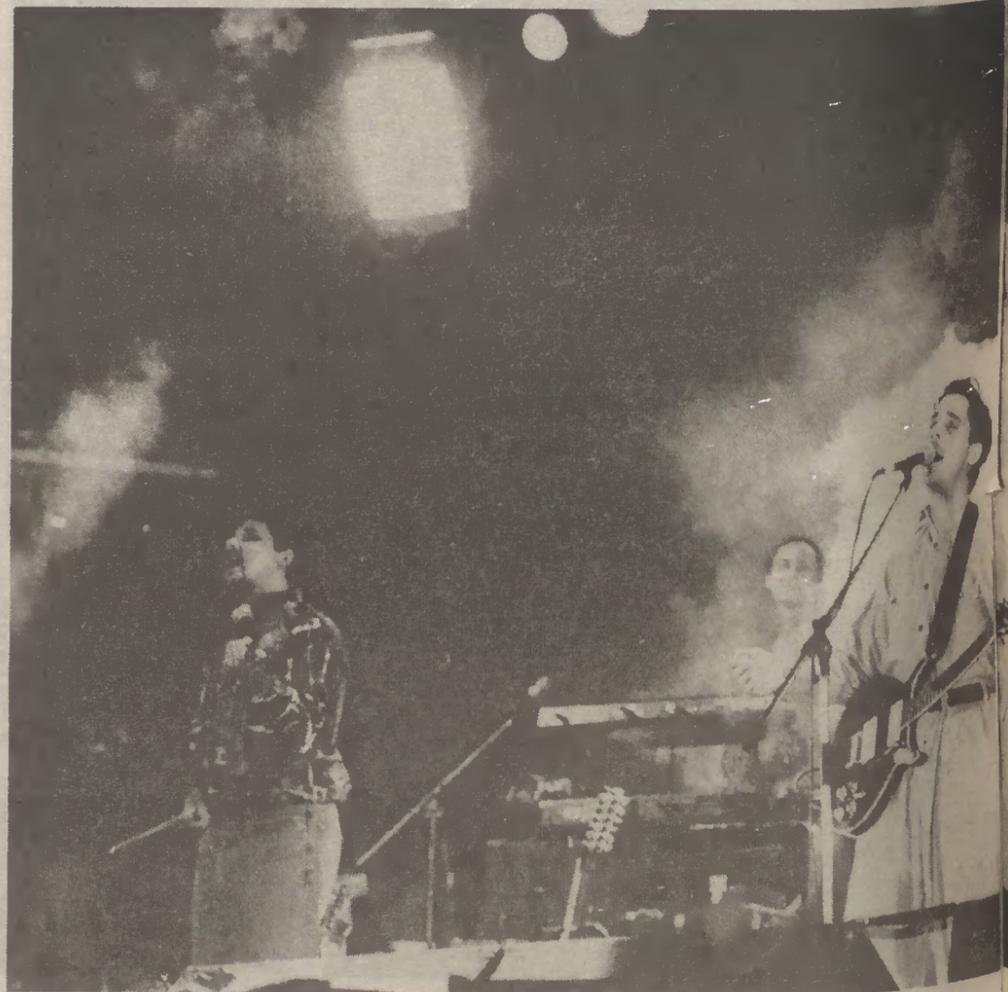


Luísa Basto esteve em dois espectáculos na Festa. O primeiro, no Auditório, onde a cantora mostrou alguns dos trabalhos do seu último álbum. O outro decorreu no Palco Lisboa, e foi dedicado à memória de Ary dos Santos. Nele participaram também Nuno Gomes dos Santos, Samuel, Alberto Albuquerque (na foto), João Fernando, Mané e a banda de Mário Gramação

Espectáculos

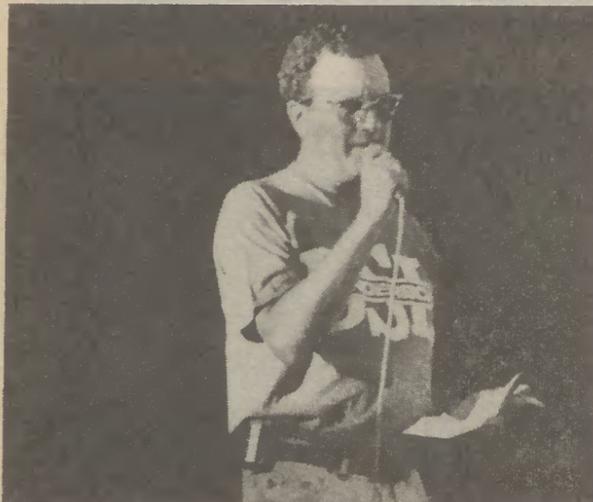


Peste & Sida: irreverência



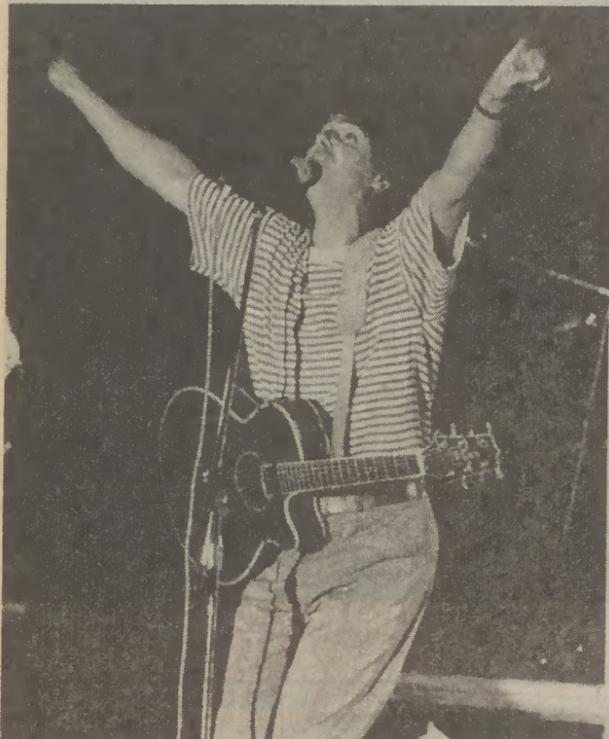
Sétima Legião com Gaiteiros de Lisboa: a cidade e as serras

Forças



O anfitrião Cândido Mota

portuguesas



Jorge Rivoti: presença



Ala dos Namorados: romantismo

A música portuguesa atingiu há alguns anos elevados níveis de profissionalização que se reflectem naturalmente não só nos discos, mas sobretudo nos espectáculos. Mais uma vez, a comprovação disso foi feita na Festa. Hoje a *rock* e a *pop* feitas no nosso país não se intimidam num espectáculo realizado num palco de largas dimensões perante um público de milhares de pessoas. Hoje a *rock* e a *pop* portuguesas têm discursos coerentes, actantes e interventivos, mobilizando milhares e milhares de jovens. São forças portuguesas no mundo da música popular.

Apropriadamente, Peste & Sida, Ritual Tejo e UHF apresentaram na Festa as versões de temas de José Afonso incluídas no álbum «Filhos da Madrugada», onde participam alguns dos principais grupos portugueses em exercício de homenagem à figura mais importante da música popular do nosso país feita nas últimas dezenas de anos.

O grupo Peste & Sida passa por uma fase de alterações, de procura de novos rumos, notando-se na Festa a tentativa de garantir e manter a identificação com o público através do recurso às canções mais conhecidas da já longa carreira da formação. A banda junta à constante atitude irreverente o discurso interventivo, como foi exemplificado pelas inúmeras referências à situação na Ponte 25 de Abril e à luta pela abolição da portagem. Plateia cheia e entusiástica frente aos Peste.

Na mesma medida e qualidade se quantificou o público do Ritual Tejo, onde pontifica um vocalista que procurou sempre ultrapassar essa difícil barreira que constitui a separação inevitável entre uma plateia imensa e um palco com uma boca de cena com dezenas de metros. O Ritual parece ter atingido esse breve lapso de tempo que medeia entre a espontaneidade e a maturidade de um grupo pop.

Um dos melhores espectáculos dos músicos portugueses presentes no Palco 25 de Abril foi sem dúvida o dado pelos UHF, o grupo de António Manuel Ribeiro, agora servido por um conjunto de músicos de grande qualidade, mantendo as marcas características da personalidade do autor e compositor dos temas com o discurso poético mais consistente no nosso mundo rock. O UHF talvez seja o grupo em actividade com maior número de anos de carreira no nosso país mas demonstrou ser mais que uma simples referência histórica no nosso rock.

Outra vertente da música popular produzida em Portugal foi levada à Atalaia para encerrar a Festa: O Sétima Legião com os Gaiteiros de Lisboa reafirmaram os cruzamentos entre a música tradicional de raiz rural com a urbanizada e actual da pop dos nossos dias, que caracterizam e fazem o timbre próprio do Sétima. O apetite ficou aguçado para escutarmos a evolução futura, em disco e espectáculos, das percussões e gaitas de foles que fazem as músicas dos Gaiteiros de Lisboa.

A Ala dos Namorados aposta numa áurea de sensibilidade e romantismo, na composição de temas bem estruturados e na voz e pre-



Meninos da Avó: graça



Jorge Palma e Flak: canções do quotidiano



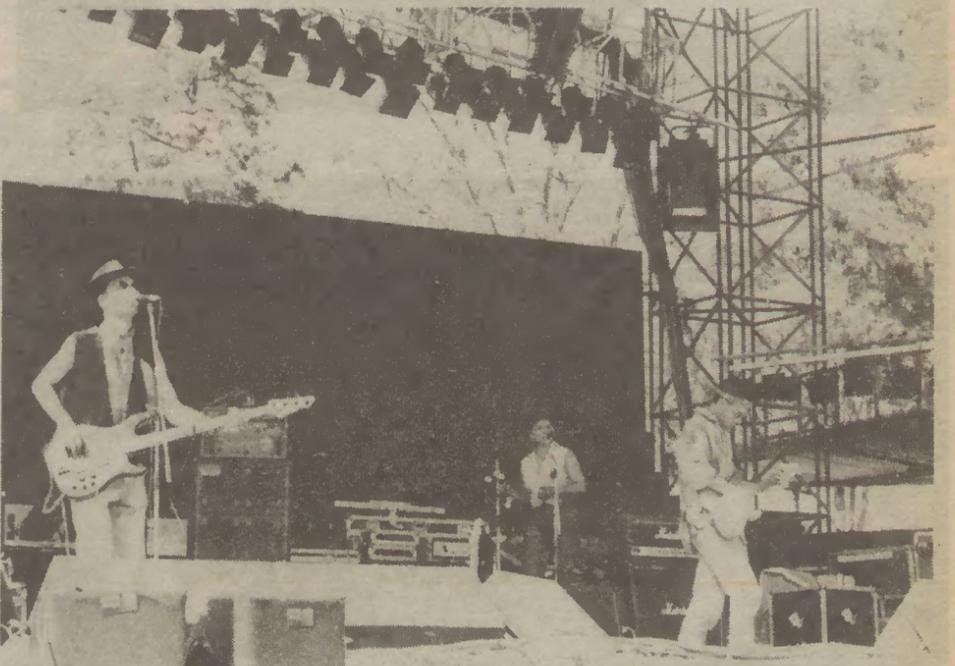
Ritual Tejo: procurar estar junto do público



UHF: os anos do rock



Joel Xavier: o virtuoso



João C. Bom: o bom blues

sença original de um cantor de extensão vocal perfeitamente invulgar. O sucesso conseguido em disco parece ter sequência, pelo que nos foi dado ver, na Atalaia, nos espectáculos da formação.

Dos espectáculos do Palco 25 de Abril recordamos ainda a alegria dos **Meninos da Avó**, um grupo que recria grandes sucessos da música portuguesa dos anos 80 com uma energia poderosa em palco, e o de **Joel Xavier**, o jovem nascido a 25 de Abril de 1974, que hoje é um virtuoso músico, talvez um dos melhores guitarristas do nosso país. **João C. Bom** apresentou-nos um som claro e límpido, uma estética com raiz no blues a perseguir caminhos de um rock bem pensado.

No Auditório, o grande espectáculo de música portuguesa foi-nos oferecido por **Jorge Palma e Flak**. As grandes canções do quotidiano que fazem a história da carreira de **Palma**, numa versão para guitarras e piano a transbordar por um Auditório manifestamente pequeno para albergar todos os que desejavam ouvir os músicos e a confirmação de **Palma** como autor de preferência por um número elevadíssimo de jovens, alguns nascidos com os discos onde estão alguns dos temas que em coro cantam com o músico.

Finalmente, uma referência a **Jorge Rivoti**, um jovem que no Auditório actuou como se estivesse num grande estádio, a merecer a aprovação do público presente, motivando três *encores* e a eleição da canção dedicada a **Johnny Ye Ye** como a preferida das compostas por **Rivoti**.



Espectáculos



Laurent Filipe e a Orquestra Som do Mundo: a fusão



Carlos Martins: Tocar (no) Zeca

Lugares



Geová Nascimento: jazz com raiz brasileira

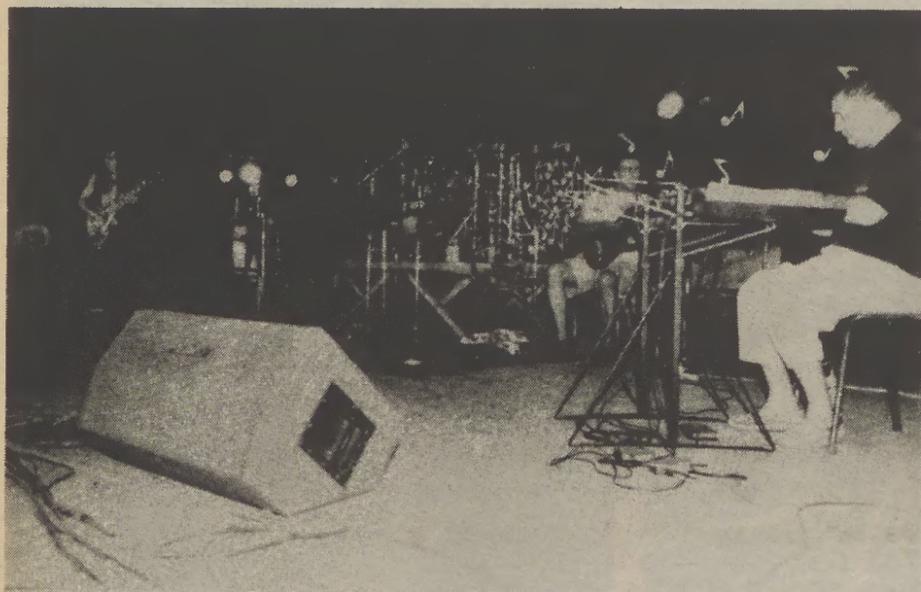


Septeto de Tomás Pimentel: música pensada

de desordem

A festa do «Avante!» é o lugar de todas as músicas. Dos espectáculos para multidões aos concertos para amantes de sons especiais. Parafraseando o

nome de um dos grupos de *jazz* presentes na edição deste ano da Festa, estes são os «lugares de desordem» onde a ordem se forma pela energia dos sons.



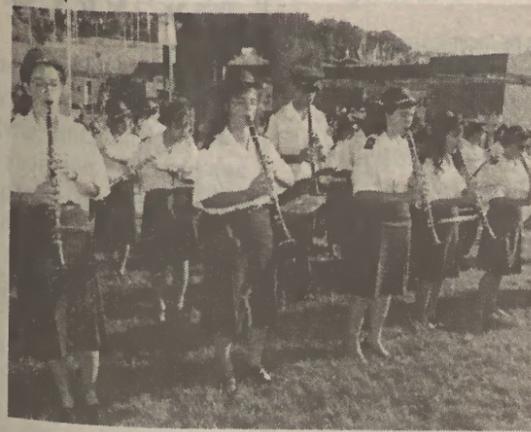
Telectu: aventuras e atrevimentos



Lugar da Desordem: em formação



SONS



DE



TODA



A



FESTA



«AVANTEATRO»

Teatro é no «Avante!»

Passagem obrigatória para milhares de visitantes, o Avante-teatro há muito que nos habituou aos bons espetáculos que são levados à cena por esse país fora. Este ano não foi excepção. Sempre com grande adesão do público, a programação ofereceu oito representações encenadas por seis companhias.

Na sexta-feira, a sala abriu para apresentar a peça «Greensleeves» do Teatro da Malaposta. No sábado, o Teatro em Movimento alegrou a pequenada com uma peça de «robertos» dedicada à temática da alimentação. Esta companhia voltaria a estar em cena na manhã de domingo com outra peça para crianças - «História do guarda Cabrita e do diabo Manita», um texto, tal como o anterior, da autoria de Leandro Vale.

O Teatro O Bando, que comemora o seu 20º aniversário, esteve este ano na Festa com duas peças: «Afonso Henriques» e «Amanhã». A noite de sábado seria ainda marcada com uma encenação da obra de Goethe, «Fausto» apresentada por Cápsula - Teatro de Marionetes.

No domingo, foi a vez do Grupo Intervalo com a peça «O Cabaret do Conde/Marquês», uma mistura de café-teatro, revista, comédia e farsa.

O Avante-teatro encerraria no domingo com a casa completamente a abarrotar. Muito antes da hora, já duas longas filas se tinham formado cá fora aguardando a abertura das portas para o espectáculo «Dançar Zeca Afonso» da Companhia de Dança Contemporânea. Três dias recheados de bons momentos.



Grupo Intervalo



Teatro da Malaposta



Companhia de Dança Contemporânea



Cápsula



Teatro em Movimento



O Bando

PONTOS CARTEAIS

Pela boca morre quem?

Não vamos falar do escândalo que no Brasil aconteceu por um político ter dito o que lhe ia na alma. A questão nem foi essa. Não foi pelo que lhe ia na alma que o obrigaram a demitir-se, nem sequer por o dizer em privado. Foi por ter sido ouvido em público. Milhares de quilómetros mais longe, um outro político ia para a rua. Era nada mais nada menos que o chefe do Comité de Estado para a Imprensa, Boris Mironov. O outro Boris, o patrão dele, também chamado Ieltsin, correu com o seu colaborador por este ter declarado aos jornalistas que sim, senhores, era nacionalista. E disse mais: «Se o nacionalismo russo é fascismo, então sou fascista.» Como se vê, o homem não foi demitido por ser fascista. Foi-o apenas por o ter dito.

Notícias à escolha

No mesmo dia, uma notícia e uma manchete, em diferentes jornais, desmentem-se uma à outra. Aconteceu antontem

— o «Diário de Notícias» avisa os seus leitores, muito discretamente, que a gasolina vai aumentar. Na primeira página do «Correio da Manhã», entretanto, em gordas letras, a gasolina vai baixar... O consumidor, esse, vai ver realmente como é...



Devagar que tenho pressa

Mas os recentes aumentos dos combustíveis fizeram também das suas na rádio. Antontem de manhã, por exemplo, o sempre ágil Sena Santos procurava, na TSF, saber das razões de tais aumentos. Perante a recusa do ministro Mira Amaral, que o recambiara para a Direcção-Geral da Energia — e frustrado, ainda, pela ausência providencial de qualquer representante deste organismo —, Sena resolveu então telefonar a um «especialista», um qualificado representante da BP (curiosamente, parte interessada na matéria). Tão interessada que, de imediato, a dita parte lhe explicou tratar-se de um «reajustamento normal», de um reflexo do aumento do preço médio apurado em sete países da União Europeia, regulado, aliás, pela portaria n.º x, barra y, traço z. Acontece que — argumentava ainda Santos — não apenas o dólar baixara como também o preço do crude na OPEP igualmente conheceu um decréscimo! Não faz mal! Logo o «especialista» da BP lhe retorquiu que esses efeitos se faziam sentir no nosso país com algum atraso — coisa talvez explicável por um qualquer furo de Portugal no pelotão da frente. Foi então que, perante o que deve ter considerado uma explicação sensata e razoável, Sena Santos agradeceu solícito ao «especialista», adiantando que certamente dentro de uma ou duas semanas tudo seria reposto nos conformes... Fica aqui um conselho: que o jornalista não se esqueça de telefonar, daqui a duas semanas, àquela parte para lhe perguntar se ainda demora muito o reflexo. O mínimo que lhe pode acontecer, nessa altura, é que também o «especialista» esteja ausente. Talvez a contar uns tostões.

Uma estranheza do Diabo

O pasquim «O Diabo» já há muito que revela não viver neste mundo da realidade portuguesa, mas nas sombras saudosas do passado. Desta vez, desenterra uma pergunta: «Porquê Ponte 25 de Abril na publicidade do MOPTC?» E relembra os nomes por que é conhecida a Ponte, não se esquecendo, pudera!, do nome de Salazar que foi, letra a letra, arrancado dali pelos populares no seguimento do 25 de Abril. Diz «O Diabo» que recebeu «várias cartas e telefonemas de leitores a manifestar a sua estranheza pelo facto» de o Ministério das Obras Públicas chamar à obra, «oficiosamente», Ponte 25 de Abril. É uma estranheza do Diabo. E se tal estranheza se justificar por o Governo de Cavaco Silva se identificar cada vez mais com o autoritarismo dos velhos tempos, tão caros ao mafarrico?

FRASES da SEMANA

«A assumpção de poderes de revisão ordinária da Constituição é um convite aos partidos políticos (a todos os partidos) para que reflectam na mais nobre sede parlamentar sobre as deficiências e incorrecções do sistema político.»

— (António Vitorino, PS - «Semanário», 03.09.94)

«Quem contribuir para a perda de uma tal oportunidade não poderá mais tarde mostrar-se surpreendido que Portugal passe a integrar o lote daqueles países europeus onde a crise do sistema representativo e da função política já põe em causa a própria essência das liberdades públicas e constitui incentivo à progressão de novas ideologias autoritárias e totalitárias.»

— (idem)

«Em nossa opinião o PS só tem um caminho a seguir e uma decisão a tomar se ainda quiser fazer marcha atrás nas graves responsabilidades que lhe cabem neste processo (de revisão constitucional) e se quiser pôr termo ao triste espectáculo que, semana após semana, está a dar nesta matéria.»

— (Carlos Carvalhas, secretário-geral do PCP, na Festa do «Avante!», 04.09.94)

«Um partido (o PS) que muda tanto de opinião — normalmente para pior — bem pode, por uma vez, mudar de opinião para melhor.»

— (idem)

«Se me dizem que a minha profissão é político, eu digo que sou professor.»

— (Cavaco Silva, em «20 anos 20 nomes», da SIC, citado em «Diário de Notícias», 06.09.94)

«A minha mulher, que vivia em Lisboa e tinha mais dificuldades, é que era mais mobilizada (durante o regime salazarista). Eu vinha do Algarve, não podia arriscar chumbar.»

— (idem)

«Ainda bem que Portugal tem um primeiro-ministro com sorte.»

— (idem)

«Eu caí neste lugar por uma questão do destino.»

— (idem)

«O meu maior receio é não ter futuro.»

— (concorrente de 14 anos ao «Pátio da Fama» - Canal 1, 05.09.94)

PONTOS NATURAIS

Transplante

Não batas mais, coração
coração ao natural
nau catrineta, vulcão
bomba hidráulica, timão
ou pacífico animal
na grande selva perdido
menininho sem sentido
quando a mãe não tem ao pé
ou quando, fumo esquecido,
sobe às nuvens, mas sem fé,
não batas mais, coração
que te não estão merecendo
os que, mais frágil te vendo,
mais desencontros te dão
onde mais irás morrendo
cravos pisados no chão
desprezados ideais
agraciados chacais
ressuscitados punhais
não batas mais, coração
não, não batas, se viver
apenas consiste em ter
(se possível com bom trato)
que beber e comer
ser cadáver e barato
que tudo olha indiferente
e olhando, de lado, passa
sem mais saber doutra gente
sem nunca saber que tem
direito ao estado de Graça
e se retorna o agrário
àquele velho entremez,
que se julgou ir de vez,

do cavalo milionário
e do pobre camponês
e se anda aí quem só manda
ao mando só por quem anda
quando a dinheiro tresanda
em busca da mais-valia
dia e noite, noite e dia,
olha pobre quem sofreu
rico quem aproveitou
e felizardo o sandeu
desgovernado quem deu
amanhado quem tirou
olha fino e de gravata
só quem a TV conhece
e não quem cedo amanhece
e não quem esgaravata
onde só a ervinha cresce
olha quem, viva e galante
passeia, cheinho o papo,
pela coluna elegante
a seda passa, adiante
da forte honradez de um trapo
pois assim as cousas vão
pela via oficiosa
com a gente desgostosa
coração, esquece a rosa,
não batas mais, coração
se neste longe da hora
tanto a dor nos desafora
e nos dói o dom da vista
que até o humor deita fora
e até chora o humorista,
se a augústia de não ter pão

nos tira o sono e a razão
e o peso em cima da asa
nos fecha dentro de casa,
por que bates coração?

Não vou saber mais de ti
não te quero mais aqui
dou-te de pasto à urtiga
depois de tudo o que vi
coração, faço uma figa
não quero sofrer com o mal
que me desanca o juízo
e pois me arruína o riso
coração, ponto final:

vou pôr um, com um sorriso,
coração artificial...



Mário Carreira

... e agora...



Uma mentalidade democrática

A Revolução de Abril e com ela o exercício da liberdade, a luta pela aplicação de direitos e por direitos, o debate de ideias, a participação cívica, a intervenção política, trouxeram consigo a alteração de mentalidade.

Uma mentalidade que rejeita o submissivo e a fatalidade.

Uma nova cultura em que...

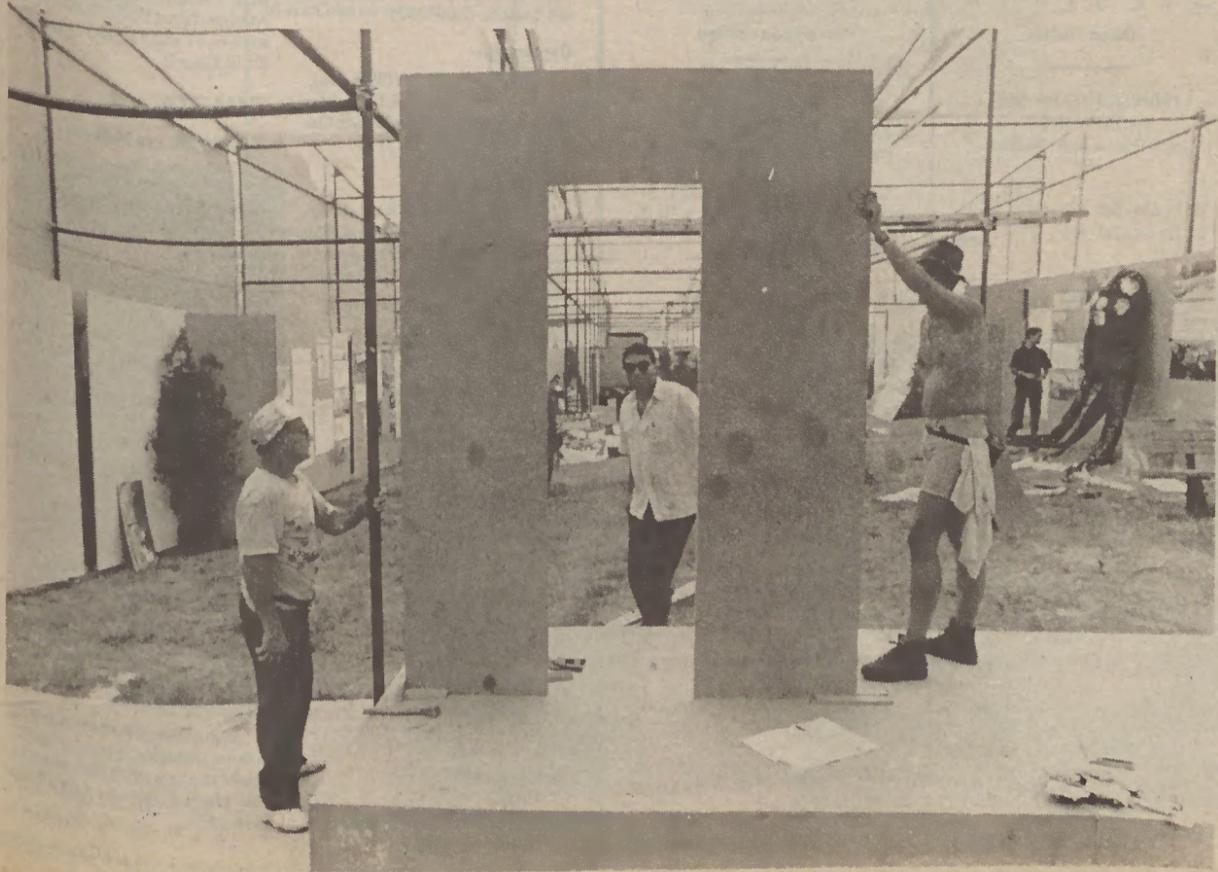
... do seu papel do indivíduo acção colectiva, a afirmação de liberdade cultural, o progresso, soberania, dependência nacional.

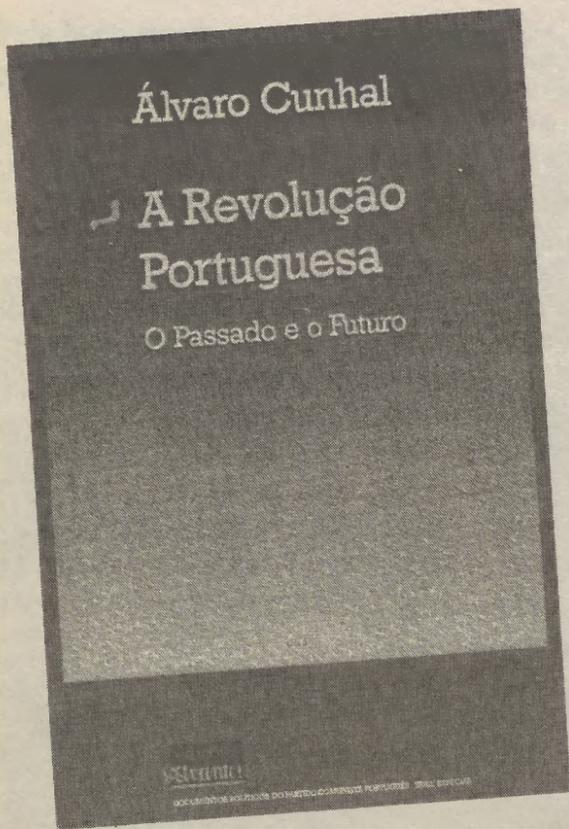
a desimplantação!

Muitas tarefas esperam os comunistas e as suas organizações nos próximos tempos. A agenda do nosso jornal passará a dar, como é hábito, anúncio dessas actividades e iniciativas, conforme forem chegando à Redacção.

Entretanto, uma tarefa importante está, como nos

anos anteriores, a mobilizar muitos camaradas. Trata-se de proceder à desimplantação das numerosas estruturas da Festa, na Atlaia. E de arrumar conscienciosamente materiais que irão servir para o ano que vem. Muito trabalho, pois, depois da Festa...





Álvaro Cunhal A Revolução Portuguesa O Passado e o Futuro

Pela enormíssima quantidade de dados factuais que reúne e sistematiza, pelo rigor das análises e conclusões que faculta, *A Revolução Portuguesa. O passado e o Futuro* permanece uma obra insuperada de referência e de consulta para o estudo dos dois anos e meio da Revolução portuguesa.

Nesta reedição, publica-se também o artigo que o autor escreveu para a revista *Vértice* com o título «A Revolução de Abril 20 anos depois», o qual não só proporcionará ao leitor uma esclarecedora síntese do processo político português nas duas últimas décadas, mas também contribuirá para que reflecta criticamente sobre o que se afirmava em *A Revolução Portuguesa*, constituindo assim como que um prefácio de actualização a esta obra.

Preço: 2500\$00

Desejo receber o livro *A Revolução Portuguesa. O Passado e o Futuro*, de Álvaro Cunhal, à cobrança, acrescido das despesas de porte.

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Telef. _____

Enviar para Edições «Avante!», SA
Alameda St. António dos Capuchos, 6-B
1100 Lisboa

PALAVRAS CRUZADAS

1															
2															
3															
4															
5															
6															
7															
8															
9															
10															
11															
12															
13															

HORIZONTAIS: 1 — Jacto de água quente que irrompe do solo, intermitente; ferro curvo que serve para arrombar fechaduras (pl.). 2 — Lamentos; igreja episcopal (pl.); oceano. 3 — Leilão de produtos de pesca; adorno feminino; tira com violência. 4 — Cem metros quadrados; peregrinação religiosa; ribeira portuguesa. 5 — Concede; nota musical; membro de ave; letra grega; saudável. 6 — Frutos da romãzeira; fábrica (bras.). 7 — Astro-rei; letra grega. 8 — Latadas; fruto silvestre. 9 — Atmosfera; batráquio; principal rio da Suíça; basta; rádio (s.q.). 10 — Cortina; qualquer aparelho que se destina a iluminar; tranquilidade. 11 — Dificuldade (fig.); superior de uma ordem religiosa; etapa. 12 — Remoinho de água (prov.); argola; doçura (fig.). 13 — Tostara; silenciosa.

VERTICAIS: 1 — Sorvete; dança em compasso binário, muito em voga nos sécs. XVII e XVIII. 2 — Discursa, rente. 3 — Barco de recreio; relação; costumes. 4 — Senhora (bras.); dente queixal; panela (prov.). 5 — Existes; viscera dupla; semelhante; aspecto. 6 — Cobalto (s.q.); altar cristão; igual (farm.). 7 — Adições; dança popular brasileira. 8 — Aposento de um religioso, no convento (pl.); aguçã. 9 — Festa nocturna; charrua. 10 — Graceja; afirmativa; ofereça. 11 — Américo (s.q.); nome de poeta português; base aérea portuguesa; cânhamo de Manila. 12 — Interj. de pancada; agrava; mau humor (fig.). 13 — Larvas que se criam nas feridas dos animais; fruto da ateira; parte do boné que serve de anteparo aos olhos. 14 — Cintura; pano de arrás. 15 — Sementeiras; jornal.

SOLUÇÃO DO N.º 1081

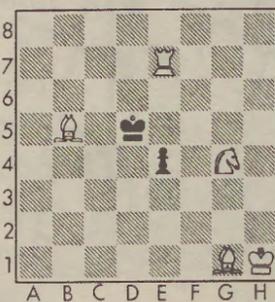
HORIZONTAIS: 1 — Soberanos; sagaz. 2 — Or; lótus; Aare; 3 — Cãs; lãs; adro; a.C.; 4 — Odes; avia; Ana; 5 — Anil; área; crer; 6 — Agosto; Rá.; ali; 7 — Só; Otão; taça; aa; 8 — Tua; al; remoto; 9 — Avis; tear; reis; 10 — Lés; vaís; Ural; 11 — Im; Diva; mem; Obi; 12 — Vaga; péras; os; 13 — Efeso; salineiro.

VERTICAIS: 1 — Soco; Estaline; 2 — Orada, ouvem; 3 — Sena; ais; vé; 4 — El; sigo; dás; 5 — Rol; lota; Vigo; 6 — Atar; saltava; 7 — Nus; ato; eia; 8 — Os.; aro; rás; pá; 9 — Avé; ter; mel; 10 — Adiarã; feri; 11 — Sara; açor; Man; 12 — Aro; ateu; se; 13 — Ge.; ara; oiro; 14 — Anela; sabor; 15 — Zacarias; liso.

XADREZ

CDLXXVI - 8 DE SETEMBRO DE 1994
PROPOSIÇÃO Nº 1994X065
Por: WILLIAM ANTHONY SHINKMAN
Blumenthals Schachminiaturen, 1903

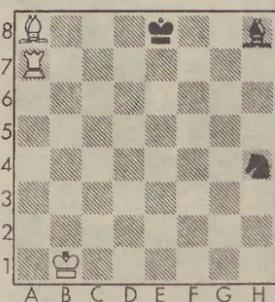
Pr: [2]: P64 - Rd5
Br: [5]: Cg4 - Bb5, g1 - T67 - Rh1



Mate em 5 lances

PROPOSIÇÃO Nº 1994X066
Por: HENRI RINCK
1.ª Menção Honrosa, Basler Nachrichten, 1924

Pr: [3]: Ch4 - Bh8 - R68
Br: [3]: Ba8 - Ta7 - Rb1



Branças jogam e ganham

SOLUÇÕES DO Nº CDLXXVI

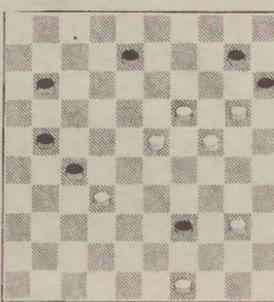
Nº 1994X065 [W.A.Sh.]: 1. Bb6! e3; 2. Cc3+ Rd6; 3. Cf5+, Rd5; 4. Ba5, Rf5; 5. Te5!++
1. Rd6; 2. Te4, Rd5; 3. Cf6+, Rd6; 4. Ba6, Rf6; 5. Ba6, Rf6; 6. Te6!++
Nº 1994X066 [H.R.]: 1. Bc6+, Rf8; 2. Ta8+, Rg7; 3. Bc4! e ganha.

A. de M. M.

DAMAS

CDLXXVI - 8 DE SETEMBRO DE 1994
PROPOSIÇÃO Nº 1994D065
Por: JEAN-FRANÇOIS FOCCROULLE
Dame à La Une n.º 49, Junho/1994

Pr: [7]: 8-10-11-15-21-27-39
Br: [7]: 19-20-23-24-32-40-49

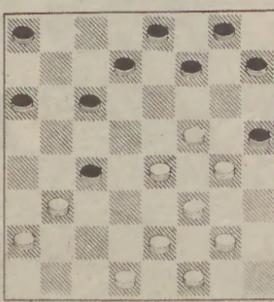


Branças jogam e ganham

PROPOSIÇÃO Nº 1994D066

GOLPE Nº 85
Por: ANTÓNIO EDUARDO IGREJAS
Porto Brandão [ALMADA], 12.IV.1953

1. 10-14, 22-18; 2. 5-10, 27-22; 3. 12-15, 31-27; 4. 1-5, 23-20; 5. 14-19, 18-14; 6. 11-18, 20-11; 7. 7-14, 22-15; 8. 9-13, 21-17; 9. 4-7, 28-23; 10. 7-12 DIAGRAMA.



Pretas jogam e ganham

SOLUÇÕES DO Nº CDLXXVI

Nº 1994D065 [J.-F.F.]: 1. 49-43!, (27x49 = D); 2. 19-13!
SE: (49x28/37/41); 13x2=D, (15x24); 2x45+ (49x32); 12x2=D e 2x5+ (49x46); 12x2 = D e 2x5+
Nº 1994D066 [A.E.I.]... 10. 23-19; 11. 14-23, 27-20; 12. 12-19, 25-22; 13. 18-27, 30-14; 14. 10-19, 17-1 = D+

A. de M. M.

FILMES

QUINTA, 8

O Prazer da sua Companhia

«The Pleasure of his Company» (EUA/1961). Real.: George Seaton. Int.: Fred Astaire, Debbie Reynolds, Lilli Palmer. Cor, 114 min. Ver Destaque. (14.00, TV 2)

A Pele

«La Peau» / «La Pelle» (Fr./It./1981). Real.: Liliana Cavani. Int.: Marcello Mastroianni, Burt Lancaster, Claudia Cardinale. Cor, 131 min. Drama. (14.20, SIC)

Sandra e o Pintor

«Rising Damp» (Gr.Br./1980). Real.: Joe McGrath. Int.: Leonard Rossiter, Frances de la Tour, Don Warrington. Cor, 95 min. Comédia. (00.15, Canal 1)

SEXTA, 9

Os Homens Preferem as Morenas

«Gentlemen Marry Brunettes» (EUA/1955). Real.: Richard Sale. Int.: Jane Russell, Jeanne Crain, Alan Young, Scott Brady. Cor, 97 min. Comédia Musical. (14.00, TV 2)

Um Vigarista Encantador

«To Sleep with Anger» (EUA/1990). Real.: Charles Burnett. Int.: Danny Glover, Paul Butler, Mary Alice. Cor, 100 min. Fantasia. (14.20, SIC)

Terror nas Profundidades

«Deep Star Six» (EUA/1989). Real.: Sean S. Cunningham. Int.: Taurean Blaque, Nancy Everhard, Miguel Ferrer. Cor, 92 min. Horror / Ficção Científica. (00.00, Canal 1)

O Homem Ferido

«L'Homme Blessé» (Fr./1983). Real.: Patrice Chéreau. Int.: Jean-Hugues Anglade, Vittorio Mezzogiorno, Lisa Kreuzer. Cor, 105 min. Ver Destaque. (00.05, SIC)

A Culpa Foi do Macaco

«Monkey Business» (EUA/1952). Real.: Howard Hawks. Int.: Ginger Rogers, Cary Grant, Charles Coburn, Marilyn Monroe. P/B, 92 min. Ver Destaque. (00.30, Quatro)

SÁBADO, 10

Uma Aventura na China

«China Girl» (EUA/1942). Real.: Henry Hathaway. Int.: Gene Tierney, George Montgomery, Lynn Bari, Victor McLagen. P/B, 96 min. Drama de Guerra. (11.50, TV 2)

O Analista do Presidente

«The President's Analyst» (EUA/1967). Real.: Theodor J. Flicker. Int.: James Coburn, Godfrey Cambridge, Severn Darden. Cor, 100 min. Ver Destaque. (15.00, SIC)

Céu Dourado

«Blue Skies» (EUA/1946). Real.: Stuart Heisler. Int.: Fred Astaire, Bing Crosby, Joan Caulfield, Billi De Wolf. Cor, 101 min. Ver Destaque. (15.35, Canal 1)

Chisum, O Senhor do Oeste

«Chisum» (EUA/1970). Real.: Andrew V. McLagen. Int.: John Wayne, Forrest Tucker, Christopher George, Ben Johnson. Cor, 111 min. «Western». (17.00, Quatro)

Páscoa Feliz

«Joyeuses Paques» (Fr./1984). Real.: George Lautner. Int.: Jean-Paul Belmondo, Marie Laforêt, Sophie Marceau. Cor, 95 min. Comédia. (20.30, TV 2)

Caravaggio

«Caravaggio» (Gr.Br./1986). Real.: Derek Jarmon. Int.: Nigel Terry, Sean Bean, Garry Cooper, Dexter Fletcher. Cor, 90 min. Biográfico. (23.35, TV 2)

As Vozes da Ira

«Talk Radio» (EUA/1988). Real.: Oliver Stone. Int.: Eric Bogosian, Alec Baldwin, Ellen Greene, Leslie Hope, John C. McGinley. Cor, 105 min. Ver Destaque. (00.20, Quatro)

Como se Faz Superman I / / Como se Faz Superman III

«The Making of Superman I» / «The Making of Superman III» (EUA/1983). Documentários. (00.30, SIC)

Os Fantasmas do Futuro

«Trancers» (EUA/1984). Real.: Charles Band. Int.: Tim Thomerson, Helen Hunt, Michael Stefani, Art Le Fleur. Cor, 75 min. Ver Destaque. (00.45, Canal 1)

DOMINGO, 11

O Agente da Broadway

«Broadway Danny Rose» (EUA/1984). Real.: Woody Allen. Int.: Woody Allen, Mia Farrow, Nick Apollo Forte, Milton Berle. Cor, 83 min. Ver Destaque. (14.30, SIC)

Morte no Nilo

«Death on the Nile» (Gr.Br./1978). Real.: John Guillermin. Int.: Peter Ustinov,

Jane Birkin, Lois Chiles, Bette Davis, Mia Farrow, John Finch, David Niven, Maggie Smith, Angela Lansbury, George Kennedy. Cor, 115 min. Ver Destaque. (15.40, Canal 1)

A Feira do Riso

«Funny People» (Áfr. Sul/1983). Real.: Jamie Uys. Apanhados. (20.00, Quatro)

A Balada da Praia dos Cães

«A Balada da Praia dos Cães» (Port./Esp./1986). Real.: José Fonseca e Costa. Int.: Raul Solnado, Patrick Bauchau, Assumpta Serna, Sergi Mateu, Pedro Efe, Henrique Viana, Carmen Dolores. Cor, 77 min. Drama. (21.50, SIC)

Aguirre, O Aventureiro

«Aguirre, der Zorn Gottes» (RFA/1972). Real.: Werner Herzog. Int.: Klaus Kinski, Cecilia Rivera, Helena Rojo, Ruy Guerra. Cor, 90 min. Ver Destaque. (23.45, TV 2)

Malucos e Libertinos

«High Spirits» (EUA/1988). Real.: Neil Jordan. Int.: Peter O'Toole, Steve Guttenberg, Daryl Hannah, Donald McCann. Cor, 94 min. Comédia Romântica. (00.25, Canal 1)

SEGUNDA, 12

Dois à Italiana

«Questi Fantasma» (It./Fr./1967). Real.: Renato Castellani. Int.: Sophia Loren, Vittorio Gassman, Mario Adorf. Cor, 88 min. Comédia. (14.00, TV 2)

A Banqueira

«La Banquière» (Fr./1980). Real.: Francis Girod. Int.: Romy Schneider, Jean-Louis Trintignant, Jean-Claude Brialy, Claude Brasseur. Cor, 126 min. Ver Destaque. (14.20, SIC)

Beleza Fatal

«Fatal Beauty» (EUA/1987). Real.: Tom Holland. Int.: Whoopi Goldberg, Sam Elliot, Ruben Blades. Cor, 100 min. Acção. (22.30, SIC)

Mexendo com o Perigo

«Marked for Murder» (EUA/1989). Real.: Rick Sloane. Int.: Wings Hauser, Renée Estevez, James Mitchum, Ross Hagen. Cor, 86 min. Policial. (00.50, Canal 1)

TERÇA, 13

Will Penny

«Will Penny» (EUA/1967). Real.: Charlton Heston, Joan Hackett, Donald Pleasence, Lee Majors, Bruce Dern. Cor, 104 min. Ver Destaque. (14.00, TV 2)

O Acontecimento

Mais Importante Desde que o Homem Chegou à Lua

«L'Événement le Plus Important Depuis que L'Homme a Marché sur la Lune» (Fr./1973). Real.: Jacques Demy. Int.: Catherine Deneuve, Marcello Mastroianni. Cor, 91 min. Comédia. (14.20, SIC)

Dia de Tempestade

«Storm Monday» (Gr.Br./1987). Real.: Mike Figgis. Int.: Melanie Griffiths, Tony Lee Jones, Sting, Sean Bean, James Cosmo. Cor, 89 min. «Thriller». (22.20, TV 2)

É Bom de Mais para Ser Verdade

«Too Good to be True» (EUA/1988). Real.: Christian I. Nyby, II. Int.: Loni Anderson, Patrick Duffy, Glynnis O'Connor. Cor, 92 min. Telefilme Dramático. (01.10, Canal 1)

QUARTA, 14

O Almirante era Mulher

«The Admiral was a Lady» (EUA/1950). Real.: Albert S. Rogell. Int.: Edmond O'Brien, Wanda Hendrix, Rudy Vallee. P/B, 84 min. Comédia. (13.55, TV 2)

O Processo

«Le Procès» (RFA/It./Fr./1963). Real.: Orson Welles. Int.: Anthony Perkins, Romy Schneider, Jeanne Moreau, Elsa Martinelli, Orson Welles. P/B, 116 min. Ver Destaque. (14.20, SIC)

A Torre do Inferno

«The Towering Inferno» (EUA/1974). Real.: John Guillermin e Erwin Allen. Int.: Steve McQueen, Paul Newman, William Holden, Faye Dunaway. Cor, 165 min. Catástrofe. (22.00, Quatro)

A Vida, o Amor e as Vacas

«City Slickers» (EUA/1991). Real.: Ron Underwood. Int.: Billy Crystal, Daniel Stern, Bruno Kirby, Jack Palance. Cor, 115 min. Ver Destaque. (00.00, Canal 1)

Nota: a Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

PROGRAMAÇÃO

Quinta, 8

CANAL 1

08.00 Garfield
08.30 As Gêmeas de Sta. Clara
09.00 A Ilha do Tesouro
09.25 Rua Sésamo
10.00 Pollianna
10.25 Os Raposinhos
10.50 Campo de Férias
11.20 Pé Grande e os Amigos
11.40 Culinária
11.55 Dora e Diário
12.05 Perigosas Peruas
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Prisioneira de Amor
14.25 Cupido Electrónico
14.50 Pesca, Pesca
15.50 7º Direito
16.30 Acção em Miami
17.40 Culinária
17.50 Ana Raio e Zé Trovão
19.10 Com a Verdade m' Enganas
20.00 Telegiornal
20.35 Fera Ferida
21.30 Isto... Só Vídeo
22.00 O Tal Canal
23.15 Os Inocentes
23.55 24 Horas
00.15 Sandra e o Pintor
(ver «Filmes na TV»)

CANAL 2

12.00 Infantil
13.00 Os Caminhos da Arte
14.00 O Prazer da sua Companhia
(ver «Filmes na TV»)
15.50 Aprender com a Vida
16.35 Sobreviver
17.00 Infantil
17.55 Os Vingadores
18.45 Um, Dó, Li, Tá
18.45 A Vida de Joe
19.45 Sartilhos Com Elas
20.15 Portugal e o Mar - 8 Séculos de História
21.15 Desenhos Animados
21.30 TV2 Jornal
22.00 RTP/Financial Times
22.10 Remate
22.20 The Dunera Boys
23.50 O Grande Irá
00.30 O Quartel General
01.30 Frederick Forsyth

SIC

11.35 Grimmy
12.00 Tropicaliente
13.00 Notícias
13.20 Os Donos da Bola
13.50 Praça Pública
14.20 A Pele
(ver «Filmes na TV»)
16.00 Falas Tu ou Falo Eu
17.00 Notícias
17.20 Mulher Proibida
18.20 Sonho Meu
19.25 O Juiz Decide
20.00 Jornal da Noite
20.40 Mulheres de Areia
21.40 Minas e Armadilhas
22.50 Casos de Polícia
00.05 Último Jornal
00.25 Os 40 Anos da Playboy

QUATRO

10.00 Lumen 2000
11.00 Animação
11.40 Já Tocou
12.05 O Justicheiro
13.05 Visto Isto
13.30 Cassandra
14.30 Um Anjo na Terra
15.30 Caixa de Perguntas
16.00 As Aventuras do Cavalo Preto
16.30 Flintstones
17.05 Alf
17.30 Morena Clara
18.20 Caprichos
18.50 Estrela
19.30 Informação Quatro
20.05 «The Round Table»
21.00 MacGyver
22.00 Queen
00.15 Última Hora
00.40 Fora de Jogo
00.55 Modelo e Detective

Sexta, 9

CANAL 1

08.05 Garfield
08.30 As Gêmeas de Sta. Clara
09.00 A Ilha do Tesouro
09.25 Rua Sésamo
09.50 Golo
10.15 Os Raposinhos
10.40 Campo de Férias
11.20 Pé Grande e os Amigos
11.40 Culinária
11.55 Dora e Diário
12.05 Perigosas Peruas
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Prisioneira de Amor
14.25 Cupido Electrónico
14.50 Pesca, Pesca
15.50 7º Direito
16.30 Acção em Miami
17.40 Culinária
17.50 Ana Raio e Zé Trovão
19.10 Com a Verdade m' Enganas
20.00 Telegiornal
20.35 Fera Ferida
21.30 Jogos Sem Fronteiras
23.05 Cheers
23.40 24 Horas
24.00 Terror nas Profundidades
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

12.00 Infantil
13.00 Os Caminhos da Arte
14.00 Os Homens Preferem as Morenas
(ver «Filmes na TV»)
15.40 Aprender com a Vida
16.30 Segredos do Mundo
17.00 Infantil
17.55 Os Vingadores
18.45 Um, Dó, Li, Tá
19.45 James Cagney
20.20 Hitler
21.15 Desenhos Animados
21.30 TV2 Jornal
22.10 Fórmula 1
22.25 Remate
22.35 Corrida de Touros
23.50 Música Cigana da Roménia
00.55 Frederick Forsyth

SIC

11.35 Grimmy
12.00 Tropicaliente
13.00 Notícias
13.20 Os Donos da Bola
13.50 Praça Pública
14.20 Um Vigarista Encantador
(ver «Filmes na TV»)
16.00 Falas Tu ou Falo Eu
17.00 Notícias
17.20 Mulher Proibida
18.20 Sonho Meu
19.30 O Juiz Decide
20.00 Jornal da Noite
20.40 Mulheres de Areia
21.40 Mini Chuva de Estrelas
22.45 Último Jornal
23.05 Playboy
00.05 O Homem Ferido
(ver «Filmes na TV»)

QUATRO

10.00 Lumen
11.00 Animação
12.00 Já Tocou
12.05 O Justicheiro
13.05 Visto Isto
13.30 Cassandra
14.30 Um Anjo na Terra
15.25 Encontro
15.30 As Aventuras do Cavalo Preto
16.00 Animação
16.30 Flintstones
17.05 Alf
17.30 Morena Clara
18.20 Caprichos
18.50 Estrela
19.30 Informação Quatro
20.05 «The Round Table»
20.30 Marés Vivas
21.00 MacGyver
21.30 Queen
24.00 Última Hora
00.25 Fora de Jogo
00.45 A Culpa Foi do Macaco

Sábado, 10

CANAL 1

08.00 Programa Infantil/Juvenil
12.00 Luta Livre Americana
13.00 Notícias
13.10 Made in Portugal
13.40 Heróis do Ar
15.10 Emoções Fortes
15.35 Céu Dourado
(ver «Filmes na TV»)
17.10 Onda de Verão
18.50 Beverly Hills 90210
19.45 Totoloto
20.00 Jornal de Sábado
20.45 Futebol - Jornada 3
22.40 Na Paz dos Anjos
23.40 Parabéns
00.45 Os Fantasmas do Futuro
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

11.00 Universidade Aberta
11.50 Uma Aventura na China
(ver «Filmes na TV»)
13.30 Tauromaquia
14.00 Musical: «Musiques d'Afrique du Sud» (2ª parte)
15.00 Portugal e o Mar
16.00 TV2 Desporto
20.30 Páscoa Feliz
(ver «Filmes na TV»)
22.00 De Lisboa, Com Amor
22.05 Desenhos Animados
22.15 No Cumprimento do Dever
23.05 Nos Bastidores...
23.35 Caravaggio
(ver «Filmes na TV»)
01.00 Woops

SIC

11.30 Programa Infantil/Juvenil
13.15 Portugal Radical
13.30 Gladiadores Americanos
14.20 Nunca Digas Banzai
15.00 O Analista do Presidente
(ver «Filmes na TV»)
17.00 Curvas Perigosas
18.00 Lei e Ordem
19.00 Minas e Armadilhas
20.00 Jornal da Noite
20.40 Mulheres de Areia
21.40 Os Trapalhões
22.40 A Brincar, a Brincar
23.10 Último Jornal
23.30 Água na Boca
00.30 Como se Fez «Superman»
(ver «Filmes na TV»)

QUATRO

08.00 Animação
10.30 Lassie
11.00 Vamos ao Circo
12.00 Caça ao Canudo
13.00 Contra-Ataque
14.00 Proezas de Hollywood
14.30 Top 25
15.10 Estrela
17.00 Chisum - O Senhor do Oeste
(ver «Filmes na TV»)
19.30 Informação Quatro
20.10 O Jogo do Ganso
00.05 Última Hora
00.30 As Vozes da Ira
(ver «Filmes na TV»)

Domingo, 11

CANAL 1

08.00 Programa Infantil / Juvenil
12.00 Blossom
12.30 Sem Limites
13.00 Notícias
13.10 Eu Tenho Dois Amores
13.40 Missão Impossível
14.40 Top +
15.40 Morte no Nilo
(ver «Filmes na TV»)
17.55 Onda de Verão
18.45 Os Simpsons
19.10 Casa Cheia
19.45 Joker
20.00 Jornal de Domingo
20.45 Futebol: Jornada 3
22.45 Na Paz dos Anjos
23.45 Sozinhos em Casa
00.25 Malucos e Libertinos
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

09.00 Caminhos
10.00 Novos Horizontes
10.30 70 x 7
11.00 Missa
11.55 Ordens Militares e Religiosas em Portugal
12.25 Regiões
13.45 TV2 Desporto
20.30 Musical - «Chick Corea no Coliseu do Porto»
21.40 Artes e Letras - «Rauschenberg»
22.40 TV2 Desporto
23.45 Aguirre, o Aventureiro
(ver «Filmes na TV»)

SIC

11.00 Verão Radical
11.30 Programa Infantil/Juvenil
13.15 Portugal Radical
13.30 Vida Selvagem
14.30 O Agente da Broadway
(ver «Filmes na TV»)
16.40 Tudo pelas Notícias
17.40 Obras em Casa
18.10 Bravo Bravíssimo
20.00 Jornal da Noite
20.40 Os Trapalhões
21.10 Labirinto
21.50 A Balada da Praia dos Cães
(ver «Filmes na TV»)
23.30 Último Jornal
00.10 Balada de Nova Iorque
01.10 Fórmula Indy

QUATRO

08.00 Animação
10.30 Lassie
11.00 Animação
11.30 Informação Religiosa
12.00 Vaticano em Directo
12.15 Missa
14.00 Cêus de África
15.15 Queridos Inimigos
17.30 Patinagem Artística
18.35 Duque de Ouro
19.00 Trocado em Miúdos
19.30 Informação
20.05 A Feira do Riso
(ver «Filmes na TV»)
22.00 Turno da Noite
24.00 Última Hora
00.20 Caixa de Perguntas

Segunda, 12

CANAL 1

08.00 Garfield
08.30 As Gêmeas de Sta. Clara
09.00 A Ilha do Tesouro
09.25 Rua Sésamo
10.00 Pollianna
10.25 Os Raposinhos
10.50 Campo de Férias
11.20 Pé Grande e os Amigos
11.45 Culinária
12.00 Perigosas Peruas
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Prisioneira de Amor
14.25 Cupido Electrónico
14.50 Pesca, Pesca
15.50 7º Direito
16.30 Acção em Miami
17.40 Culinária
17.50 Ana Raio e Zé Trovão
19.10 Com a Verdade m' Enganas
20.00 Telegiornal
20.35 Fera Ferida
21.30 Nico d' Obra
22.30 Contos Assombrosos
23.30 Calor Tropical
00.30 24 Horas
00.50 Mexendo com o Perigo
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

12.00 Infantil
13.00 Os Caminhos da Arte
14.00 Dois à Italiana
(ver «Filmes na TV»)
15.30 Aprender com a Vida
16.20 Sobreviver
16.50 Infantil
17.55 Os Vingadores
18.45 Um, Dó, Li, Tá
19.45 Sartilhos com Elas
20.20 Polo a Polo
21.30 TV2 Jornal
22.00 RTP/Financial Times
22.10 Remate
22.20 Teatros: «Calamity Jane»
23.55 Estranho Interlúdio
01.30 Frederick Forsyth

SIC

12.00 Tropicaliente
13.00 Notícias
13.20 Os Donos da Bola
13.50 Praça Pública
14.20 A Banqueira
(ver «Filmes na TV»)
16.00 Falas Tu ou Falo Eu
17.00 Notícias
17.20 Mulher Proibida
18.20 Sonho Meu
19.25 O Juiz Decide
20.00 Jornal da Noite
20.40 Ora Bolas, Marina
22.15 Beleza Fatal
(ver «Filmes na TV»)
00.35 Último Jornal
00.55 Os 40 Anos da Playboy

QUATRO

10.00 Lumen
11.00 Animação
11.40 Já Tocou
12.05 O Justicheiro
13.30 Cassandra
14.30 Um Anjo na Terra
15.25 Encontro
16.00 As Aventuras do Cavalo Preto
16.35 Flintstones
17.15 Alf
17.35 Morena Clara
18.30 Caprichos
18.50 Estrela
19.30 Informação Quatro
20.05 Marés Vivas
21.00 MacGyver
22.00 Luzes da Ribalta
24.00 Última Hora
00.25 Fora de Jogo
00.40 Aventureiros

Terça, 13

CANAL 1

08.00 Garfield
08.30 Charlie Brown
09.00 A Ilha do Tesouro
09.25 Rua Sésamo
10.00 Pollianna
10.25 Os Raposinhos
10.50 Campo de Férias
11.20 Pé Grande e os Amigos
11.50 Culinária
12.00 Perigosas Peruas
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Prisioneira de Amor
14.25 Cupido Electrónico
14.50 Pesca, Pesca
15.50 7º Direito
16.30 Acção em Miami
17.40 Culinária
17.50 Ana Raio e Zé Trovão
19.10 Com a Verdade m' Enganas
20.00 Telegiornal
20.35 Fera Ferida
21.30 Nico d' Obra
22.00 Miss Itália
22.55 Você Decide
23.55 A Lei das Ruas
00.45 24 Horas
01.10 É Bom de Mais para Ser Verdade
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

12.00 Infantil
13.00 Para Além do Ano 2000
14.05 Will Penny
(ver «Filmes na TV»)
15.30 Aprender com a Vida
16.20 Sobreviver
16.50 Infantil
17.55 Os Vingadores
18.50 Um, Dó, Li, Tá
19.45 Sartilhos com Elas
20.20 Rotações
21.30 TV2 Jornal
22.00 RTP/Financial Times
22.10 Remate
22.20 Dia de Tempestade
(ver «Filmes na TV»)
23.50 Wild Wheels
00.45 Discovery Programm

SIC

12.00 Tropicaliente
13.00 Notícias
13.20 Os Donos da Bola
13.50 Praça Pública
14.20 O Processo
(ver «Filmes na TV»)
16.00 Falas Tu ou Falo Eu
17.00 Notícias
17.20 Mulher Proibida
18.20 Sonho Meu
19.25 O Juiz Decide
20.00 Jornal da Noite
20.40 Mulheres de Areia
21.50 Cenas de Um Casamento
22.50 Carne e Sangue
23.55 Último Jornal
00.15 Sim, Sr. Ministro
00.45 Os 40 Anos da Playboy

QUATRO

10.30 Lumen 2000
11.00 Animação
11.40 Já Tocou
12.05 O Justicheiro
13.05 Visto Isto
13.30 Cassandra
14.30 Um Anjo na Terra
15.30 Animação
16.00 As Aventuras do Cavalo Preto
16.30 Flintstones
17.05 Alf
17.30 Morena Clara
18.20 Caprichos
18.50 Estrela
19.30 Informação Quatro
20.05 Cavaleiros da Justiça
21.00 MacGyver
22.00 Queridos Inimigos
24.00 Última Hora
00.25 Fora de Jogo
00.40 Anúncios do Outro Mundo
01.10 Modelo e Detective

Quarta, 14

CANAL 1

08.00 Garfield
08.30 Charlie Brown
09.00 Uma Boleia Até...
09.25 Rua Sésamo
09.50 Pollianna
10.15 Os Raposinhos
10.40 Jatman
11.20 Pé Grande e os Amigos
11.40 Culinária
12.00 Perigosas Peruas
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Prisioneira de Amor
14.25 Cupido Electrónico
14.50 Pesca, Pesca
15.50 7º Direito
16.30 Acção em Miami
17.40 Culinária
17.50 Ana Raio e Zé Trovão
19.10 Com a Verdade m' Enganas
20.00 Telegiornal
20.20 Futebol: Hajduk Split-Benfica
21.30 Nico d' Obra
23.20 Vamos Jogar no Totobola
23.30 S6 Riso
24.00 A Vida, o Amor e as Vacas
(ver «Filmes na TV»)
02.00 Informação

TV 2

12.00 Infantil
13.00 Beethoven - Concertos para Piano (últº progr.) *
13.55 O Almirante Era Mulher
(ver «Filmes na TV»)
16.10 Aprender com a Vida
17.00 Infantil
17.50 Os Vingadores
18.45 Um, Dó, Li, Tá
19.45 Sartilhos com Elas
20.20 Seis Arquitectos Europeus
21.15 Desenhos Animados
21.30 TV2 Jornal
22.00 RTP/Financial Times
22.10 Remate
22.20 Grande Noite
23.35 Guernica
00.30 Discovery Programm

SIC

12.00 Tropicaliente
13.00 Notícias
13.20 Os Donos da Bola
13.50 Praça Pública
14.20 O Processo
(ver «Filmes na TV»)
16.00 Falas Tu ou Falo Eu
17.00 Notícias
17.20 Mulher Proibida
18.20 Sonho Meu
19.25 O Juiz Decide
20.00 Jornal da Noite
20.40 Mulheres de Areia
21.50 All You Need Is Love
22.50 Caça ao Tesouro
00.35 Último Jornal
00.55 Os 40 Anos da Playboy

QUATRO

10.00 Lumen 2000
11.00 Animação
12.00 Já Tocou
12.30 O Justicheiro
13.05 Visto Isto
13.30 Cassandra
14.30 Um Anjo na Terra
15.20 Animação
16.00 As Aventuras do Cavalo Preto
16.30 Flintstones
17.15 Alf
17.35 Morena Clara
18.30 Caprichos
19.30 Informação Quatro
20.05 Cavaleiros da Justiça
21.00 MacGyver
22.00 A Torre do Inferno
(ver «Filmes na TV»)
01.00 Última Hora
01.25 Fora de Jogo



«The Dunera Boys», uma história de judeus perseguidos, no final dos anos 30, com Bob Hoskins, 5ª feira na TV2



MacGyver de regresso, agora na Quatro



«James Cagney - uma carreira», 6ª feira na TV2



Guernica, terra-mártir do País Basco: filmes e fotos da época num documentário, 4ª à noite na TV2

Por isto e por aquilo...

O Prazer da sua Companhia (Quinta, 14.00, TV 2)

Uma excelente comédia que nos conta a história do repentino reaparecimento de um pai de família - viagrista, cínico e oportunista mas... bem mais divertido do que o *certinho* novo padrasto de uma rapariga que cai nos braços do progenitor, para desespero da restante família. Uma boa distribuição de intérpretes, todos em grande forma, em particular Fred Astaire, tão à vontade como quando dança.

O Homem Ferido (Sexta, 00.05, SIC)

«Não é um filme sobre a homossexualidade na medida em que não é nem a pintura de um meio fechado nem um documentário sobre a fauna que povoa as gares» - declarou, a propósito desta obra, o seu realizador Patrice Chéreau. O argumento desta história pessimista parte de uma obra escrita com um lirismo amargo, próximo de Jean Genet, e a câmara movimenta-se com precisão por entre os cenários frios e sórdidos que enquadram um mundo patético.

A Culpa Foi do Macaco (Sexta, 00.30, Quatro)

Comédia absolutamente irresistível - ao jeito das melhores *screwball* -, ela leva-nos ao encontro de um professor respeitável que, ingerindo um soro de rejuvenescimento, experimenta como resultado uma irreprimível tendência para brincar aos índios e *cowboys* com os filhos, enquanto a esposa (também atraída por tão milagrosa poção) recua a um tal infantilismo que cria pesadelos na família... A brilhante realização é de Howard Hawks e, como se isto não bastasse, nos principais papéis sobressaem Ginger Rogers e Cary Grant!

O Analista do Presidente (Sábado, 15.00, SIC)

Mais uma divertidíssima comédia - esta metendo espíões americanos, russos, funcionários governamentais, etc. - em que se contam as desventuras de um psicanalista do presidente dos EUA. James Coburn tem aqui uma surpreendente actuação, excelentemente acompanhado por William Daniels.



David Niven, Peter Ustinov e Bette Davis, numa cena de «Morte no Nilo», de John Guillermin

O Agente da Broadway (Domingo, 14.30, SIC)

Desta vez afastando-se de Freud, mas acenando em direcção a Capra ou Chaplin - sem esquecer Daymond Runyon - Woody Allen construiu aqui uma excelente comédia, brilhantemente interpretada por si próprio e por Mia Farrow (sem esquecer figuras «secundárias» como esse inesperado Nick Apollo Forte) que nos conta a história de um pobre agente artístico da Broadway com uma flagrante tendência para se ocupar de artistas em começo de carreira ou em plena decadência, os quais, por uma razão ou por outra, acabam por ir parar às mãos de outros circuitos artísticos com mais «iniciativa», que roubam ao nosso pobre pequeno agente os «louros» das suas ocasionais «descobertas». Tudo é encenado por Woody Allen com o seu habitual e multifacetado talento, desta vez num filme rodado num adequado e granulento preto-e-branco e, como sempre, tendo por pano de fundo uma Nova Iorque sempre a descobrir pela sua mão.

Morte no Nilo

(Domingo, 15.40, Canal 1)

Numa superprodução recheada de vedetas (algumas apenas entrando para dizer «olá!») - o que significa uma

operação comercial de grande envergadura - estamos aqui perante o universo de Agatha Christie, atravessado de mistério, ironia e *suspense*. Ou melhor, podíamos ter estado se não fosse faltar à encenação e à escrita do filme a sutileza e invenção que sobra em algumas das interpretações, como é o caso da espantosa Maggie Smith (no papel de uma inquietante enfermeira), de Angela Lansbury (excelente na pele de uma *ex-vamp*) ou de Peter Ustinov (brilhante na sua representação, enquanto tal, embora fisicamente sempre longe da figura que todos imaginamos serem as de Poirot). Mas, para entreter umas boas horas, não ficamos nada mal servidos.

Aguirre, O Aventureiro

(Domingo, 23.45, TV 2)

Neste filme esplendoroso, que é ao mesmo tempo a mais poderosa obra de ficção encenada pelo realizador alemão Werner Herzog, estamos perante a cinematização do diário escrito por Gaspar de Carvajal que, no século XVI, foi um dos membros do exército espanhol, comandado por Gonzalez Pizarro (meio-irmão do brutal conquistador dos Incas), durante uma expedição ao Peru em busca da lendária cidade do ouro, *El Dorado*. Três aspectos,

apenas, cabem salientar neste curto espaço de recensão: a esmagadora interpretação de Klaus Kinski (na personagem do ambicioso *Don Lope de Aguirre*), o cenário natural escolhido para as filmagens (as florestas sul-americanas, um ambiente indicado por excelência para o tradicional e omnipresente *leitmotiv* dos filmes de Herzog - o homem em ligação e confronto com a natureza), a fabulosa direcção de fotografia de Thomas Mauch e a contida (e, por isso mesmo, eficaz) banda sonora de Popol Vuh. Sem dúvida, um dos melhores filmes da semana.

A Banqueira

(Segunda, 14.20, SIC)

Este filme de Francis Girod parte de um argumento baseado na vida real de uma mulher judia - Marthe Hanau - que provocou escândalo na sociedade parisiense dos anos 30 não apenas pela sua ostentada homossexualidade mas, sobretudo,

de, pela sua contestação do capitalismo em favor da poupança popular. Irregular na sua realização, independentemente dos luxuosos meios de produção, o filme vale em primeiro lugar pela invulgaridade do tema e, também, pela excelente interpretação de Romy Schneider num dos seus melhores papéis no cinema.

Will Penny (Terça, 14.00, TV 2)

Não sei se vos acontece o mesmo que a mim: tender a olhar para Charlton Heston como que vendo-o eternamente a fazer de Moisés, seja em que filme for. O que é uma óbvia injustiça, que acontece em relação aos melhores, e mais uma vez é desmentida ao vê-lo aqui na personagem brilhantemente composta de um cowboy cheio de dúvidas e fraquezas - precisamente à revelia dos habituais *clichés* dos *westerns* de Hollywood. É esse lado mais «realista» e mais próximo dos «humanos» que torna este filme simpático - o que já não é pouco - embora (paradoxalmente) o sintamos longe dos grandes clássicos do género que nos habituámos a admirar.

O Processo (Quarta, 14.20, SIC)

Optando pela cinematização de uma atmosfera barroca - em vez do universo fechado, cinzento e triste que poderia esperar-se do tema de que parte (o processo de Kafka) - Orson Welles criou um discutido, discutível mas fascinante objecto fílmico que transforma num pesadelo surrealista a leitura original do universo burocrático do romance. Nesse sentido, sem dúvida que experimentamos, plano a plano, sequência a sequência, o génio de um grande cineasta, num filme produzido na Europa.

A Vida, o Amor e as Vacas (Quarta, 00.00, Canal 1)

Numa época de alguma crise de criação em que o cinema americano é submergido pelos «efeitos especiais» e invadido pelos produtos industriais destinados a um consumo primário, universal e estandarizado, esta simples visão do Oeste num filme que, em tom de comédia, é de certo modo um *remake*-ao-contrário do clássico *Rio Vermelho* de Howard Hawks, desperta momentos de alguma diversão descontraída e frequente sorriso nos lábios. Nos tempos que correm, não está mal pensado. E Daniel Stern, Bruno Kirby e Billy Crystal (este bem melhor do que em alguns dos disparatados papéis dos seus últimos filmes) são uma boa companhia para o excepcional desempenho de Jack Palance (revisitando mais uma figura típica do *western*) que lhe valeu um Oscar para o Melhor Actor Secundário.



Klaus Kinski, intérprete principal de «Aguirre», de Werner Herzog

Céu Dourado (Sábado, 15.35, Canal 1)

Mais uma vez, o argumento não é o mais importante nesta despreocupada e despretenciosa comédia musical que serve de veículo para ouvirmos (e vermos) excelentes sequências musicais em que brilham os dotes de Astaire e Crosby em duetos admiráveis escritos por Irving Berlin. Mas a nota mais alta vai para o célebre *Puttin on the Ritz*, com um Fred Astaire em grande forma.

As Vozes da Ira

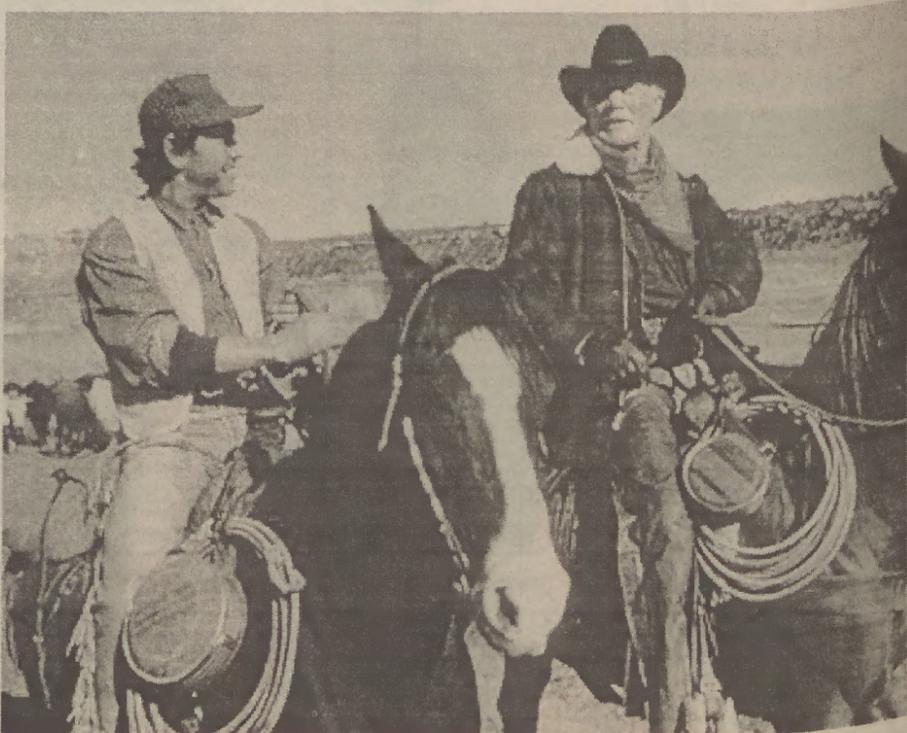
(Sábado, 00.20, Quatro)

Como avisadamente previne Leonard Maltin, é preciso que o espectador que nutra especial aversão pelos *talkshows* radiofónicos (em que um senhor todo-sabedor dá concelhos aos desesperados ouvintes que lhe telefonam a contar as suas desgraças) ultrapasse essa irreprimível alergia para poder aderir a este filme que tem como pano de fundo, precisamente, as contradições entre a complexa vida privada de uma dessas figuras da rádio e a «arrogância» e «auto-suficiência» da sua postura radiofónica. Um filme simultaneamente fascinante e repelente de Oliver Stone, polémico e contraditório na sua mensagem por vezes altamente reaccionária, mas realizado com mão firme e engenhosa e interpretado com brilho por Eric Bogosian, que também é o autor da peça de que foi extraído o argumento.

Os Fantasmas do Futuro

(Sábado, 00.45, Canal 1)

Em 2247, por entre as ruínas de Los Angeles, um detective da polícia, Jack Deth, persegue um tal Whistler, que comandava um bando de criaturas, chamadas *trancers*. Para eliminar os seus adversários, Whistler recua ao século XX para matar os seus antepassados, mas é perseguido pelo próprio Deth que acaba por matá-lo, condenando-o a errar pela eternidade sem poder reincarnar. Um filme de ficção científica, claramente inspirado em *Blade Runner*, e com uma encenação inventiva frequentemente recheada de forte humor.



Billy Crystal e Jack Palance, em «A Vida, o Amor e as Vacas», de Ron Underwood

Um carrasco no altar

O grande acontecimento mediático da passada semana era para ser a cobertura pela TV e pela Rádio do previsto embate, na Praça da Portagem da Ponte 25 de Abril, entre os indignados utentes e as chamadas forças da ordem. Era para ser, e foi. Não tanto como alguns auguravam, talvez com sangue a correr e decerto com bastões a espancar, mas de uma outra maneira. Câmaras e microfones da SIC e da TVI deram testemunho de como a generalidade dos cidadãos que ali passavam era hostil às novas taxas, mesmo quando acedia a pagá-las, e, mais importante ainda, como o poder se sentiu incomodado por não poder reprimir em segredo, sem que ninguém soubesse como e quanto, as receadadas contestações. As restrições cedo impostas ao trabalho de reportagem, de todo injustificadas, provaram largamente esse constrangimento, e aconteceu mesmo que um senhor coronel de bom aspecto se cobriu de ridículo quando afirmou perante as câmaras que tinha sido «arrastado pela avalanche de jornalistas».

O mais significativo de tudo, porém, terá sido aquele desabafo de um valente agente da ordem quando, instado por um jornalista para prestar um esclarecimento, rejeitou com rudeza o microfone e afirmou, com grande transparência e frontalidade: «Eu não tenho medo dessa merda!» Facilmente se entendia que a merda a que o senhor agente se referia com tanta coragem não era tanto o aparelhinho de metal e plástico, mas os ouvidos do País afinal presentes no microfone rejeitado. Por outras palavras: era a opinião pública. Não me lembro de outro momento em que um elemento das forças militarizadas tenha ilustrado com tanta nitidez, na Televisão, o seu apreço pela democracia. Por palavras, que quanto a gestos já antes víamos o bastante.

Um bicho mal enterrado

Temos, pois, que as reportagens da madrugada e manhã do dia 1, embora porventura desapontadoras para quem esperaria maior espectáculo, foram na passada semana o grande acontecimento televisivo. Por mim, contudo, confesso que aguardei com alguma impaciência e muita curiosidade o segundo episódio de uma mini-série que a TV2 está a transmitir às sextas-feiras, um pouco depois das 20 horas. Intitula-se «Hitler» («Hitler, a Carreira», em tradução literal do título alemão), e nem será preciso dizer por que me pareceu relevante, desde logo, a sua presença na Televisão portuguesa. Dir-se-á que àquela hora, com notícias e telenovelas na RTP1 e na SIC, escasso será o auditó-

rio sobranço para a TV2. Lembro-me, porém, de que quando se trata de Televisão até baixos índices de audiência correspondem a números absolutos interessantes, da ordem dos muitos milhares. E compreender-se-á, espero, que eu ache lamentavelmente exíguo o número de 100 mil telespectadores para uma rubrica de apaixonante interesse cultural (em confronto com um virtual «pleno» de sete milhões ou mais), mas me pareça perigosamente excessivo o mesmo número quando se trata de uma emissão talvez intoxicante. E não me acuse ninguém de usar dois pesos e duas medidas: de veneno, uma só gota pode ser de mais.

Ora, acontece que os dois episódios já vistos de «Hitler, a Carreira», faltando apenas um terceiro e último para que

a série termine, chegam e sobejam para que se saiba de ciência certa que se trata de um produto altamente tóxico. Dir-se-á porventura que Hitler é história antiga, que o bicho está morto, sim, mas não definitivamente enterrado. Que anda por aí muita gente a querer exumá-lo, e até a querer colocá-lo numa espécie de altar de onde possa inspirar novos crimes. E esta série, que já em 1977 causou escândalo quando transmitida na RFA, é uma interessante contribuição para essa sinistra tarefa.

O seguro que saiu caro

O tom dos dois terços da série que já pudemos ver é quase abertamente laudatório: texto e locução (mesmo a locução portuguesa) são percorridos por um hálito de

admiração, uma espécie de sopro épico que transforma a biografia de um criminoso numa gesta quase romântica. Têm também a ver com uma visão romântica as palavras usadas para descrever o futuro ditador: «pálido, arrebatado, solitário». Quanto aos decisivos factores que explicam a sua «irresistível ascensão», a série apenas releva a força inédita da máquina de propaganda, a vertente teatral que terá fascinado as massas, chegando ao ponto não apenas de omitir mas até de frontalmente negar dois vectores decisivos: o apoio financeiro do capitalismo não apenas alemão e o recurso sistemático à mais extremada violência no período anterior a 1933.

Quanto ao primeiro ponto, são palavras do primeiro episódio da série: «(Hitler) não estava disponível para uma aliança como o grande capital», situando esta suposta

indisponibilidade a partir dos anos 20. É mentira: está mais que provado que Hitler e o nazismo foram largamente subsidiados, no decurso da sua marcha para o poder, por figuras destacadas do grande capitalismo alemão e estrangeiro. Cito alguns nomes: Fritz Thyssen, Krupp, Bosh, Otto Steinbrink (do consórcio Frick), Ernest e Walther Tangelmann (dos grupos Gelsenkirchenbergwerke AG e Stein-Kolenbergwerke), Georg von Strauss (do Banco Alemão), Friedrich Reinhart (do Banco Comercial Privado AG), Otto Fischer (do Banco Mark, Fink & C^o), Emil Meyer (do Banco de Dresden), Karl Bashe (do Banco da Vestfália), Kurt von Schroder (Banco Stein), o americano Henry Ford, Henry Deterling do trust anglo-holandês Royal Dutch Shell, o sueco Otto Kreuger (!). E o mais importante: para toda esta gente e muita outra mais, o financiamento a Hitler representava um seguro contra o medo do comunismo que, após a Primeira Guerra Mundial, parecia alastrar numa Europa cansada de sangue e de exploração. De facto, o anticomunismo violentíssimo de Hitler foi a garantia do seu sucesso e o apregoado poder do seu carisma não é mais que uma estória que tem servido bem para camuflar a verdade fundamental que a série omite.

Argumentos para a infâmia

Mas «Hitler», a série, comete mais maldades. Negando a História, refere no primeiro episódio «a subida ao poder sem fazer uso da violência», alheando-se assim da prática sistemática, e aliás assumida, de assassínios e acções terrorizantes de vária ordem que integravam a estratégia nazi já muito antes de 33. No segundo episódio, transmitido na passada semana, encheu-nos os olhos de material filmico de propaganda nazi (o tácito pretexto da penúria de outras imagens documentais) e, assim, vimos muitos desfiles grandiosos, muitos «éxitos» da gestão de Hitler («as auto-estradas ainda hoje continuam associadas ao seu nome», garantiu-nos a locução), ao passo que a repressão e os campos de concentração apenas mereceram efémeros segundos de filme. Particularmente curiosa foi a forma como, antes de nos contar como o nazi Roehm foi mandado assassinar por Hitler, quase justificou o acto cobrindo o morto de epítetos desqualificantes e chegando a dizer que Roehm «queria o domínio do Estado pela violência», ao contrário do que o excelente Adolfo pretendia.

Amanhã, sexta-feira, será transmitido o terceiro e último episódio da série, e, dado que provavelmente cobrirá o período da Segunda Grande Guerra, é de crer que se torne mais difícil a tendência quase canonizante até agora seguida. Ainda assim, porém, o trabalho já visto é mais que bastante para dar eventual cobertura do «branqueamento» de Hitler por parte dos seus actuais adeptos, póstumos mas de modo nenhum condenados a serem apenas ridículos. O neonazismo que por aí secretamente alastra, emboscado, parece inofensivo, e sê-lo-á decerto enquanto o grande capital não se sentir ameaçado. Mas é como uma espécie de «exército de reserva» da infâmia. Uma série como esta, supostamente documental, só pode injectar-lhe algum alento e fornecer-lhe argumentos falsificados mas utilizáveis. A RTP, porém, não sabe destas coisas. Coitada, é como a Amália, que não percebe nada de política.

(!) Estes e outros nomes estão referidos em «A Conspiração Contra a Paz», de Michael Sayers e Albert Kahn (Seara Nova, 1947!) e «O Criminoso nº 1 — O regime nazi e o seu führer», de Melnikov e Tchernaia (Ed. «Avante!», 1985).



de FOICE Portugal original

Muitos milhares de visitantes da Festa do Avante! que não são utentes habituais da Ponte 25 de Abril estão agora em melhores condições, pela sua própria experiência, de testemunhar a amplitude e o significado do «buziã» que, a todas as horas do dia e da noite, continua a ecoar na zona da portagem. Por isso, podem também avaliar ainda melhor o gritante artificialismo e o patete ridículo da operação de mistificação com que muitos comentadores pretenderam viciar a interpretação e o balanço dos primeiros dias do recomeço da luta dos utentes.

Como se escreveu há uma semana, na terceira página do Avante!, o truque era muito simples: primeiro, elevava-se propositadamente a fasquia dos objectivos e das formas da luta, para em seguida, não sendo evidentemente essa fasquia alcançada, se poder proclamar que havia uma derrota do movimento dos utentes e uma vitória do Governo. Ora a verdade é que, situando-nos puramente no domínio dos factos passados, é uma evidência que, sem prejuízo de outras importantes formas de protesto cívico, a forma mais generalizada de protesto que foi proposta aos utentes para o recomeço da luta foi o «buziã», cuja existência e dimensão só pode ser negada pelos que respondem ao que lhes desagrada com a surdez política.

Sendo estes os factos indiscutíveis, fica então claro que só a má-fé ou a ligeireza podem explicar que tantos comentadores queiram julgar esta primeira semana do regresso desta luta não pelos objectivos e formas de protesto que ela própria fixou para este período de recomeço, mas pelas expectativas que terceiros quiseram apressadamente fomentar em relação ao seu reinício.

É muito curioso verificar que o mundo dá tantas voltas que até personalidades insuspeitas de qualquer «revolucionarismo» e que, nos idos de 1975, muito devem ter escrito contra o «vanguardismo» e outros horripilantes «ismos», agora não atribuem qualquer valor, importância ou significado profundo ao indiscutível descontentamento e ao permanente e bem audível protesto de dezenas de milhar de utentes. Neste esquema, não pode causar admiração que, entre muitos outros tão devotos das «realidades virtuais» quanto insensíveis à realidade que toda a gente conhece, Pacheco Pereira venha dizer que «o principal efeito não foi o protesto mas o consentimento», e que Marcelo Rebelo de Sousa venha dizer que «alguns buziniaram», que «não houve insatisfação activa» mas apenas «passiva» [?!] e, portanto, se registou uma «vitória esmagadora do Governo».

E assim ficamos a saber duas coisas essenciais: - a primeira é que o PSD, pelos vistos, já teria desistido de ganhar para o seu lado a opinião e a consciência dos cidadãos, bastando-lhe como motivo de conforto os efeitos da coacção e da força, o que só nos pode levar a desejar que assim se mantenham até às próximas legislativas; - a segunda é que Portugal, por obra e graça de inteligentíssimos comentadores e analistas, passou a ser o primeiro país do Mundo em que o descontentamento e o protesto populares contra a política de um Governo, afinal, o reforçam e lhe dão vitórias, o que só nos pode levar a tirar o chapéu a esta histórica contribuição para a definição da «originalidade» nacional.

Entretanto, também neste domínio, a luta continua.

■ VD

PCP comenta entrevista de Cavaco à SIC É preciso pôr termo à prepotência e à arrogância

Em comentário, ontem divulgado, às declarações de Cavaco Silva sobre as portagens na Ponte 25 de Abril, em entrevista à SIC, o Gabinete de Imprensa do PCP sublinha que «o que os utentes da Ponte 25 de Abril esperam e reclamam não é a fingida «compreensão» de um primeiro-ministro que teimosamente não quer nem compreender nem ouvir as justas razões do descontentamento e do protesto generalizados dos utentes. O que os utentes reclamam é sim o termo da teimosia da arrogância e da prepotência governamental, é a imediata anulação dos aumentos com a perspectiva da abolição da portagem».

O Gabinete de Imprensa salienta também que «os sacrificados utentes da Ponte 25 de Abril o que reclamam e exigem não é a insistência do primeiro-ministro em variações sobre uma «decisão difícil e impopular», mas o reconhecimento do carácter revoltantemente injusto de uma decisão que, como Cavaco Silva explicitamente confessou, visa fazer os utentes da Ponte 25 de Abril participarem no pagamento da construção de uma outra ponte que, na sua grande maioria, não virão a utilizar regularmente, o que configura um imposto manifestamente ilegítimo».

O Gabinete de Imprensa do PCP destaca igualmente que

«em vez de ofender os utentes ao introduzir veladamente uma distinção entre os «cidadãos

Aumentam os protestos na Ponte (foto de arquivo, do bloqueio de 24 de Junho)



sérios» e os outros, o primeiro-ministro devia era cuidar de evitar a gritante falta de seriedade dos seus argumentos, como foi patente quando recorreu ao argumento terrorista de que sem os aumentos das portagens ficaria financeiramente inviabilizada a construção da nova ponte. «Com efeito, a verdade é que os aumentos da portagem, sendo manifestamente gravosos para os utentes, têm entretanto um reduzido significado em termos de contribuição para cobrir o volume dos investimentos relativos à construção da nova ponte».

A nota renova ainda a solidariedade do PCP para com a luta dos utentes, que é saudada pela sua «valiosa unidade e grande persistência e determinação».

Utentes da Ponte fazem-se ouvir em São Bento

A Associação de Utentes da Ponte 25 de Abril apelou ontem à população de Lisboa e da Margem Sul para que reedite hoje à tarde o buziniã junto à residência oficial do primeiro-ministro.

Alberto Matos, membro da associação, disse à Agência Lusa que o protesto está marcado para as 18 horas, no quartelão que engloba a Assembleia da República e a residência oficial do primeiro-ministro.

Aquele membro da Associação de Utentes sublinhou, porém, que não será organizada

qualquer caravana em direcção a São Bento. Os promotores do protesto contam com o grande número de automobilistas que passa naquela zona ao fim da tarde e esperam também que alguns utentes da ponte se desloquem propositadamente ao local.

A iniciativa de estender o buziniã a São Bento visa assinalar o fim da primeira semana da luta contra os aumentos da portagem, referiu Alberto Matos, sublinhando que esta acção de protesto não implica, porém, o fim das buziniadas na ponte.

Governo responsável por burlas a emigrantes

O PCP acusa o Governo e o PSD de serem os responsáveis pelas burlas que se repetem com portugueses contratados para trabalhar na Alemanha.

Numa nota à imprensa, a Direcção da Organização na Emigração do PCP denuncia: «São milhares de trabalhadores contratados em Portugal ao abrigo da livre circulação de pessoas, em situação onde predominam os falsos contratos, a prática de baixos salários, extensos horários, condições de vida e de trabalho degradadas e sem direito à segurança social. Os recentes acontecimentos, que atingem cerca de 1800 portugueses, põem mais uma vez em evidência que o actual processo de integração comunitária é determinado por critérios monetaristas, em detrimento da coesão económica e social».

Mais à frente, a nota afirma que cabe ao Governo «uma grande parte da responsabilidade nesta situação, não só porque subcreve as orientações neoliberais traçadas pelas instâncias comunitárias, que fomentam tais situações, mas também porque não tem tido uma actuação firme de forma a pôr termo à actuação de intermediários de contratação de mão-de-obra que actuam em território nacional».

O PCP afirma que continuará «a denunciar estas situações, bem como a agir no plano institucional, na Assembleia da República e no Parlamento Europeu, em defesa dos direitos dos emigrantes».

Delegação do PCP visitou a República Popular da China

De 16 a 24 de Agosto, a convite do Comité Central do Partido Comunista da China, uma delegação do PCP, composta pelos camaradas Edgar Correia, membro da Comissão Política do Comité Central, Fernando Blanqui Teixeira, membro do Secretariado do CC, Helena Medina, membro do CC, e Albertina Marques Teixeira, visitou na China as regiões de Pequim, Tianjin e Changai.

A delegação visitou empreendimentos e empresas industriais e agrícolas, bem como diversos monumentos do património cultural, e encon-

trou-se com os respectivos responsáveis.

A delegação foi recebida pelos camaradas Wu Bang Guo, membro da Comissão Política do CC do PC da China, e Li Suzheng, membro do Comité Central e responsável do Departamento das Relações Internacionais do CC do PCP da China.

A visita, que se integrou no quadro da cooperação entre o PCP e o PC da China, contribuiu para aprofundar o mútuo conhecimento e relações de amizade existentes entre o PC da China e o PCP, os povos chineses e portugueses.

Comício da Festa: PCP protesta contra discriminação da RTP

«Um condenável regresso a critérios discriminatórios» é como o PCP considera a decisão da direcção de informação da RTP de não efectuar qualquer transmissão directa do comício da Festa do «Avante!» deste ano.

Numa carta enviada na semana passada ao director de informação da RTP, Manuel Rocha, o PCP protesta contra tal decisão, que «representa um lamentável e injustificado retrocesso em relação aos critérios adoptados pela RTP no ano passado, em que, após a transmissão em directo do

discurso do líder do PSD na festa do Pontal, assegurou também a transmissão em directo de iniciativas similares dos outros principais partidos, incluindo o comício de encerramento da Festa do «Avante!»

O procedimento da RTP é classificado como «um condenável regresso a critérios discriminatórios», que «criará legitimamente a suspeição de uma orientação que, em prejuízo de critérios de interesse informativo, favorece manifestamente o partido do Governo».

